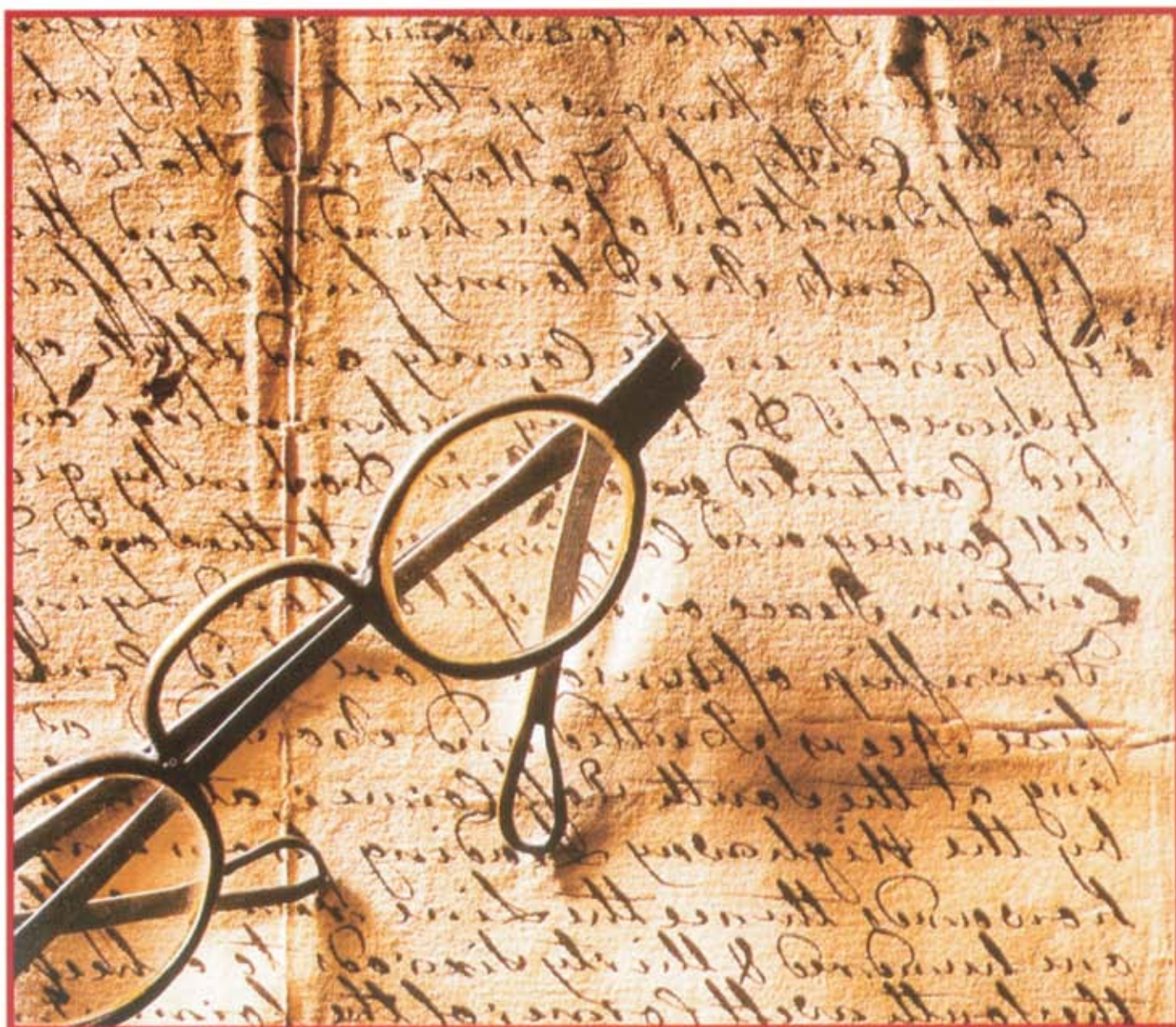


Esta edição é dedicada ao fragmento, um segmento de vivência.

iátrico

nº26



MYRON TAPLIN

Cultura do Fragmento

ÍNDICE

3

Cultura do fragmento

De todos e de ninguém

11

O valor dos provérbios

Cultura por excelência

20

Música e escolhas

Em dose dupla

36

Galeria

Fragmentos do Real

42

Encontro marcado

Salve-se quem souber

46

Ciência e ética

Fragmentos de uma conversa

52

Noite

Condenado a viver?

68

Mundo jurídico

O que o médico deve saber

73

Vida de médico

Dramas do cotidiano

75

Pioneiros da Medicina

Painel da obra dos médicos Iseu Affonso da Costa e Carlos Ravazzani.

Edições Anteriores - Confira as edições anteriores do *Iátrico* no site www.crmpr.org.br

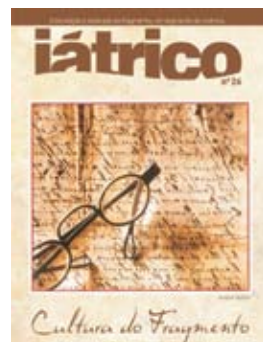
ESTA EDIÇÃO É DEDICADA AO FRAGMENTO, UM SEGMENTO DE VIVÊNCIA.

A CAPA

Carta como esta, mesmo sem endereçamento pessoal, é um fragmento. Um poema, a letra de uma música, uma crônica do Veríssimo ou um hai-cai do Millôr, jaculatórias e memes, são fragmentos. Como o são um

provérbio, uma melodia, uma prova científica, uma visão maravilhosa. Claro que também os desastres, o horrendo. Mas estes são tão comuns na realidade, entrando diariamente nas nossas casas pela tela da TV ou nos ambulatórios e hospitais em que trabalhamos, que não precisamos de muito esforço para apreendê-los. Saltam aos olhos. Embora muitos já estejam anestesiados para essa vivência bruta, que teima em ser constante desde sempre que já não se importam. A repetição gera acomodação. Mas o grande esforço deve ser dispensado ao entendimento desses fragmentos, bons ou ruins, única maneira de construir inteirezas. E de extrair, quando possível, o que carregam de beleza, de verdade, e de bem, essa santíssima trindade da cultura. Sem escamotear o falso, o errado, o delirante, o tirânico. Só assim podemos sair do clichê e recriar nosso repertório vivencial. Cortar as amarras que nos tolhem e descobrir novos mundos, nas asas da imaginação, da reflexão e da liberdade. Sair do senso comum que aprisiona o homem na simploriedade cognitiva, para estender o voo à razão, ao bom senso, aquele que ajuíza e conduz o humano ao discernimento do falso e verdadeiro, para que as escolhas de cada um possam ser mais autênticas e sua vivência mais fértil. Para que nosso contato com a realidade não seja mera ilusão.

Este número do *Iátrico* é dedicado ao fragmento, mesmo que seja um clipe. Mas no padrão *Thriller*, de Michael Jackson. Chega da banalidade e da grossura da mão no saco!!! Esse tipo de fragmento não sensorializa, só emburrece e embrutece. 📌



iátrico

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICO-CULTURAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ - EDIÇÃO Nº 26
CRMPR - Rua Victorio Viezzer, 84 | Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340 | Fone: 41 3240-4026 | Email: iatrico@crmpr.org.br | Comissão de Comunicação: João Manuel Cardoso Martins, Carlos Roberto Goytacaz Rocha (presidente do CRMPR), Miguel Ibraim Abboud Hanna Sobrinho, Gerson Zafalon Martins, Luiz Sallim Emed, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, Hércio Bertolozzi Soares, Ehrenfried O. Wittig e Hernani Vieira | Editor-coordenador: João Manuel Cardoso Martins (Membro da Academia Paranaense de Medicina e Professor da PUCPR) | Jornalista Responsável: Hernani Vieira (CTRS 993/06/98v - SINDIJOR 816) | Projeto Gráfico e Diagramação: Upper Comunicação (41 3024-0674) | Impressão: Finaliza Acabamentos Gráficos | Tiragem: 22.000 exemplares | Edição Julho 2010.

Cultura do fragmento

"O homem, ao se despersonalizar numa multidão, não quer ter, nem quer dar razão a ninguém. Quer, apenas, ter o direito de não ter razão."

Ortega y Gasset, Rebelião das Massas.

Tudo é fragmento. Ou a *Odisséia* do Homero não o é? Um filme não o é? Agora o esforço para entender a luta de Ulisses, o grande herói da *Odisséia*, é muito diferente do de um filme, sem demérito ao cinema. Quando Homero registra a coragem e a habilidade de seu herói, revela todo potencial que entranhamos em busca de nossos objetivos, de nossos princípios, de nossa luta para atingir um equilíbrio interior que não sabemos bem qual seja, e que chamamos de felicidade. Que, nas palavras de outro poeta, se existe, há de ver que consiste na busca da felicidade. De quebra, faz um périplo pelos mitos, religiões e valores da humanidade, por isso sendo a primeira referência na cultura ocidental.

A *Odisséia*, se formos avante e é necessário sempre esforço e disciplina, ou a ação de um mediador intelectual, certamente provocará no leitor um impacto profundo, porque é inescapável a reflexão. Ou seja, com sua leitura temos um meio

"AGORA, SEJA UM LIVRO OU FILME, CLÁSSICO OU NÃO, O IMPORTANTE É QUE BUSQUEMOS ALARGAR NOSTRA BASE DE ENTENDIMENTO, NOS LIBERTAR DO SENSO COMUM QUE TUDO PASTEURIZA E HOMOGENEIZA, QUE NOS ENGESSA NA MESMICE."

para obter um bom fim, a meditação e possível discussão de um clássico. Por que clássico? Porque a cada releitura gera novas reflexões, novas sacadas. O que também pode acontecer com bons filmes. Ao impressionarem e fugirem dos clichês suscitam possibilidades

inesperadas. São fragmentos elucidativos.

Agora, seja um livro ou filme, clássico ou não, o importante é que busquemos alargar nossa base de entendimento, nos libertar do senso comum que tudo pasteuriza e homogeneiza, que nos engessa na mesmice. Temos que fazer esforço para nos livrar de coisas prontas; embora, muitas necessárias ao dia a dia. Isto é, ter uma base educacional ampla e liberta que nos permita abrir mão de nossos conceitos ao lermos um autor, para só depois deletá-lo, se for o caso. Esse exercício nos estimula a desenvolver um autoexame crítico, que nos convença e permita convencer. Um fundamento que permita a leitura e a interpretação isenta que, no caso de nós médicos, tem que se basear em evidências para a prática e vidência na pesquisa. Também, arte na prática e verificação e reprodutibilidade na pesquisa. Esse alicerce intelectual chama-se bom senso ou razão, e é imperioso que se distinga do senso comum.

O "senso comum" é a maneira do homem comum pensar. Seu fundamento é o lugar-comum. A simplicidade cognitiva, que é universal e não tem dono, portanto, anônima e irresponsável. É o que é de todo mundo e de ninguém. Não tem origem conhecida; é vinho apenas, potável, se tanto, sem origem controlada. É a dinâmica da sociedade com suas crenças, usos e costumes, sem passar por nenhum crivo; pode ser útil ou simples baboseira, mas não admite contestação por ser emanção de mente simplória. No exemplo que dei, é vinho e acabou, não permite aclarar sua qualidade ou capacidade de intoxicar.

Já o "bom senso", também chamado razão, é um modo individual de pensar, responsável, crítico, que, como canonizou Descartes, "é próprio do indivíduo es-

piritualmente separado do anonimato da massa ou do colégio dos doutores; algo que executo a partir de mim mesmo, com meu entendimento livre de qualquer pressão externa."

Ao terminar o parágrafo acima, alguns podem estranhar o "... ou do colégio dos doutores", isto é, acadêmicos. É isso mesmo. O bom senso prescinde do eruditismo. Pode-se aprender mais no trato do que nos tratados. Já que o conhecimento que pode ter uma pessoa não pode ir além de sua experiência. O sujeito pode ser versado em alguns filósofos e não ter filosofia, ser um fracasso vivencial. Como já foi lido aqui, um nazista podia ler Kant e escutar Beethoven à noite e enviar humanos à incineração na manhã seguinte. Ou seja, pode-se ter muito saber e nenhuma sabedoria. Ou muito saber a serviço do mal. E pode-se ter muita sabedoria com pouco saber. Por quê? Porque sabedoria é saber o que fazer com seu saber e também com suas limitações na condução da vida. Segundo Ortega, saber a que se ater. Estar apto para lidar com sua circunstância de vida. Portanto, sabedoria pode ser comum a doutos e iletrados, porque nenhum pode viver a não ser dentro de sua circunstância, respeitando seus limites. Só depois de dominar e reabsorver sua circunstância poderá expandir seus limites. O bom senso é baseado na evidência, na prova, segundo o mesmo Descartes, "no poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso", e isso se impõe tanto na ciência mais refinada dos doutores quanto num ato comezinho do cotidiano, que a todos perpassa.

Como vemos, o senso comum repousa no consabido, nivela por baixo. O bom senso repousa na prova, exige sensibilidade e dúvida metódica, por mais oculta ou à vista.

Um douto pode eventualmente ser um "*bas-bleu*", um literato pretensioso e pedante, sem os pés no chão. Não saber conectar sua erudição, não conseguir expressar conhecimento.

Uma pessoa sem grande instrução pode saber fazer


boas escolhas dentro de seus limites. Ser ponderado, se ater à sua circunstância. Juntar seus fragmentos vivenciais e agir com sabedoria.

Peguemos um refrão poético como "passou a vida em branca nuvem": o senso comum pode aplicá-lo mal, a esmo, ou mesmo de maneira maledicente. O bom senso sabe escolher o momento pertinente de usá-lo. Portanto, o valor de qualquer fragmento está no uso que fizermos dele. Claro que quem mais estuda e se aplica, pode beber melhor "na experiência e especulação de nossos antigos sábios", os criadores mais comuns de fragmentos valiosos.

O médico tem por dever de ofício fugir do "senso comum" e professar o "bom senso"; seguir o que está provado e não crenças. Se não houver provas para determinado fato, aí poderá usar a experiência de vida, sem se isentar do raciocínio lógico.

Por fim, chamo atenção para nossa responsabilidade em qualquer fragmento vivencial. Como há uma *circularidade* inevitável entre o senso comum e o bom senso, o primeiro respondendo pela maioria e o segundo pela minoria, fica claro que a minoria mais esclarecida tem o dever de contribuir mais, de convencer a maioria de que há melhores razões para que essa possa absorver o bom senso, e este, se torne senso comum.

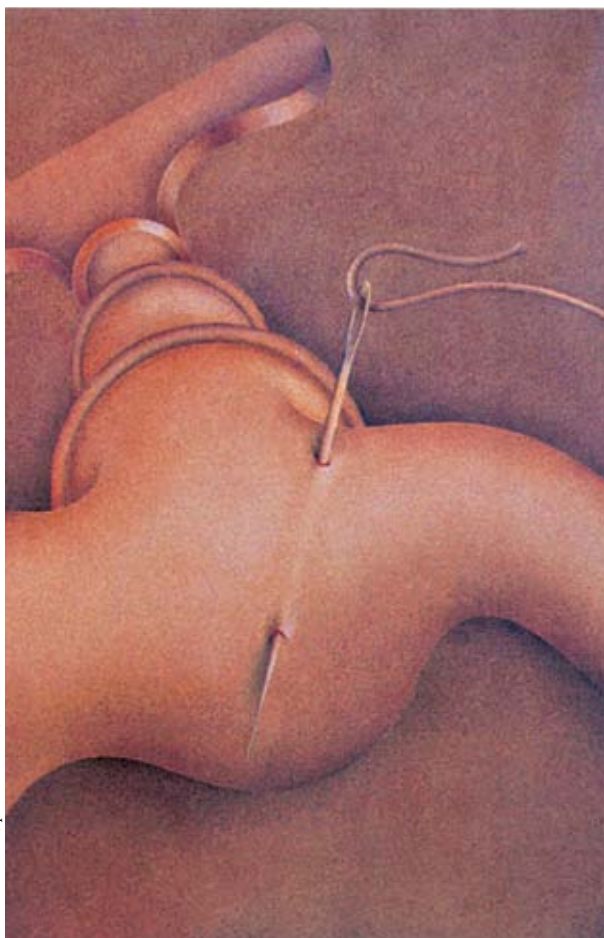
É dever do médico tanto na ciência quanto nos costumes cultivar hábitos mais sadios. A omissão da minoria dificultará a reabsorção de sua circunstância pela maioria. Somos com frequência mediadores de sua expansão, facilitadores do entendimento da ciência e do bom viver.

E já que começamos com Ortega y Gasset, terminemos com o mesmo: "O valor das elites culturais está na sua disposição de garantir os padrões rigorosos sem os quais não há civilização." 

"COMO VEMOS, O SENSO COMUM REPOUSA NO CONSABIDO, NIVELA POR BAIXO. O BOM SENSO REPOUSA NA PROVA, EXIGE SENSIBILIDADE E DÚVIDA METÓDICA, POR MAIS OCULTA OU À VISTA."

Método

Tamamho Delírio, pastel encerado, 1976



Era uma tarde, dia útil de uma longínqua semana e, por ser guri, estava disponível. O jogo, um amistoso entre o Nacional de Rolândia e o Noroeste de Bauru, do goleiro Julião. Tempos em que o locutor irradiava do campo, com aqueles fios todos. Só nos grandes estádios havia cabines, quando havia. Na sua inocência de início de adolescência, cujo ouvido e janela para o mundo eram respectivamente o rádio e o cinema, supunha que no intervalo de uma partida, ou ao seu final, os comentaristas, seus ídolos, falassem de improviso. Isto é, que recordassem lances e dinâmica de jogo na boa, sem usar mediação que não a de sua

mente. Enfim, a surpresa, e a descoberta do método.

Próximo a si, na arquibancada de madeira, Mauro Pinheiro da Rádio Bandeirantes cognominado a enciclopédia do futebol e sua prancheta. O comentarista titular era Mário Moraes, mercê velocidade de raciocínio e modulações de voz. Mauro, o segundo na hierarquia, com menos inteligência linguística, era tido como o mais profundo conhecedor das regras do jogo. Na arquibancada e próximo ao guri, anotava, e anotava...

Terminado o primeiro tempo, desce e vai à beira do gramado e comenta sempre consultando a prancheta. Estava desfeito o mito, não havia hércules mentais, apenas dados oriundos de observação minuciosa que eram registrados e depois analisados à luz do sujeito. Este legitimava seu entendimento com evidências, sem excluir certo grau de subjetivismo. O entendimento existia nele e para ele, e com os ouvintes dividia. A coleta de dados era verdadeira, precisa no tempo, embora pessoal, e era sua mente que dava fluidez temporal à forma, ao movimento, às alterações do jogo.

A prancheta com seus dados coletados rigorosamente no tempo preciso eram as provas, os fragmentos de verdade isolados, que necessitavam ser conectados para dar clareza e distinção às dúvidas da partida. O meio para transitar entre as incertezas. A interpretação caminhando sobre dados confiáveis, as provas. Um método para bem julgar, podendo distinguir o verdadeiro do falso, sempre sujeito à análise e à verificação de outros observadores. Estes, importantes para validar a interpretação e evitar fraudes. Os mesmos, no caso do jogo, por não estarem presentes, não poderiam confirmar os dados, mas sobre

os mesmos poderiam fazer outro ajuizamento. Claro que o ideal seria que pudessem replicar o experimento, o jogo, e reinterpretá-lo. Replicação e verificação, disso vive a ciência. Muda o tempo, a tecnologia, e o jogo hoje poderia ser gravado, e o experimento coanalisado por outros observadores com dados absolutamente fidedignos.

Descartes foi quem criou o método. Foi o *gênio da evidência*, da prova. Por duvidar de tudo, criou a dúvida metódica, o meio para atingir a prova da evidência. O método põe os pés no estabelecido, as regras do jogo, e sobre as mesmas baliza os dados observados, os lances, no transcorrer da partida para neles propor uma interpretação, uma verdade. Mas se o comentarista ficasse só nos dados e sua coesão, faria o que todos fazem, não entraria com sua experiência de vida, não conseguiria captar o jogo por ângulos insuspeitos. É aí que entra em cena D. Quixote, sim a literatura, *o gênio da vidência*, o louco cavaleiro andante com seus momentos de lucidez, propondo que razão e imaginação devam andar juntas. Ao reconciliar razão (também chamada de bom senso, a dúvida metódica que busca distinguir o verdadeiro do falso) com a imaginação, passa a dar conta de uma interpretação mais completa da realidade.

A razão significa em presença da coisa (no caso, os dados do jogo) extrair dela seu logos, seu sentido. E este tem que estar dentro daquilo que a pessoa faz, tem que se ater à sua circunstância de vida e seu aprendizado, só assim completará seu sentido. Daí a importância da experiência pessoal. Evidência mais experiência, binômio inseparável. Que coisa mais surpreendente, não? Evidência e vidência, porque a segunda atenta para o inesperado, o insuspeito, sem subverter as provas, o que é essencial. Escapa-se assim do racionalismo, a doença da razão, com sua interpretação puramente matemática da razão, o que

leva ao unilateralismo da razão. E esta não esgota o real. Assim conserva-se o método cartesiano que busca o conhecimento válido apoiado nos testes e na confirmação, para afastar a dúvida de meros palpites (hipóteses) e a influência de preconceitos pessoais e culturais. Mantém-se a base estrutural da metodologia científica sistematizada por Francis Bacon, fazendo a síntese do empirismo e da indução, ou seja, os dados provenientes de observações minuciosas e de experiências criteriosas são registrados, comparados e analisados para produzir hipóteses funcionais, que são, então, exaustivamente testadas, verificadas.

Disso derivada, a ciência de hoje busca um aspecto específico de determinado fenômeno e elabora um experimento para investigá-lo. Mais do que isso, a ciência de hoje, via Einstein, alterou os pressupostos tradicionais da metodologia científica criando o método hipotético-dedutivo, ou seja, as teorias passam a não ser apenas generalizações da experiência, da observação, mas também ideias criativas que produzem deduções sujeitas a exames experimentais. Isto é, as hipóteses não precisam ser extraídas só da observação, mas também da imaginação. De outra maneira, da vidência à evidência.

E o guri que acabara de descobrir o método num prosaico campo de futebol, não sabia em que enracada estava se metendo. Mas de sua observação teve a centelha da iluminação. De outra forma, saiu do senso comum para o bom senso. 🗣️

"A CIÊNCIA DE HOJE, VIA EINSTEIN, ALTEROU OS PRESSUPOSTOS TRADICIONAIS DA METODOLOGIA CIENTÍFICA CRIANDO O MÉTODO HIPOTÉTICO-DEDUTIVO, OU SEJA, AS TEORIAS PASSAM A NÃO SER APENAS GENERALIZAÇÕES DA EXPERIÊNCIA, DA OBSERVAÇÃO, MAS TAMBÉM IDEIAS CRIATIVAS QUE PRODUZEM DEDUÇÕES SUJEITAS A EXAMES EXPERIMENTAIS. "

Diário de Bordo

Data: 19/12/2009

- No auge da Suína, surgiu a necessidade de palavras ponderadas como as do Dr. Arary da Cruz Tiriba: "Não se alarmar. Evitar ambientes fechados. Repousar à primeira suspeita e manter contato mínimo e indispensável com os familiares."

- Há muitos anos, quando iniciei o trabalho de editor, um colaborador da revista me perguntou: "Quantos toques?" Médico que sou, num relance lembrei dos toques que vocês talvez estejam pensando (é, os dois, ou até outros!). Não fazia sentido. Embora o colaborador deva me ter achado anormal, um analfaeletrônico, meio envergonhado respondi: no máximo três páginas de 30 linhas. Isto sabia desde criancinha. Mas o orgulho bateu com tais toques. Como elaborar a frustração? Seguir conselho referencial; provocação intelectual deve levar à ação, e achei: uma página igual a 30 linhas, igual a 2.978 toques. Sabiam? Eu não. Não há por que se envergonhar de não

"JORNALISMO NÃO É ENTRETENIMENTO, É PARA GASTAR O TEMPO DO LEITOR COM ESCLARECIMENTOS, REFLEXÕES E, SE POSSÍVEL, ENCANTAMENTO; ISTO É POR CONTA DA POESIA. INFORMAÇÃO? ESTÁ EM TODO O LUGAR POR OUTRAS MÍDIAS."

saber coisas básicas que, às vezes, nos passam despercebidas. Mas isso só é básico para um editor, não para um mortal comum. Editor, palavra pomposa, quem manda sê-lo sem estar habilitado?

- O que não vira palavra vira sintoma? Não é bem assim.

Mas que a palavra ajuda, ah lá isso ajuda!

- Sabe o que fazemos toda hora: conversa jogada fora? No jornalismo também é regra. O mais representativo

para usar o jargão é "nariz de cera", um preâmbulo vago para apresentar algo e absolutamente desnecessário. Jornalismo não é entretenimento, é para gastar o tempo do leitor com esclarecimentos, reflexões e, se possível, encantamento; isto é por conta da poesia. Informação? Está em todo o lugar por outras mídias. É só uma nota de advertência ao leitor incauto.

- Einstein dizia que a imaginação é mais importante que o conhecimento. Claro, é ela que gera o conhecimento. Desde que haja liberdade para pensar e ser do contra.

- Certa vez me referi ao "estalo" do Vieira, aquela percepção instantânea, aquela luz súbita que, no seu caso, o levou a pregar. Ele que até aos 17, assim conta a lenda, não falava coisa com coisa. Pois bem, não nos iludamos! Estalos só ocorrem em pessoas de grande densidade cultural e imensa atividade intelectual. Como ocorrer estalo sem uma boa memória e vivência refletida? Como ter memória sem boas leituras? E sem boas leituras, como aprender a pensar? E como aprender a pensar sem abrir mão de seus conceitos? Só filosofamos quando brincamos com os conceitos. Uma brincadeira consciente.

- Não esqueçamos Eurípides, o tragediógrafo, e seu fragmento precioso: "Abundância? Ao sensato basta o necessário". Qual o problema? O desejo. Então recordemos Jefferson: temos de escolher, entre parcimônia e liberdade ou excesso e servidão.

- Nós, homens de ciência, devemos ser essencialmente responsáveis. Como queria Francis Bacon, devemos exigir dos que mandam no Estado que se guiem pelos conheci-

mentos. O fim da política tem que ser assegurada pela ciência, não pela supervália da corrupção e da enganação.

- Se as palavras são os rastros da razão, não é o que temos ouvido de muitos mandatários.

- Toda vez que um livro o seduzir, você estará fazendo amor a distância com a cultura.

- A ética existe na ação, é função da inteligência, da escolha racional, por isso instância individual. Se não existe, escoo no moralismo acusatório, de pessoas que naufragam sem salvação. Histriões do verbo.

- Os trapistas têm um *memento mori*, lembra-te que vais morrer. Quando então, se está na "melhor idade" (ah, esses eufemismos infames), é como pensar que estamos numa guerra: podemos dar baixa a qualquer momento. E, pior, ninguém achará estranho. Será tudo muito natural. Por isso, *carpe diem*, a seu jeito, e desde que não prejudique outros.

- Coisa estranha acontece comigo quando penso no que Aristóteles escreveu (em *Ética a Nicômaco*) a respeito da amizade: é uma alma com dois corpos. Pois é, penso sempre numa cama. Com a Angelina, claro! Melhor é a amizade requerer aquele raro ponto de equilíbrio, o *in médio virtus*, entre semelhança e diferença.

- Um quintanar: "O destino é o acaso metido a besta."

- O perigo está em não compreendermos. Quando aderimos incondicionalmente ou tememos irracionalmente.

- Só contemplando o que há de melhor, um referencial, se adquire padrão.

- O melhor da Medicina para mim não foi o ganho pecuniário e, sim, no que me tornei: um ouvinte atento, um

observador. Aquele cuja visão passa pelos olhos mas enxerga com a mente é o observador. Não é aquele que vê o que está à vista, mas o que coloca à vista.

- Condoer-se pelo sofrimento dos outros é fácil; difícil é aplaudir, multiplicar-se e expandir-se com seu êxito. Exige muito mais sensibilidade.

- Imagens servem à síntese, palavras à análise. Acaso poderia haver símbolos sem palavras?

- Nunca esqueça que um rio só deságua noutro rio ou no mar porque aprendeu a contornar obstáculos. Não podendo ser direto, foi sinuoso com os entraves. E perseguiu seu objetivo.

- "Quem não lê, mal fala, mal ouve, mal vê..." e mal pensa. O aspeado estava escrito em uma livraria. Já ler, é uma propensão e também um gosto construído. Ademais, literatura é essencial para aprender a língua.

- Aprender é mudar um pouco, mas grandes mudanças só com grandes aprendizados.

- Coisas inexoráveis: morte, impostos e o *desejo*.

- Contempla, sem contemplação, *demoradamente*.

- "A vida é um hospital
Onde quase tudo falta
Por isso ninguém te cura
E morrer é que é ter alta!"

Pessoa ou apócrifo? Adivinhe!

"NÓS, HOMENS DE CIÊNCIA, DEVEMOS SER ESSENCIALMENTE RESPONSÁVEIS. COMO QUERIA FRANCIS BACON, DEVEMOS EXIGIR DOS QUE MANDAM NO ESTADO QUE SE GUIEM PELOS CONHECIMENTOS. O FIM DA POLÍTICA TEM QUE SER ASSEGURADA PELA CIÊNCIA, NÃO PELA SUPERVALIA DA CORRUPÇÃO E DA ENGANANÇA."

- Carl Sagan não queria crer, queria saber. Por isso dizia que para coisas extraordinárias – vida fora da terra – só com evidências extraordinárias.
- Aviso aos navegantes: A ciência liberta dos mitos e das superstições.
- Cuidado com as tribos: sozinho o individuo pode ser moral; em grupo a razão é silenciada pelas emoções coletivas.
- Alguns médicos que deveríamos ler por servirem à nossa formação: Rabelais; Anton Tchecov; Conan Doyle; Miguel Torga; Jorge de Lima; Guimarães Rosa. Do último: as palavras não existem para enfeitar, e sim para dizer.
- Quer uma bela imagem de saudade? Sim, dela? A de Bastos Tigre: "O espinho cheirando a flor."
- Tendências políticas com lavra dos irmãos Goncourt: o egoísmo que subjaz à direita e a inveja que subjaz à esquerda.
- Do esquecido latim: *sapere aude*. Simplesmente, ousa saber. Belo mandamento iluminista.
- Quem escreve de alguma maneira tem que incomodar. É como terapia: se não leva à reflexão e à reformulação não funciona. Afinal, a função dos escritos ou do terapeuta ou do intelectual não é agradar, e sim eleger palavras, ideias, conceitos, que abram caminhos. Ou que os iluminem.
- Quando você ler o *Erro de Descartes* do António Damásio vai entender que o ser humano funciona bem sendo metade razão e metade emoção. A última não pode pre-
- dominar sobre a primeira, vira fé perigosa. A primeira, isolada, leva à abulia, ao *laissez-faire* omissivo.
- Na compaixão repartimos o sofrimento alheio.
- Millôr diz que há um limite para o mínimo. Portanto, lute para não ser um nanico intelectual.
- De um lado está o homem engessado na rotina, tendo que dar conta das obrigações impostas pela realidade. Do outro, aquele incapaz de se inserir na mesma, o que dá muita frustração social.
- Nunca se encontra a verdade, se não a verdade em construção.
- Certa vez um anônimo aclarou: "A diferença entre genialidade e a estupidez é que a genialidade tem limites."
- Sou absurdamente normal, comum, o que já é não ser normal.
- Informação não muda comportamento, embora comportamento não prescindia da informação. Para que mude comportamento precisa ser compreendida, assimilada, refletida e virar convicção. Óquei, mas não estaria a informação desabrida, difusa, sem edição, matando a experiência?
- O sentido não reside nos acontecimentos mas em nós mesmos. E nessa fonte muitos beberam. A fonte original é o grande Gian Battista Vico.
- Dizia Henry James: *masters talk about things; servants, about people*. Houvera bebido em Platão: "As pessoas normais falam sobre coisas, pessoas inteligentes falam sobre ideias, pessoas mesquinhas falam sobre pessoas." E você está falando sobre o quê?
- O oposto de depressão é vitalidade, e não felicidade.

"O MELHOR DA MEDICINA PARA MIM NÃO FOI O GANHO PECUNIÁRIO E, SIM, NO QUE ME TORNEI, UM OUVINTE ATENTO, UM OBSERVADOR. AQUELE CUJA VISÃO PASSA PELOS OLHOS MAS ENXERGA COM A MENTE É O OBSERVADOR. NÃO É AQUELE QUE VÊ O QUE ESTÁ À VISTA, MAS O QUE COLOCA À VISTA."

- Sabe qual é o eufemismo para vaidoso? É aquele que faz bom juízo de si.

- Para recordar:

- Metáfora: ligação entre coisas parecidas.

- Metonímia: uma imagem conduz a outra por relação de proximidade.

- Analogia: do conhecido ao por conhecer.

- Balzac dando uma de médico: "Todo o excesso que passa pelas mucosas abrevia a vida". As pesquisas modernas em animais deixam isso muito claro.

- Parafrazeando Aristóteles sobre o modo de ser e fazer: "Osler é meu amigo, mas meus pacientes mais amigos ainda."

- Sentimentos são águas de um instante. Controlamos o comportamento, se normais, não os sentimentos. Por isso, ser linda e fazer sentido a frase de Clarice Lispector. Em inglês tem outra sobre o mesmo e de igual intensidade: *sensibility in the spur of the moment*. (sensibilidade na velocidade do momento.)

- Reza para quem se espelhou e o perdeu:

"Pai, sou como sou,
espelho do seu caráter,
imagem da tua consciência,
reflexo da tua sabedoria,
luz da tua imaginação.
Sou como sou,
sua criação para sempre."

- Sou esquerdista, sempre usei mais o lado esquerdo do meu cérebro, responsável pela linguagem e razão. O lado direito, emoções, é suplementar.

- Para quem está iniciando o caminho:

"Os bosques são belos, sombrios, fundos.

Mas há muitas milhas a andar e muitas promessas a guardar antes de poder dormir. Sim, antes de poder dormir."

- Marx "criou" os conflitos na sociedade; Freud a permanência conflitiva na subjetividade.

- São critérios de beleza a simetria, proporção e harmonia. Fugir disso só para algo melhor, o inesperado, vibrante e estranho.

- Já cego, em 1667, John Milton, *Paradise Lost*, seminal, ditou esta preciosidade para o momento atual:

*"Accuse not Nature
she hath done her part;
Do thou but thine."*

Não acuses a Natureza!

Ela fez sua parte;

Agora faz a tua.

- Elegância e rigor na interpretação precisam ser conquistados.

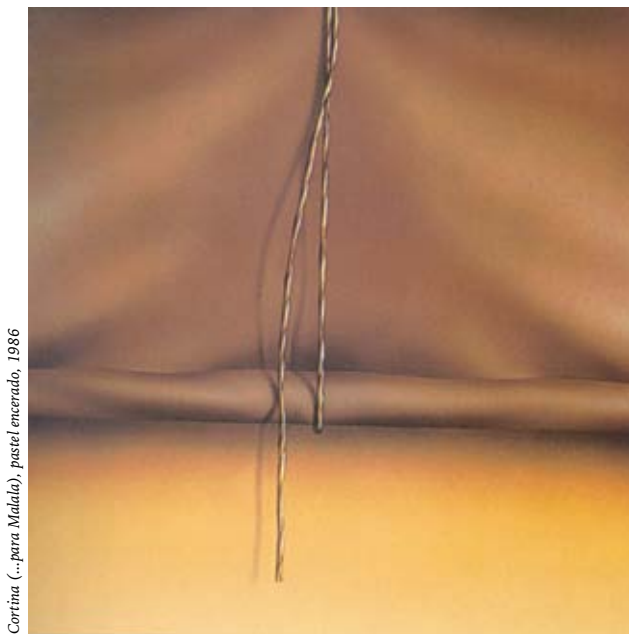
- Toda ética autêntica não está contida nos preceitos de ordem geral que não preveem situações concretas, únicas, particulares. Todas as regras ou normas de ordem geral para seu cumprimento na prática, necessitam da intervenção da liberdade e da ação responsável do indivíduo.

- Para terminar este diário, tendo tudo a ver com este volume dedicado à cultura do fragmento, esta do Morin: "em lugar de especialização, da fragmentação dos saberes, devemos introduzir o conceito de complexidade."

- Fechando, uma dica freudiana sobre o que é a "terapia das terapias": não investir demasiado num objetivo só, qualquer que seja. 📌

"EM LUGAR DE ESPECIALIZAÇÃO, DA FRAGMENTAÇÃO DOS SABERES, DEVEMOS INTRODUIR O CONCEITO DE COMPLEXIDADE. (MORIN)"

O valor dos provérbios



Cortina (...para Malala), pastel encerrado, 1986

Embora as manifestações culturais sejam múltiplas, nada se iguala em expressão e síntese aos provérbios e suas variantes (adágios, máximas, reflexões etc). É o fragmento cultural por excelência.

Na sua fina sabedoria e economia de palavras, é a verdadeira síntese do espírito humano, no que tem de grandeza ou apequenamento. Do conteúdo filosófico ao mero componente lúdico, são concentrados de entendi-

mento, na forma de pílulas de sabedoria cuja origem está "na experiência e na especulação dos sábios antigos". Quem leu D. Quixote pode se lembrar deste fragmento aspeado. Quem não

leu, deveria ler, mormente se médico, porque aprenderá a distinguir evidência e vidência no mesmo personagem, como nós médicos temos que descobrir o falso e o verdadeiro, o real e a fantasia, o desejo e a adequação, na fala de nossos pacientes.

Dom Quixote é um grande exercício de humanidade, porque desvela a loucura e a lucidez que nos habita. Revela nossas dubiedades, as certezas que só existem nas dúvidas e, de repente, nos mostra também um clarão de lucidez. Refletimos e, num átimo, nos perguntamos: como é que não havia pensado nisso? O Quixote tem um caráter heurístico, ou seja, aquele método pedagógico que induz o aprendiz a descobrir por si o que se quer ensinar-lhe. E o ensinamento poderá ocorrer de várias formas, inclusive na do provérbio. Até quando nos diz que este tem que assentar como um "anel no dedo". Isto é, um provérbio só tem validade se empregado obedecendo a lógica da situação. Seu uso tem que ser apropriado, sob pena do usuário ser um papagaio irrelevante. Prosaísmo ou acúmen? A diferença está no discernimento do utente, que não pode prescindir do bom senso, da razão adequada à situação.

Adequação que espocou na cabeça de Selma De Bakey, até por ser mulher, quando afirmou com graça que o provérbio, quanto à sua extensão e ideia, tem que ser como um vestido: suficientemente curto para ser atraente e suficientemente longo para cobrir toda a matéria. Quer dizer, tem que sugerir sem explicitar, mostrar sem escancarar, se amoldar às situações. Mas o que o molda e torna pertinente é o usuário que adequa sua utilidade e brilho, que detona sua cintilação curta e intensa. Para nossa iluminação. 📖

CINCO LEIS DO AFORISMO

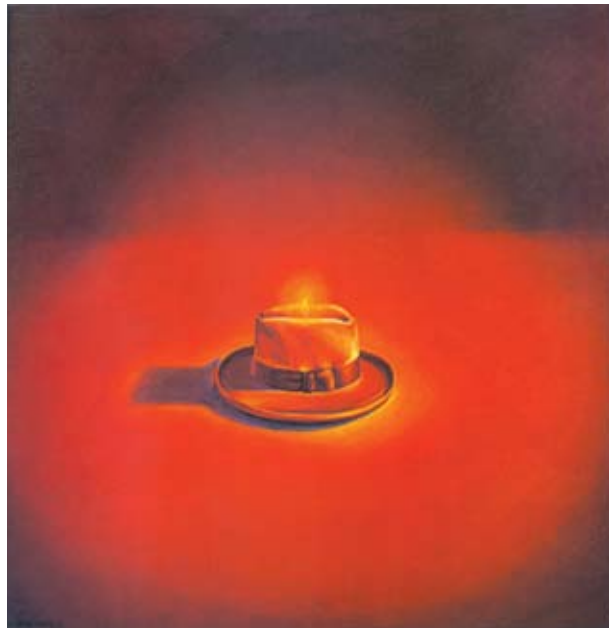
- » Deve ser breve;
- » Deve ser definitivo;
- » Deve ser pessoal;
- » Deve dar uma guinada;
- » Deve ser filosófico.

"UM PROVÉRBIO SÓ TEM VALIDADE SE EMPREGADO OBEDECENDO A LÓGICA DA SITUAÇÃO. SEU USO TEM QUE SER APROPRIADO, SOB PENA DO USUÁRIO SER UM PAPA-GAIO IRRELEVANTE."

A harmonia dos fragmentos

No princípio é apenas uma ideia,
Vaga, imprecisa...
A busca pela solução perfeita contorna caminhos
Através de esboços e croquis despreocupados.
Então, como sol no horizonte
A mente se liberta e,
Surpreendentemente é como o desabrochar de
Flores no jardim: fragrância de rosas,
Arrepio de brisa fresca que vem da janela,
Completamente aberta.
Soluções rudimentares cedem lugar à harmonia
De proporções, agregando sábia filosofia
A formas simples.
Sonhos se eternizam,
Porque o que é singelo encanta,
Como fragmentos de poeira celestial.
O metro quadrado agora é livre,
Os espaços transmitem mensagens,
As formas modificam a paisagem.
O colorido dos telhados traz novas perspectivas
E proteção. Tem calhas para a chuva escorrer.
Um telhado é sempre consolador –
Transmite a paz infinita da concha.
Vidro, concreto, aço,
Plástico, madeira, tijolo...
A estrutura está pronta para espaços abertos
Que não temem adversidades.

Nesta grande festa de criatividade
O universo se interliga à vida que passa,
O sol invade varandas
E as paredes protegem casulos que aguardam.
Obstáculos vencidos,



La Traición, acrílica sobre tela, 1994

Águas que passam apressadas
Para os que têm sede de viver,
Semear, permanecer.

Um espaço para instalar vivências
Com suavidade de formas
Repleto de harmonia – que somente o tempo traz,
Apaziguando as cicatrizes deixadas nas lajes.

E a construção surge à beira de penhascos
Que contemplan o céu azul.
Tem fogo na lareira, pedra, vidro e fumaça
Que sai da chaminé.

O regozijo do finalizado,
A emoção agradável do existir
É como música de partituras antigas que ecoam ao longe...
Paradigmas foram enfrentados onde
Apenas a visão ampla permitia.

Aquela eterna busca pelo equilíbrio
Nas formas de vivências alheias.

Hora de acender as luzes!
O sol já se pôs no contorno oeste,
E feito mágica
O espaço não está mais vazio.
Tem morango com *chantilly* na cozinha,
Mil coisas a fazer
Em dias curtos de vidas inteiras.

O imaginário transformou-se em realidade.
O essencial sem pressa agora é palpável.
As pesadas chaves que trancavam as portas

Desapareceram, e com elas,
O receio de que a incerteza pudesse entrar.

O balcão tem muitas gavetas,
Nas prateleiras – porcelana branca.
E o sofá que abraça também acalenta afetos.

No jardim: flores que enfeitam
É possível sentir o perfume das laranjeiras.

A obra está concluída!!!

Deisi Casarin (SC).

Arquiteta.

Bom e mau

**"Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser
e os outros me fizeram,
Ou metade desse intervalo, porque também há vida...
Sou isso, enfim (...)"**

Fernando Pessoa

"ESSE PROCESSO DE RELEITURA ME É PARTICULARMENTE IMPORTANTE, PORQUE É COMO A PSICANÁLISE PODERIA SER DEFINIDA: UMA RELEITURA, À LUZ DE NOVOS PRISMAS, DA NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA."

..."Ser eu mesmo? Mas quem haveria de ser senão eu mesmo?". Constatando o que Fernando Pessoa constatou, o "Ser eu mesmo" aparece como uma construção trabalhosa. É mais trabalhosa na medida em que nos acostumamos ao bom/mau do segundo tipo (prêmio/castigo) e em que não temos treino do primeiro (gosto/não gosto).

Freud ensinou que o nosso "ser eu mesmo" (o nosso eu, também chamado ego; não confundir com o sentido comum que se dá a ego, tipo: "Fulano tem um ego enor-

me") se constrói a partir de identificações de duas espécies. A primeira é por imposição – "Tem que ser desse jeito, senão...". Essa é a do prêmio/castigo. A segunda é muito mais rica e ampla, se dá por gosto. Alguma coisa ou pessoa nos dá prazer; esse prazer faz com que se invista nela nossa atenção (nosso desejo, curiosidade, vontade). Desse jeito, aprendemos sobre a coisa ou a pessoa, passamos a imitá-la, até que ela se incorpore a nós; nos tornamos idênticos a ela. Ou melhor, um fragmento nosso se torna idêntico a ela.

Quem não se lembra de alguma vez ter passado a falar de um jeito parecido com o de alguém que admirava? Quem não começou a aprender inglês imitando sem entender as letras das músicas que gostava? Ou quem não se lembra de um livro que foi tão interessante que influenciou sua vida? O mais curioso desse segundo processo de identificação é que o tal fragmento copiado, já que o processo não é impositivo, é modificado sutilmente, no processo de incorporação, por outros fragmentos que já compõem o nosso "eu" para que se ajuste bem a

nós. Assim, ele se torna uma composição realmente original e única. É uma identificação, não um plágio.

O que nós somos, por esse processo, não é uma colcha de retalhos comum. Seus pedaços não se juntam por costura, mas se fundem numa trama nova, pois cada novo pedaço influencia todos os outros, como acontece nas releituras da nossa história à luz dos fatos novos (essas horas em que a gente diz: "Ah, agora que eu sei disso começo a ver as coisas de um jeito diferente").

Esse processo de releitura me é particularmente importante porque é como a psicanálise poderia ser definida: uma releitura, à luz de novos prismas, da nossa própria história. Digo aos pacientes que a psicanálise é um instrumento de justiça, e que eu funciono como um advogado. Eles chegam a mim "cumprindo pena" de uma doença psíquica, com lembranças que os atormentam, envergonham, culpam, acusam. Sua primeira vontade

seria apagar tais memórias. Eu lhes digo: "Não, a psicanálise não é um procedimento cirúrgico, suas memórias são seu patrimônio histórico. O que vamos fazer é uma revisão dos autos do processo, porque sua pena parece excessiva, seus crimes não devem ser tão grandes."

É nessa releitura que consiste o potencial criador e transformador da pessoa que a psicanálise tem. É essa permanente capacidade de revisão, permitida pela identificação por gosto, que é a força construtora e conhecedora do "ser eu mesmo". Ela não é monopólio da psicanálise. A vida, os amigos e os livros que nos dão chance de reflexão abrem caminho para o gosto e seu processo de identificação. A identificação por imposição, por medo de ser mau, pela obrigação de ser bom, nos dá dogmas, não permite revisões. É fechada e mais importante que nós, que nos curvamos a ela e acabamos por não saber mais quem somos. 📍

**Excerto do ensaio Bom e Mau do livro O Aprendiz do Desejo, de Francisco Daudt da Veiga, RJ, Cia. das Letras, 1997, um psicanalista que escreve legível e entende de fragmentos.*

Fanatismos

"O criador científico, como todos os outros, tende a ser inspirado por paixões a que dá expressão intelectual equivalente a uma fé não demonstrada, sem a qual provavelmente pouco realizaria."

Bertrand Russell, Ensaios Céticos, III

A crença numa civilização à base de máquinas e computadores traz os ingredientes de um fanatismo. E fanatismo, seja de que tipo for, oblitera a razão. Tenho medo de sonhos futuristas que nos cercam de botões e automatismos por todos os lados. A perda de todo o vestígio humanista tem, para mim, o sabor da morte. A ciência, de certo modo, precisa ser mais humilde e prudente que a filosofia, pois muda bem mais depressa seus postulados.

O *gnothi seauton*, o conhece-te a ti mesmo, do tem-

plo de Delfos, que Sócrates tomou como divisa de sua vida, tem resistido mais ao tempo que muitas verdades científicas. No fundo, a ciência busca conhecer o homem e o meio, a fim de garantir a sobrevivência da espécie.

Segue, cônica ou não, o conselho do mestre Platão, embora por caminhos diversos.

A objetividade científica é instável, depende, inclusive, do aprimoramento

dos instrumentos de pesquisa e aferição. Galileu tomaria um susto diante da complexidade e potência dos telescópios modernos. Que diria Lavoisier diante do mais sofisticado laboratório? Como reagiria Arquimedes vendo a tecnologia de hoje?

"TENHO MEDO DE SONHOS FUTURISTAS QUE NOS CERCAM DE BOTÕES E AUTOMATISMOS POR TODOS OS LADOS. A PERDA DE TODO O VESTÍGIO HUMANISTA TEM, PARA MIM, O SABOR DA MORTE."

E o conhece-te a ti mesmo aí está, desafiando o homem moderno, deixando o astronauta entre curioso e intrigado, quando contempla o espaço sideral, onde nada fala, além dele na nave. Quem é ele, afinal, vagando no céu em máquina feita por ele, o homem? Menos que um

"NOSSO SÉCULO EXPERIMENTA UMA SITUAÇÃO SUI GENERIS: NÃO É HUMANISTA, MAS NÃO SE LIVROU BEM DA ANTROPOMORFOSE. NA MEDIDA EM QUE PERDE HUMANISMO, A ANTROPOMORFOSE SE TORNA OCA, MECÂNICA, CONTRADIZENDO A SI MESMA."

inseto, se comparado aos astros. Uma fagulha pensante da essência cósmica?

A tecnologia mais sofisticada tem que ser meio, não fim. Os fanáticos, é claro, não concordarão comigo; gostariam de ficar digitando teclas e mexendo em botões,

conversando com telinhas da Internet e aparelhos de fax todo o dia. É preciso não perder tempo, um minuto é precioso, vale milhares de dólares.

Caixas eletrônicos em bancos, automóveis com painéis eletrônicos, robôs de vários tipos na indústria! Estão a um passo do sexo automático e do amor informatizado. As grandes cidades viraram megalópoles, já não são lugares de socialização, mas do contrário; geram violência, desconfiança, solidão, edifícios precedidos de grades.

Desemprego? Que importa? Desajuste psicológico? Que importa? Importa é o progresso, a modernidade. Mas que progresso? De máquinas, apenas? Modernidade em que o homem estranha cada vez mais o homem? Nunca foi tão comum rimar multidão com solidão.

Nem toda tecnologia é imprescindível a um mundo razoavelmente satisfatório ou razoavelmente agradável, do ponto de vista material. Imprescindível é o homem; sem ele, a cidade perde a finalidade, o progresso perde o sentido, a própria vida.

Nosso século experimenta uma situação *sui generis*: não é humanista, mas não se livrou bem da antropomorfose. Na medida em que perde humanismo, a antropomorfose se torna oca, mecânica, contradizendo a si mesma.

Doenças foram eliminadas, mas o progresso, alterando a ecologia, criou doenças novas. Ganhar tempo através da tecnologia parece uma obsessão e será retrógrado aquele que denunciar tal situação. Seja como for, não há equilíbrio entre o tecnológico e o social, o tecnológico e o espírito. Donde se conclui que o homem deixou de ser sujeito e passou a ser objeto. George Santayana lembrou um dia (em *A Vida da Razão*, I): "*Fanaticism consists in redoubling your efforts when you have forgotten your aim.*" (O fanatismo consiste em redobramos nossos esforços, quando esquecemos nosso alvo.).

Nosso progresso material não tem um cronograma sério, vai ao sabor dos interesses e dos lucros. Acerta aqui e ali, é verdade, mas erra bastante e complica muita coisa que não consegue acertar. É bem verdade que nunca tivemos um cronograma sério, desde Roma. A experiência histórica, contudo, nos diz que já é hora de termos um. Mas, que fazer? O homem nunca foi muito razoável mesmo.

Houve tempo em que se pensava que fanatismo era apenas o religioso. Ledo engano. A ciência e a política não estão imunes a bacilo tão perigoso. Hegemonia é o paraíso do fanático, seja ele religioso, político ou científico. O fanático não tem a mente aberta, *ipso facto*, nem o coração. Como poderia nos amar?

Sergio Gallo (RJ).

Extraído de Fábula Humana, ed. Relume Dumará, 2002.

DO CADERNO VERDE I

"Não tenho dúvida nenhuma: a moldura da vida humana tem um desenho ruim. Primeiro os erros da juventude e, finalmente, as restrições físicas e talvez mentais da velhice. Só invejo o que está no meio".

JOHN KENNETH GALBRAITH

Introdução ao mundo da criação literária

A palavra é o alicerce do mundo. E é também, em certos momentos, a alavanca que o move, a força motriz que o impele para a frente, o código que o explica e explicita. Sobretudo quando pronunciada por homens como Sócrates ou Platão, Aristóteles ou Tomás de Aquino, Descartes ou Bacon, Spinoza ou Kant, Hume ou Hegel, Schopenhauer ou Nietzsche, Bergson ou Jaspers, Fichte ou Kierkegard.

A palavra é o reflexo do universo. Se não o seu símile mais perfeito. A ausência hipotética da palavra, o absurdo da sua inexistência, constituiriam o prenúncio tangível da instauração do caos. Do caos original, bíblico, que o *fiat* do verbo pairando sobre as águas fez desaparecer para sempre. Acaso não é a palavra que nomeia, identifica, rotula, ordena, relaciona, integra e hierarquiza o mundo? Não é ela que o ilumina e transfigura?

Por isso mesmo, os produtos da criação literária são algo mais do que aquelas *words, words, words* do solilóquio hamletiano, arquitetado pelo gênio admirável – talvez o maior de todos – que se chamou Shakespeare. Pois o certo é que sem essas palavras de vida, luminosas, incandescentes labaredas implacáveis a germinar nas trevas do sem-sentido o mundo seria mais vazio, a vida mais insignificante, o homem menos humano.

O verbo é o grande sinal de racionalidade, seta arremessada do animal para o anjo. São as palavras que conferem ao homem um sentido mais nobre, mais puro e mais exato. É nelas que o homem se projeta, e manifesta, e vibra. E existe. E continuará existindo, magicamente convertido, demiurgicamente transformado – numa estranha metamorfose, numa singular alquimia – em essencialidade estética. Superando e transcendendo aquela inexorável finitude a que se referiu Unamuno, e que marcará inevitavelmente o epílogo do seu pensamento e o crepúsculo da sua carne.

Acaso estarei divagando sobre nuvens, longe da terra dos homens? É evidente que não. Alceu Amoroso Lima ajudará a fundamentar melhor a minha posição: na verdade, o rumor das palavras humanas só tem sentido porque nelas se reflete o mundo infinito que está para lá da sua sonoridade, o mundo dos sentimentos, das ideias, das grandes realidades invisíveis.

A arte literária, na variedade dos gêneros que a integram, na multiplicidade dos estilos individuais, para além do formalismo exterior ou da intencionalidade nuclear de que se revista, nada mais é do que um processo dialético de valorização humana e, portanto, de enriquecimento espiritual.

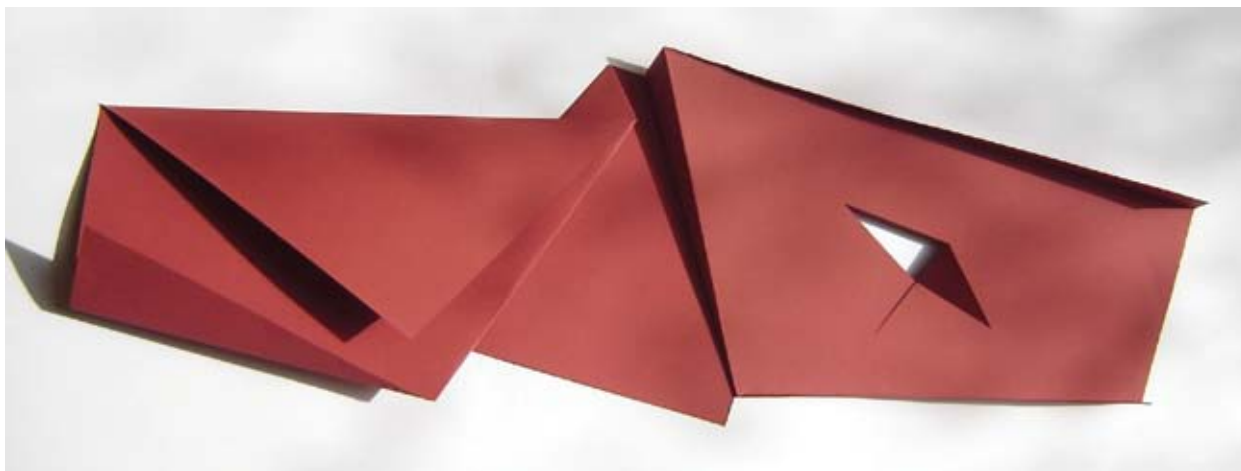
O seu sustentáculo ou, como poderia talvez dizer-se, usando uma terminologia consuetudinária, a sua infraestrutura – a palavra –, é, depois do próprio homem que a projeta no mundo, o elemento primordial da existência. Ela é, a um só tempo, a representação do mundo, e o próprio mundo representado.

Tanto no monólogo, em que o homem se volta introspectivamente para dentro de si mesmo, da raiz da sua personalidade, do cerne da sua consciência, do âmago do seu pensamento, como no diálogo, em que ele procura construir pontes para os outros, indagando, respondendo, refletindo, duvidando, afirmando, negando, a palavra é sempre o elemento imprescindível, a matéria-prima sem

a qual o silêncio e o caos universal se eternizariam. Ora, é precisamente no terreno da literatura que a palavra, transformada, num sutil processo metamórfico, num estranho e misterioso sortilégio encantatório, em realidade

"A PALAVRA É O REFLEXO DO UNIVERSO. SE NÃO O SEU SÍMILE MAIS PERFEITO. A AUSÊNCIA HIPOTÉTICA DA PALAVRA, O ABSURDO DA SUA INEXISTÊNCIA, CONSTITUIRIAM O PRENÚNCIO TANGÍVEL DA INSTAURAÇÃO DO CAOS. DO CAOS ORIGINAL, BÍBLICO, QUE O FIAT DO VERBO PAIRANDO SOBRE AS ÁGUAS FEZ DESAPARECER PARA SEMPRE."

Dobradura, acrílica sobre tela, 2009



estética, atinge o apogeu da sua expressividade mais intensa e o clímax da sua significação mais profunda.

A literatura não é, portanto, como ingenuamente pretendem alguns, ofuscados pelo brilho falso das concepções

errôneas ou equivocadas, uma fórmula comodista de alienação, de fuga, de escapismo, de automarginalização existencial.

Pelo contrário, a ela compete a tarefa superior de refletir o homem, na sua realidade integral, de espelhar o mundo, na sua totalidade cósmica, de reproduzir a vida

e a sua problemática em toda a sua mundivalência.

Assim, escrever não representa de modo algum aquilo que poderia ser considerado um ato gratuito inconsequente, a que se dedicam romanticamente ociosos nefelibatas em transe – ou em trânsito peripatético. É antes e sobretudo um ato consciente e soberano – e responsável – de participação num processo de instauração ética, de promoção humana, de progresso social.

Como se evidencia, através das considerações que venho equacionando, escritor não se situa, nem poderá jamais situar-se, sob pena de trair a sua missão essencial, à margem dos homens e dos seus problemas, do mundo e das suas realidades, da vida e das suas manifestações. Ele, com efeito, deverá realizar a síntese ver-

bal do homem, o resumo discursivo do mundo, o precipitado químico-dialético da vida.

Do homem, pelo homem, para o homem: eis o lema, o projeto, a programática de toda a criação literária genuína e autêntica. Por isso mesmo, um grande escritor, com as exceções pontuais que sempre confirmam as regras, é por excelência um humanista. Está a serviço dos homens, da humanidade.

Assim, um Ésquilo ou um Sófocles, um Homero ou um Virgílio, um Petrarca ou um Dante, um Tasso ou um Camões, um Cervantes ou um Shakespeare, um Milton ou um Goethe, um Victor Hugo ou um Dickens, um Tolstói ou um Dostoiévski, um Flaubert ou um Hawthorne, um Ibsen ou um Strindberg, um Eça ou um Machado, um Rilke ou um Pirandello, um Proust ou um Joyce, um Steinbeck ou um Faulkner, um Camus ou um Maulraux, um T. S. Eliot ou um Fernando Pessoa, um Lorca ou um Ungaretti, um Jorge Amado ou um Drummond, arquétipos da arte literária na sua quintessência, foram, acima de tudo, apóstolos inspirados do humanismo mais radical e mais intenso.

Em última análise, pois, tanto a recriação romanesca, como a concentração dramática, a transfiguração poética ou a exegese crítica – fórmulas diferentes de um processo em que o homem se purifica e a sociedade se higieniza – são faces de um poliedro. De um poliedro imenso cujo centro é o homem, cujo espaço é o mundo, e cujos vértices polarizam a própria vida.

João Manuel Simões (PR).

Reproduzido da Revista da Academia Paranaense de Letras

A incrível Eufrásia Teixeira Leite e sua história de amor

"Mulher desiste de casar diante da recusa do pretense noivo à condição imposta por ela de regime de separação total de bens". Tal fato causaria estranhamento em algumas pessoas ainda hoje. Imagine-se, então, a repercussão em 1875. E sendo o noivo Joaquim Nabuco! Sim, o Joaquim Nabuco, líder do movimento abolicionista no Brasil.

Após tomar conhecimento deste episódio, a escritora Cláudia Lage iniciou a pesquisa sobre Eufrásia Teixeira Leite, que resultou no romance *Mundos de Eufrásia – A história do amor entre a incrível Eufrásia Teixeira Leite e o notável Joaquim Nabuco*. Com os poucos dados históricos disponíveis, a autora desenvolve um texto que carrega na descrição das emoções, das sensações, dos sentimentos que, imagina a escritora, permearam a conturbada relação do casal protagonista.

É a partir da biografia de Eufrásia que o romance se desenvolve, contando a história da menina nascida em 15/04/1850, em Vassouras, estado do Rio de Janeiro, filha do advogado e financista Joaquim Teixeira Leite (1812/1872) e de Ana Esméria Correa e Castro (1827/1871), ambos descendentes de tradicionais e ricas famílias de cafeicultores da região. A diferença na biografia de Eufrásia em relação às mulheres, suas contemporâneas, parte da formação a ela proporcionada pelo pai que, ao invés de limitar as duas filhas ao papel de "sinhazinhas" da época, optou por, pessoalmente, dar-lhes uma educação privilegiada, destinada, naquele tempo, apenas aos homens. Assim é que as filhas, alfabetizadas pelo pai, aprenderam matemática, línguas e história.

Certamente não foi apenas a educação privilegiada que tornou Eufrásia uma das maiores investidoras de seu tempo, a primeira mulher a atuar na Bolsa de Valores de Paris, pois sua irmã mais velha, Francisca Bernardina (1845/1899), embora recebendo a mesma

formação, não demonstrou o mesmo interesse e talento para os negócios.

Já moça, Eufrásia trabalhava com o pai aprendendo sobre compra e venda de café, importação e exportação e outros investimentos. Seu pai, visionário, muito antes da abolição da escravatura, alforriou seus escravos, assim quando tal efetivamente ocorreu, seus negócios já não dependiam da mão de obra escrava. Da mesma forma, muito antes da decadência da cafeicultura, Joaquim havia diversificado seus investimentos (terras, imóveis e títulos da dívida pública, entre outros), o que evitou a falência, como ocorreu com tantos outros fazendeiros, inclusive parentes seus, que eram totalmente dependentes da cultura do café.

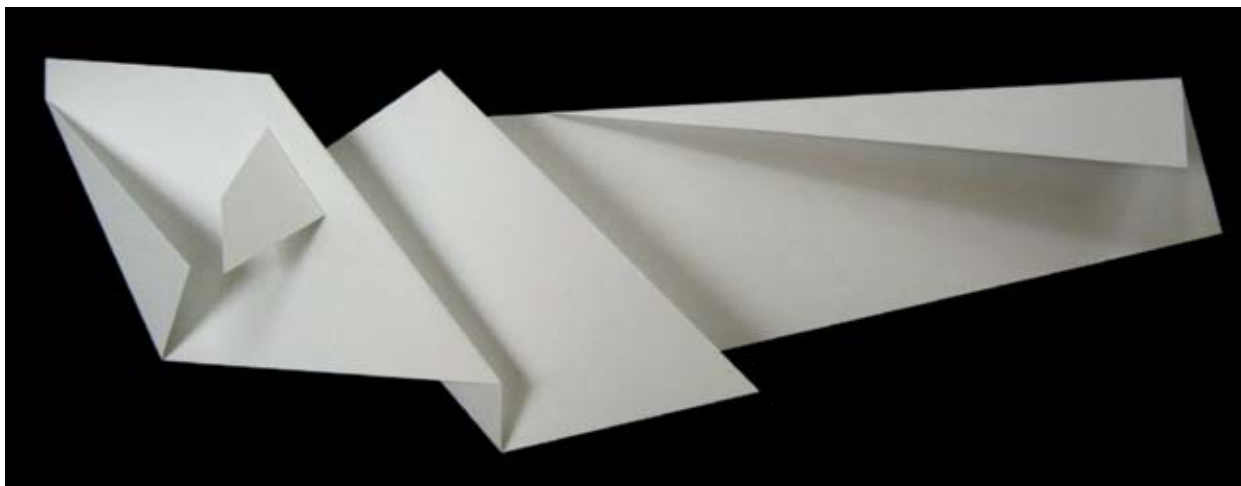
Assim foi que Eufrásia cresceu, avançando nos estudos em várias áreas, conhecendo culturas diversas, frequentando a corte no Rio de Janeiro, tendo acesso a periódicos nacionais e internacionais, participando de conversas sobre negócios e política. Natural, portanto, que não tivesse como objetivo de vida casar e procriar, a par das orações diárias de sua mãe para que as filhas se casassem.

Joaquim Teixeira Leite faleceu um ano após a morte da esposa e, antes de morrer, teria exigido das filhas a promessa de que não se casassem e permanecessem juntas sempre.

Com a morte do pai, as irmãs herdaram uma fortuna considerável e, naquela época, com o casamento, a mulher não permanecia na administração de seus bens.

Seria tal circunstância o que motivou o pai a exigir promessa tão radical das filhas? Apenas os questionamentos sobre as razões que levaram Joaquim Teixeira Leite

"JOAQUIM TEIXEIRA LEITE FALECEU UM ANO APÓS A MORTE DA ESPOSA E, ANTES DE MORRER, TERIA EXIGIDO DAS FILHAS A PROMESSA DE QUE NÃO SE CASASSEM E PERMANECESSEM JUNTAS SEMPRE."



a educar as filhas fora dos padrões da época e a exigir delas, no leito de morte, que não se casassem, certamente renderia outro livro.

As irmãs sabiam que seu tio Cristóvão, irmão de sua mãe, tinha planos de casá-las com primos, o que incor-

"A VERDADEIRA 'ABOLIÇÃO' TALVEZ TENHA SIDO A REALIZADA POR ELA, UMA MULHER QUE SE LIBERTOU DOS PRECONCEITOS, DAS TRADIÇÕES, NÃO SUCUMBIU À OPRESSÃO EXISTENTE SOBRE AS MULHERES DE SUA ÉPOCA E VIVEU ABSOLUTAMENTE LIVRE."

poraria a fortuna delas à família e certamente seria administrada pelo tio, que já se encontrava em decadência financeira. Entretanto, as duas partem para Paris em seguida da

morte do pai, sem dar oportunidade para a intromissão familiar. E é nesta viagem que Eufrásia reencontra Joaquim Nabuco, que havia conhecido na infância, e com quem havia trocado correspondências durante um período e retomado contato pouco antes da morte do pai.

Em Paris, aonde chegou aos 23 anos, Eufrásia estabeleceu residência e deu continuidade aos negócios, multiplicando em muitas vezes a fortuna deixada por seu pai. Nabuco, ao contrário, demorou para encontrar sua vocação e se encaminhar profissionalmente. O envolvimento dos dois perdurou por quinze anos, entre términos e reconciliações, despedidas e reencontros, até o rompimento definitivo em 1887.

Diz-se que o matrimônio só não ocorreu porque Nabuco não aceitou a proposta de Eufrásia de casamento com separação total de bens, para que estes ficassem

sob administração dela. Ela não cedeu, não sucumbiu aos costumes, às tradições e não se casou, permanecendo na administração de seus bens e de sua vida. Continuou abrindo espaço no mercado financeiro mundial e foi tão bem-sucedida que, quando da quebra da bolsa de valores de Nova York, em 1929, foi dos poucos investidores que não sucumbiu junto com a bolsa.

Eufrásia nunca se casou e retornou definitivamente ao Brasil em 1922, onde faleceu em 13 de setembro de 1930, aos oitenta anos. Deixou testamento distribuindo seus bens para a comunidade carente de Paris e de Vassouras, nesta determinando que fossem criados dois institutos profissionalizantes, um para meninas outro para meninos, destinados à formação de crianças carentes, além da construção de um hospital público.

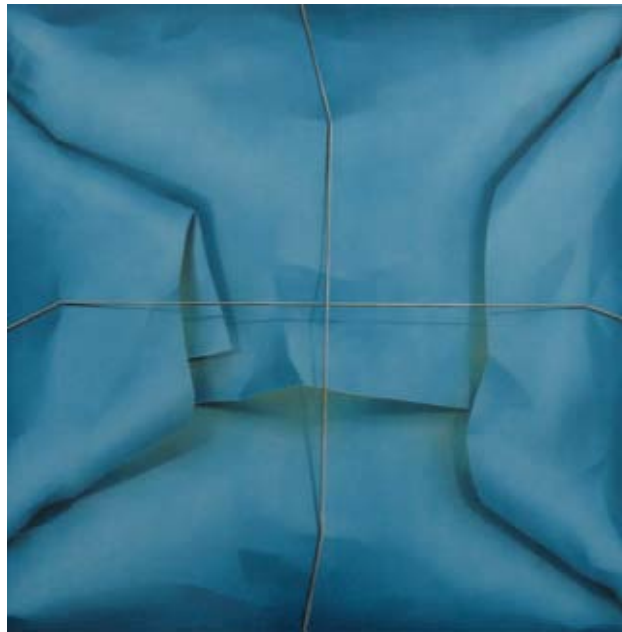
A história de Eufrásia continuaria fascinante mesmo se fosse suprimida a informação de que o grande amor de sua vida foi Joaquim Nabuco. Mas, já que se conhece a importância do papel desempenhado pelo homem que Eufrásia amou no processo de libertação dos escravos no Brasil, fica difícil compreender como ele não conseguiu se liberar das imposições sociais, dos costumes da época e aceitar o casamento nos moldes propostos por ela. A verdadeira "abolição" talvez tenha sido a realizada por ela, uma mulher que se libertou dos preconceitos, das tradições, não sucumbiu à opressão existente sobre as mulheres de sua época e viveu absolutamente livre.

Vale a leitura!

Ana Cristina T. Pereira (PR).

Escolhas

Escolhas são sempre difíceis. Entre isto ou aquilo, silenciámos. Ou tememos. Ou rejeitamos. Raramente abraçamos. Na vida e na música. Entre o isto ou aquilo nunca se sabe bem qual é melhor, por isso, o conformismo prepondera, a expansão se faz exígua. Melhor ficar com o primeiro, costumeiro, que embora possa ser bom, nada mais acrescenta. O novo, estranha-se. Mesmo que se entranhe. Mas é o mesmo que mostra outros caminhos, dimensões diferentes, ou simplesmente novos. Ou seja, nada de novo, mas diferente. E nisso pode estar a água fresca de uma nova fonte que sacia nossa curiosidade ou necessidade. *Perrier* dos sentidos, a descortinar paragens inesperadas; sons estranhos que, breve, se harmonizam e criam o noviço arranjo que faz diferente o sabido. E, consentindo, torna o saber de segundo grau, penetrando a alma qual brisa fresca que varre o abafado da mesmice, das bagatelas inúteis, que estorvam a percepção. Melhor viver escolhendo o que ouvir, olhar,



Embrulho azul, pastel encerrado, 2002

perscrutar; sentir os novos sons que vêm de cada um e cada outro, que se entrelaçam em escolhas. Escolhas da ousadia da madureza. Na vida e na música. 📍

Choices/Escolhas

1. You Are So Beautiful (B. Fisher/B. Preston);

1a. Sam Moore, Billy Preston, Zucchero, Eric Clapton e Robert Randolph.

1b. Kenny Rogers.

2. At Last (M. Gordon/H. Warren);

2a. Beyoncé.

2b. Eva Cassidy.

3. What A Wonderful World (G. D. Weiss/R. Thiele);

3a. Louis Armstrong.

3b. Tony Bennett e K. D. Lang.

4. Everything I Do, I Do it For You (Adams/Lange/ Kamen);

4a. Bryan Adams.

4b. Julia Migenes.

5. Send In The Clowns (Stephen Sondheim);

5a. Barbra Streisand.

5b. Sarah Vaughan.

6. A Song For You (Leon Russell);

6a. Donny Hathaway.

6b. Ray Charles.

7. All By Myself (Eric Carmen);

7a. Shirley Bassey.

7b. Frank Sinatra.

8. Mr. Bojangles (Jerry J. Walker);

8a. Sammy Davis Jr.

8b. Robbie Williams.

9. Your Song (E. John/B. Taupin);

9a. Elton John.

9b. Al Jarreau.

10. Over The Rainbow (E. Y. Harburg/H. Arlen);

10a. Judy Garland.

10b. Jaimee Paul.

11. Night And Day (Cole Porter);

11a. Frank Sinatra.

11b. The Temptations.

**12. Someone To Watch Over Me (G. Gershwin/
J. Gershwin);**

12a. Ella Fitzgerald.

12b. Keely Smith.

**13. Whiter Shade Of Pale (G. Brooker/K.
Reid);**

13a. Procol Harun.

13b. R. B. Greaves.

14. The Way You Look Tonight (J. Kern/ D. Fields);

14a. Rod Stewart.

14b. Harry Connick, Jr.

**15. Always On My Mind (Thompson/James/
Christopher);**

15a. Elvis Presley.

15b. Willie Nelson.

16. All The Way (J. V. Hensen/S. Cahn);

16a. Lena Horne.

16b. Etta James.

17. I Can't Stop Loving You (Don Gibson);

17a. Ray Charles.

17b. Diane Schuur e B. B. King.

18. Hello (Lionel Richie);

18a. Lionel Richie.

18b. Shirley Bassey.

19. Feeling Good (L. Bricusse/A. Newley);

19a. Michael Bublé

19b. Nina Simone

**20. Can't Help Falling In Love (H. Peretti/L.
Creatore/ G. Weiss);**

20a. Elvis Presley

20b. Brenda Lee.

Tulipas, acrílica sobre papel, 1995



Letras da trilha

YOU ARE SO BEAUTIFUL

You are so beautiful, to me
You are so beautiful, to me
Can't you see
You're everything I hope for
You're everything I need
You are so beautiful to me.

Such joy and happiness you bring
Such joy and happiness you bring
Just like a dream
My guiding light
My shining star
I'm gonna love you
Wherever you are
You are so beautiful
To me.

AT LAST

At last my love has come along
My lovely days are over
And life is like a song

Ohh yeah yeah
At last
The skies above are blue
My heart was wrapped up in clover
The night I looked at you

I found a dream, that I could speak to
A dream that I can call my own
I found a thrill to press my cheek to

A thrill that I have never known

You smile, you smile
Oh And then the spell was cast
And here we are in heaven
For you are mine at last

WHAT A WONDERFUL WORLD

I see trees of green red roses too
I see them bloom for me and you
And I think to myself
What a wonderful world

I see skies of blue and clouds of white
The bright blessed day, the dark sacred night
And I think to myself
What a wonderful world

The colors of the rainbow so pretty in the sky
Are also on the faces of people going by
I see friends shaking hands saying, "How do you do"
They're really saying "I love you"

I hear babies crying, I watch them grow
They'll learn much more than I'll ever know
And I think to myself
What a wonderful world

The colors of the rainbow so pretty in the sky
Are also on the faces of people going by
I see friends shaking hands saying, "How do you do"
They're really saying "I love you"

I hear babies crying, and I watch them grow
 They're learn much more than I'll ever know
 And I think to myself
 It's a wonderful world

Yes, I think to my self
 What a wonderful world.

EVERYTHING I DO, I DO IT FOR YOU

Look into my eyes
 You will see
 What you mean to me
 Search your heart
 Search your soul
 And when you find me there
 You'll search no more

Don't tell me it's not worth trying for
 You can't tell me it's not worth dyin' for
 You know it's true
 Everything I do
 I do it for you

Look into your heart
 You will find
 There's nothing there to hide
 Take me as I am.
 Take my life
 I would give it all
 I would sacrifice

Don't tell me it's not worth fighting for
 I can't help it
 There's nothing I want more
 You know it's true
 Everything I do
 I do it for you

There's no love like your love
 And no other could give more love
 There's nowhere unless you're there
 All the time
 All the way, yeah

You can't tell me it's not worth trying for
 I can't help it
 There's nothing I want more
 I would fight for you
 Walk the wire for you
 I'd die for you

You know it's true
 Everything I do
 I do it for you

SEND IN THE CLOWNS

Isn't it rich, are we a pair
 Me here at last on the ground
 You in mid-air
 Send in the clowns

Isn't it bliss, don't you approve
 One who keeps tearing around
 One he can't move
 Where are the clowns
 Send in the clowns

Just when I'd stopped opening doors
 Finally knowing the one that I wanted
 Was yours
 Making my entrance again with my usual flair
 Sure of my lines
 No one is there

Don't you love farce, my fault I fear,

I thought that you'd want what I want,
Sorry my dear
But where are the clowns

What a surprise!
Who could fore see
I'd come to feel about you
What you felt about me?
Why only now when I see
That you've drifted away?
What a surprise...
What a cliché...

Isn't rich, isn't it queer
Losing my timing this late
In my career
And where are the clowns
Quick send in the clowns
Don't bother, they're here.

A SONG FOR YOU

I've been so many places in my life and time
I've sung a lot of songs, I've made some bad rhymes
I've acted out my life in stages
With ten thousand people watching
But we're alone and I'm singing this song for you

I know your image of me is what I hope to be
I treated you unkindly but baby can't you see
There's no one more important to me
Baby can't you please see through me
'Cause we're alone now and I'm singing my song for you

I love you in a place where there's no space or time
I love you for my life you are a friend of mine
And when my life is over
Remember when we were together



Cortina/paisagem, pastel encerrado, 2002

We were alone and I was singing my song for you

You taught me precious secrets of
the truth withholding nothing
'You came out in front and I was hiding
But now I'm so much better and if my
words don't come together
Listen to the melody
'Cause my love's in there hiding

I love you in a place where there's no space or time
I love you for my life 'cause you're a friend of mine
And when my life is over
Remember when we were together
We were alone and I was singing my song for you
We were alone and I was singing this song
Singing my song for you.

ALL BY MYSELF

When I was young
I never needed anyone
And making love just for fun
Those days are gone.
Livin' alone

I think of all the friends I've known
 When I dial the telephone
 Nobody's home

All by myself
 Don't wanna be
 All by myself
 Anymore

Hard to be sure
 Sometimes I feel so insecure
 And loves so distant and obscure
 Remains the cure

All by myself
 Don't wanna be
 All by myself
 Anymore
 All by myself
 Don't wanna live
 All by myself
 Anymore

MR. BOJANGLES

I knew a man Bojangles and he danced for you
 In worn out shoes
 Silver hair, a ragged shirt and baggy pants
 The old soft shoe

He jumped so high
 He jumped so high
 Then he's lightly touched down

Mr. Bojangles
 Mr. Bojangles
 Mr. Bojangles
 come back to dance

I met him in a cell in New Orleans
 I was down and out
 He looked to me to be the eyes of age
 As he spoke right out

He talked of life
 He talked of life
 He lightly slapped his leg instead

He said the name Bojangles and he danced a lick

Across the cell
 He grabbed his pants for a better dance
 He jumped do high
 He clicked his heels

He let go a laugh
 He let go a laugh
 Shook back his clothes all around
 Mr. Bojangles
 Mr. Bojangles
 Mr. Bojangles
 come back and dance, Dance.

We danced for those at minstrel shows and county fairs

Throughout the south
 We spoke in tears of fifteen years.
 How his dog and him
 They traveled about

His dog up and died
 He up and died
 After twenty years he still grieves

They said I dance now at every chance and honky tonks

For drinks and tips
 But most the time I spend behind these county bars

Cause I drinks a bit

He shook his head and as he shook his head
I heard someone ask please.

YOUR SONG

It's a little bit funny, this feeling inside
I'm not one of those, who can easily hide,
I don't have much money, but boy if I did
I'd buy a big house where we both could live.

If I was a sculptor, but then again no,
Or a man who makes potions in a traveling show
I know it's not much, but it's the best I can do
My gift is my song and this one's for you.

And you can tell everybody, this is your song
It may be quite simple but now that it's done,
I hope you don't mind. I hope you don't mind
That I put down in words
How wonderful life is while you're in the world.

I sat on the roof and kicked off the moss
Well a few of the verses, well they've got me quite cross
But the sun's been quite kind while I wrote this song,
It's for people like you, that keep it turned on.

So excuse me forgetting, but these things I do
You see I've forgotten, if they're green or they're blue
Anyway the thing is, what I really mean
Yours are the sweetest eyes I've ever seen.

OVER THE RAINBOW

Somewhere over the rainbow, way up high
There's a land that I've heard of
once in a lullaby

Somewhere over the rainbow, skies are blue
And the dreams that you dare to dream
really do come true

Some day I'll wish upon a star
and wake up where the clouds are far behind me
Where troubles melt like lemon drops
away above the chimney tops
That's where you'll find me

Somewhere over the rainbow, blue birds fly
Birds fly over the rainbow
Why, then, oh why can't I?

If happy little blue birds fly
beyond the rainbow
Why oh why, can't I?

NIGHT AND DAY

Night and day, you are the one
Only you beneath the moon and under the sun
Whether near to me, or far
It's no matter, darling, where are you
I think of you

Night and day, day and night, why is it so
That this longing for you follows wherever I go
In the roaring traffic's boom
In the silence of my lonely room
I think of you
Night and day, night and day

Under the hide of me
There's an, oh, such a hungry year-
ning burning inside of me
And its torment won't be through
Until you let me spend my life making love to you

"SEM TÍTULO", pastel encerrado e neocolor, 2004



Day and night, night and day

Whether near to me, or far
It's no matter, darling, where are you
I think of you
Night and day, day and night

Under the ride of me
There's an, oh, such a hungry year-
ning burning inside of me
And its torment won't be through

Until you let me spend my life making love to you
Day and night, night and day
I think of you
Night and day.

SOMEONE TO WATCH OVER ME

There's somebody I'm longing to see
I hope that she turns out to be
Someone who'll watch over me
I'm a little lamb who's lost in the wood
I know I could always be good
To one who'll watch over me

Although I may not be the man some
Girls think of as handsome
But to her heart I'll carry the key

Won't you tell her please to put on some speed
Follow my lead, oh, how I need
Someone to watch over me.

WHITER SHADE OF PALE

We skipped the light fandango
And turned cart wheels cross the floor
I was feeling kind of seasick
But the crowd called out for more
The room was humming harder
And the ceiling flew away
When we called out for another drink
The waiter brought a tray

And so it was that later
As the miller told his tale
That her face at first just ghostly
Turned a whiter shade of pale

She said "There is no reason
And the truth is plain to see"
But I wandered through my planning cards
And would no let her be
One of sirteen vestal virgins
Who where leaving for the coast
And although my eyes were open
They might just have well been closed

And so it was that latter
As the miller told his tale
That her face at first just ghostly
Turned a whiter shade of pale
Turned a whiter shade of pale

And so it was that later
As the miller told his tale
That her face at first just ghostly
Turned a whiter shade of pale.

THE WAY YOU LOOK TONIGHT

Someday when I'm awfully low
When the world is cold
I will feel a glow just thinking of you
And the way you look tonight
You're so lovely, with your smile so warm
And your cheeks so soft
There is nothing for me but to love you
And the way you look tonight

With each word your tenderness grows
Tearing my fears apart
And that laugh that wrinkles your nose
Touches my foolish heart

Yes you're lovely... Never ever change
Keep that breathless charm
Won't you please arrange it?
I cause I love you... Just the way you
Look tonight.

ALWAYS ON MY MIND

Maybe I didn't love you
Quite as often as I could have
Maybe I didn't treat you
Quite as good as I could have
If I made you feel second best
Girl I'm sorry I was blind
But you were always on my mind
You were always on my mind



Maybe I didn't hold you
All those lonely, lonely times
I guess I never told you
That I am so happy that you're mine
Little things I should've said and done
I just never took the time
But you were always on my mind
You were always on my mind.

Tell me, tell me that your sweet love hasn't died
Give me, give me one more chance
To keep you satisfied
I'll keep you satisfied
Little things I should have said and done
I just never took the mine
But you were always on my mind

ALL THE WAY

When somebody loves you
It's no good unless he loves you – all the way
Happy to be near you
When you need someone to cheer you

All the way
 Taller than the tallest tree is
 That's how it's got to feel
 Deeper than the deep blue sea is
 That's how deep it goes – if it's real

When some body needs you
 It's no good unless he needs you – all the way
 Through the or lean years
 And for all the in between years – come what may
 Who knows where the road will lead us
 Only a fool would say
 But if you'll let me love you
 It's for sure I'm gonna love you –
 all the way , all the way.

I CAN'T STOP LOVING YOU

I can't stop loving you
 I've made up my mind
 To live in memory of the lonesome times
 I can't stop loving you

It's useless to say
 So I'll just live my life in dreams of yesterday
 Dreams of yesterday
 Those happy hours that we once knew

 Tho'long ago, they still make we blue
 They say that time heads a broken heart
 But time has stoodstill since we've been apart

I can't stop loving you
 I've made up my mind
 To live in memory of the lonesome times
 I can't stop loving you

It's useless to say

So I'll just live my life in dreams of yesterday
 Those happy hours
 That we once knew

Tho'long ago
 Still make me blue.

HELLO

I've been alone with you inside my mind
 And in my dreams
 I've kissed your lips a thousand times
 I sometimes see you pass out side my door
 "Hello"
 Is it me you're looking for?

I can see it in your eyes
 I can see it in your smile
 You're all I've ever wanted
 And my arms are opened wide
 'Cause, you know just what to say
 And you just what to do
 And I want to tell you so much
 I love you!

I long to see the sunlight in your hair
 And tell you time and time again
 How much I care
 Sometimes I feel my heart
 Will overflow
 "Hello"
 I've just got to let you know!

'Cause, I wonder where are you
 And I wonder what you do
 Are you somewhere feeling lonely
 Or is someone loving you
 Tell me how to win your heart

For I haven't got a clue
But let me start by saying –
I love you?

"Hello"

Is it me you're looking for
'Cause, I wonder where are you
And I wonder what you do
Are you somewhere feeling lonely
Or is someone loving you
Tell me how to win your heart
For I haven't got a clue
But let me start by saying –
I love you!

FEELING GOOD

Bird flying high you know how I feel
Sun in the sky you know how I feel
Reeds drifting on by you know how I feel
It's a new dawn it's a new day its a new life for me
And I'm feeling good

Fish in the sea you know how I feel
River running free you know I feel
Blossom in the trees you know how I feel
It's a new dawn its new day it's a new life for me
Dragonflies all out in the sun

You know what I mean don't you know
Butterflies are all having fun
You know what I mean
Sleep in peace
When the day is done
And this old world is new world and a bold world for me
Stars when shine you know how I feel
Scent of the pine you know how I feel
Yeah freedom is my life
And you know how I feel
It's a new dawn it's a new day it's a new life for me
And I'm feeling good

CAN'T HELP FALLING IN LOVE

Wise men say, only fools rush in
But I can't help, falling in love with you
Shall I stay?
Would it be a sin?
If I can't help, falling in love with you

Like a river flows, surely to the sea
Darling so it goes, somethings are meant to be
Take my hand, take my whole life too
For I can't help, falling in love with you
For I can't help falling in love, with you

NOSSO CREDO

Somos responsáveis perante as comunidades nas quais vivemos e trabalhamos, bem como perante a comunidade mundial. Devemos ser bons cidadãos – apoiar boas obras sociais e de caridade e pagar corretamente os tributos. Devemos encorajar o desenvolvimento do civismo e a melhoria da saúde e da educação. Devemos manter em boa ordem as propriedades que temos o privilégio de usar, protegendo o meio ambiente e os recursos naturais.

EXCERTO DO NOSSO CREDO.

Jagger & Richards versus Lennon & McCartney

O telefonema do editor do látrico causou um prolongado acesso de bom humor, improvável em um fim de quinta-feira de forte trabalho clínico. Seguido por vários flashbacks com sorrisos sempre que voltei ao assunto. O engraçado foi meu amigo demorar uns 30 segundos antes de dizer o essencial: escreva porque você gosta mais dos Rolling Stones do que dos Beatles.

Pois é. Precisa um pouco de coragem. Rápido como Dalton Trevisan, eu diria que a razão é imoral, sexual. No caso, aproveito para escrever uma ficção histórica contemporânea, como Tom Wolfe em *A fogueira das vaidades*.

Assim, como dizem hoje, pré-adolescente em Curitiba no meio dos anos 60, eu tinha sido acordeonista, proprietário de um Scandalli verde, tão grande que tocava sentado. Havia estudado um pouco de teoria, sabia ler música. Porém, fica pior: gostava de música caipira, desde a infância no Norte Pioneiro. Meu pai gostava de tocar Altemar Dutra no estéreo de casa, mas o chique era Bossa Nova, uma chatice completa. Então explodiram a Jovem Guarda e a adolescência.

No nosso grupo de herdeiros da época, muitos estu-

davam no Interamericano ou na Cultura Inglesa. Por intercâmbio, dois foram passar o verão americano nos USA. Um voltou com a cabeça virada, tinha ficado com várias meninas da *high-school*, coisa que nossas irmãs e amigas estavam longe de

fazer. Trouxeram aquelas camisas de universidade, calças Levi's, e uma coleção de *Long Playings*. Entre eles, Stones, Beatles e Doors. Outro universo comparado aos "Quero que vá tudo para o inferno", Jerry Adrianis e Wandeley Cardosos que imperavam por aqui. O ritmo dos Sto-

nes era melhor que o resto. Só Doors se comparava, mas era gutural e violento. Minha paixão era mais a guitarra, e no Doors, imperava o vocalista.

Aqui, o povo ouvia os Beatles antigos, da época do ié-ié-ié. Este som, um rock branco dos anos 50, de terninhos e gravatinhas, era ligado conceitualmente ao rock nacional, tipo Renato e seus Blue Caps. Retrógrado como nossa ditadura e a direita burguesa. Os momentos mágicos dos Beatles, como *Hey Jude*, e principalmente *O Álbum Branco*, ficaram bloqueados com a caretice generalizada do fim dos anos 60 na América Latina. Da esquerda e da direita. A emoção verdadeira do rock, da guitarra sexual, rítmica, hipnótica, poderosa, que motivava as moças da *high-school*, estava já marcada com quem foi transgressor desde o início: Rolling Stones.

Aquele grupo de amigos que ouviu a pequena coleção de LPs nos anos 60 continuou se reunindo até os anos 90 para festas de rock, nós mesmos os DJs. Um continuou especialista em Beatles. Outro em música folclórica, de Dylan e Neil Young aos irlandeses. Sempre toquei rock rápido melódico. Até em Pink Floyd buscava as baladas, produzia um lado inteiro de uma fita cassette com rocks dos Stones, e todos dançavam sem parar. Ninguém viajandão, olhando para cima, nem dançando de rosto colado, olhando o luar.

Ouvir Stones é a essência da palavra "rock", balançar o tronco naquele ritmo da guitarra do Keith. Dá para colocar um metrônomo, é como o baixo do acordeon, os botões na mão esquerda. Tchum tcha tcha pum tcha tcha pum. Como valsa. Nos conjuntos de rock, é a cozinha: bateria, baixo e guitarra ritmo. Na mão direita do acordeon o teclado; nos conjuntos de rock, a guitarra solo e o cantor.

Jagger e Richards nunca tiveram um produtor comercial como Brian Epstein ou um arranjador sofisticado como George Martin, que rivalizam pelo título de "quinto Beatle". Os Stones também não tiveram um fim de car-

"A EMOÇÃO VERDADEIRA DO ROCK, DA GUITARRA SEXUAL, RÍTMICA, HIPNÓTICA, PODEROSA, QUE MOTIVAVA AS MOÇAS DA HIGH-SCHOOL, ESTAVA JÁ MARCADA COM QUEM FOI TRANSGRESSOR DESDE O INÍCIO: ROLLING STONES."

reira melancólico, como Elvis Presley. Como se diz: *Old heroes don't die, they slowly fade away*. Brian Jones deu um tom inicial meio pirado, mas Mick assumiu com a humildade de reconhecer que a alma da música era a guitarra de Keith Richards. As músicas, produção, arranjos, sempre foram deles. O ritmo sempre identificado com o blues negro do delta do Mississipi. Numa das mais clássicas séries de concertos da história do rock, em novembro de 1969 no Madison Square Garden, os Stones já tiveram a companhia de BB King e Tina Turner. Em uma das noites estavam Jimi Hendrix, Janis Joplin e o maestro Leonard Bernstein na plateia. Ao fim do concerto, em Honky Tonk Woman, consta que o enorme edifício balançava com a guitarra de Keith. Enquanto os Beatles meditavam na Índia e *Abbey Road* explodia nas paradas.

Keith sempre teve a humildade de reconhecer que Sir Mick era ótimo front-man para aquela música que saía de dentro dele. Ambos têm um respeito completo pela discricção, timidez e bom comportamento eternos do baterista, Charlie Watts. Estes são os 3 Stones. Brian Jones já havia deixado o grupo; Bill Wyman, baixista, e Mick Taylor, guitarra solo, seriam substituídos.

Talvez uma amostra do ritmo dos Stones seja *Midnight Rambler*, com mais de 9 minutos de guitarra nervosa no meio da gravação do Madison Square Garden. Já tentei inúmeras vezes, em idades diferentes, acompanhar o movimento do braço direito. A câmbra é inevitável em um ou dois minutos. Há décadas eles não tocam músicas que demandam muito ou tocam fogo na plateia, como *Gimme Shelter*. Mas em *Shine a Light*, de "Marty" (como diz Sir Mick) Scorsese, exibido "hors-concours" em Cannes, incendiam até a mãe de Hillary Clinton. Nunca desapontam ao vivo. Todas apresentações são majestosas. Várias vezes durante o show engatam um rock que embala todos durante longos minutos. Não economizam potência: cada música é mais alta, mesmo em lugares como o Maracanã.

Alguns anos atrás fui assistir Eric Clapton com meus filhos. Na volta ao hotel, o mais velho comentou como ele havia se tornado careta, comparado com o "deus" da guitarra de Layla, que nós ouvimos em casa a vida toda; mais

parecia João Gilberto, quietinho... Continuando a conversa distante dos menores, concluímos que o diferencial podiam ser as drogas. Em épocas áureas, estes gênios do rock, em torno de 25 anos de idade, como David Bowie e Syd Barrett, eram Ferraris do ano com gasolina de Fórmula

1. Uma mistura possível de Keith: heroína para a dor no braço e a atmosfera; cocaína para o ritmo; álcool para ocupar o tempo. Milagre que esteja vivo.

Sexo, drogas e rock and roll. Esta equação dá Rolling Stones. Como eu não conhecia nenhum dos três, porque a preferência imediata? Deve ser uma reação química, disse Charlie Watts a um repórter ainda nos anos 60. Mas que reação poderia atingir tantos espécimes da raça, começando na adolescência tardia e persistindo até a senescência? O primeiro ingrediente devem ser os hormônios masculinos. Os Beatles, de início, foram uma *boy-band* e sempre tocaram uma música mais rebuscada. Consta que tocaram *Hey Jude* mais de 100 vezes até obter a versão perfeita. George sempre foi suave, e Paul bom-moço. Sua evolução é incomparável. Já os Stones foram rock básico desde sempre. O segundo é a transgressão, a emoção verdadeira, límpida. O terceiro minha origem acordeonista caipira, que deve ter a ver com a genética eslava da polka. O quarto é o grupo. Acordeonistas tocam em conjuntos, embora sejam uma pequena orquestra por si sós.

Como grupo os Stones são únicos, objeto de respeito e admiração crescentes. Sir Mick, Keith Pirata do Caribe e Charlie o gentleman. As mulheres de Sir Mick parecem uma Távola Redonda de gigantes: Luciana Gimenez e Carla Bruni estão na TV todo dia; Jerry Hall desfila volta e meia. Na crista da onda, treinadas e lindas, poderosas e satisfeitas. Até feministas os Stones foram, na prática. E até hoje, donos de seu destino.

**Dr. Paulo Rogério Mudrovitsch
de Bittencourt (PR).**

"OS BEATLES, DE INÍCIO, FORAM
UMA *BOY-BANDE* SEMPRE TOCARAM
UMA MÚSICA MAIS REBUSCADA.
CONSTA QUE TOCARAM *HEY JUDE*
MAIS DE 100 VEZES ATÉ OBTER
A VERSÃO PERFEITA. "

Fragmentos da Música Popular Brasileira

Lembrança, acrílica e areia sobre tela, 1997



1. Quis você pra meu amor
E você não entendeu,
Quis fazer você a flor,
De um jardim somente meu
(*Você passa e eu acho graça* – 1968 – Ataulfo Alves e Carlos Imperial).

2. Meus olhos choram a falta dos teus
Estes teus olhos que foram tão meus
(*Preciso aprender a ser só* – 1965 – Paulo Sérgio Valle).

3. Abre a janela amor
Abre a janela
Dê um sorriso
E jogue uma flor para mim
(*Triste Madrugada* – 1967 – Jorge Costa).

4. Eu sem você
Não tem nem por quê
Porque sem você
Não sei nem chorar
(*Samba em Prelúdio* – 1962 – Baden Powell e Vinícius de Moraes).

5. E todo grande amor
Só é bem grande se for triste...
...Não há você sem mim
E eu não existo sem você
(*Eu não existo sem você* – 1958 – Tom Jobim e Vinícius de Moraes).

6. Porém, neste abandono interminável
No espinho de tão negra solidão
Eu tenho um companheiro inseparável
Na voz de meu plangente violão
(*A voz do violão* – 1929 – Francisco Alves e Horácio Campos).

7. Gosto que me enrosco, de ouvir dizer
Que a parte mais fraca é a mulher
Mas o homem, com toda fortaleza
Desce da nobreza e faz o que ela quer
(*Gosto que me enrosco* – 1929 – Sinhô).

8. Covarde sei que me podem chamar
Porque não calo peito dessa dor
(*Atire a primeira pedra* – 1944 – Ataulfo Alves e Mario Lago).

9. Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
(*O meu guri* – 1981 – Chico Buarque).

10. Me alegre na hora de regressar
Parece que eu vou mergulhar
Na felicidade sem fim
(*De volta pro meu aconchego* – 1985 – Dominginhos e Nando Cordel).

11. Se eu pudesse por um dia
Esse amor essa alegria
Eu te juro te daria

Se eu pudesse esse amor todo dia.
(*Falando de amor* – Nelson Gonçalves).

12. Nada quis guardar como lembrança.
Pra não aumentar meu padecer.
Devolvi tudo,
Só não pude devolver
A saudade cruciante,
Que amargura meu viver...
(*Devolvi* – Nelson Gonçalves).

13. Ressentimentos passam como vento
São coisas de momento
São chuvas de verão
(*Chuvas de verão* – 1949 – Fernando Lobo).

14. Fala baixinho só pra eu ouvir
Porque ninguém vai mesmo compreender
Que o nosso amor é bem maior...
(*Fala baixinho* – Pixinguinha e Hermínio Bello de Carvalho).

15. Cores do mar
Festa do sol
Vida é fazer
Todo sonho brilhar
(*Papel Machê* – João Bosco e Capinam).

16. Você me deixa a rua deserta
Quando atravessa
E eu não olho para trás
(*Linda* – Caetano Veloso).

17. E a Coisa mais certa
De todas as coisas
Não vale um caminho sob o sol.
(*Força Estranha* – Roberto Carlos).

18. Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber que é imortal
(*O homem velho* – Caetano Veloso).



Almoço em Bombas, assemblage com areia sobre madeira, 2005

19. Gosto muito de te ver, leãozinho
Caminhando sob o sol
Gosto muito de você, leãozinho
(*O leãozinho* – Caetano Veloso) – "musica para meu filho Kris" – grifo meu.

20. No pão-de-açúcar
De cada dia
Dai-nos, Senhor
A poesia de cada dia
(*Escapulário* – Caetano Veloso e Oswald de Andrade).

21. Só "se conformemos"
Quando o Joca falou
Deus dá o frio conforme o coberto
E hoje nós pega a paia nas grama do jardim.
(*Saudosa Maloca* – Adoniran Barbosa).

Dr. Antonio Ribas (PR).

Zilda e o Santo Graal



Uma tristeza doída, um sentimento de ausência, uma perplexidade nos incomodam. Quão difícil é contemplar a morte de milhares de irmãos nossos do povo bom do Haiti. Somou-se a este calvário coletivo a dor pessoal diante da experiência de orfandade que vivemos com a morte da Doutora Zilda Arns Neumann, a "Oma" de milhares de netas e netos que participam da Pastoral da Criança.

Ficou este nó na garganta e, em nossa mente ecoa a pergunta enigmática: Por que tal catástrofe? E por que com um povo que já viveu tantas? Por que quem fez tanto bem como a doutora Zilda morre antes do tempo no exato momento em que profetiza tempos de paz, de amor e de vida? Onde estará a resposta? Uma antiga lenda do cristianismo dizia que todas as perguntas aos sofrimentos humanos seriam respondidas quando fosse redescoberto o paradeiro do Santo Graal, o cálice de Cristo. Milhares de cristãos passaram suas vidas na busca do cálice sagrado. O Santo Graal teria as respostas que buscamos para esta hora crucial do povo irmão do Haiti? O Santo Graal nos ajudaria a interpretar a perda da Dra. Zilda?

Creio que sim! Zilda fez seu caminho de vida e mostrou, por sua morte, o segredo do viver. Ela decifrou o enigma e bebeu do cálice sagrado. Zilda Arns Neumann morreu por obedecer ao convite da Unicef e oferecer-se integralmente pelas crianças de todo o planeta. Por este sim integral, ela viverá. Zilda falou de Deus com suas

mãos, com a ciência médica, com o coração de mãe, com o sorriso terno, com a fé teimosa e convicta. Por este Deus de amor por quem viveu, ela ressuscitará.

Zilda creu no voluntariado que envolve a todos na graça do serviço e da alegria. Creu nas mulheres pobres e no mutirão do saber partilhado. Creu no soro caseiro, na pesagem semanal, no aleitamento materno e na multimistura. Creu nas ações educativas de base. Creu no sorriso das crianças. Creu na vida. Creu na esperança. Zilda encontrou o Santo Graal que nós tanto buscávamos de forma equivocada e mítica.

Este o segredo: O Santo Graal esteve sempre nas mãos das crianças. Está no ventre das grávidas. Está na ternura dos pobres. Está na justiça vivida. Está no amor feito ação e na verdade feita perdão.

O segredo emergiu luminoso da boca de Doutora Zilda, na última fala de sua vida: "Como os pássaros, que cuidam de seus filhos ao fazer um ninho no alto das árvores e nas montanhas, longe de predadores, ameaças e perigos, e mais perto de Deus, deveríamos cuidar de nossos filhos como um bem sagrado, promover o respeito a seus direitos e protegê-los".

Obrigado, querida e amada doutora Zilda. Por tua morte e por tua vida. Por tua missão e por tua entrega. Por teu amor e por teu sorriso. Grato por nos ensinar a ver milagres de Deus, dentro das entranhas da dor. Grato por ver com teus olhos, ressurreição onde todos só conseguem ver fatalidade. Grato por experimentar e gestar vida onde tudo revela dor.

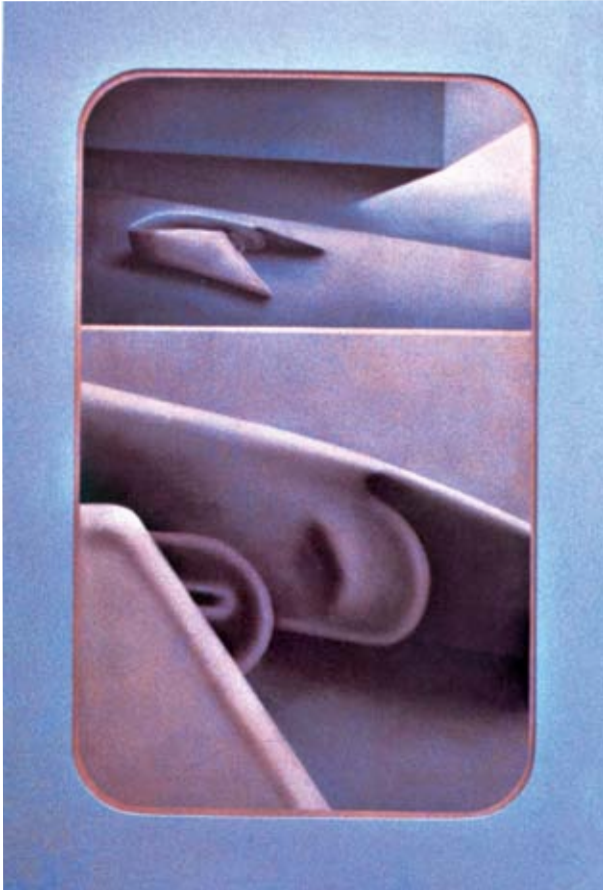
Você encontrou o verdadeiro Graal: bebeu do cálice do amor doando sua própria vida. Esta é a resposta, este é o lugar sagrado: uma vida triturada, misturada e semeada com o povo haitiano. Este é o verdadeiro sentido de viver: fidelidade ao Evangelho no seguimento de Jesus, com fé, esperança e amor.

Fernando Altemeyer Junior (SP).

Artigo de opinião publicado na Folha de S. Paulo de 17 de janeiro de 2010.



O Conhecimento Secreto, pastel encerrado, 1972



Fábula Ambígua, pastel, gouache e nanquim sobre papel, 1971



O Real Revisto, pastel encerrado, 2005



A OBRA

As reproduções presentes nesta edição do *Iátrico* são obras produzidas por Carlos Eduardo Zimmermann ao longo de mais de 40 anos de carreira, muitas delas levadas a exposições coletivas ou individuais no Brasil e exterior ou presentes em acervos. Algumas são inéditas, com imagens cedidas ou reproduzidas com autorização do artista, que em sua carreira explorou várias técnicas, como colagens, gravuras, pinturas e esculturas. Zimmermann protagonizou a mostra inaugural do Espaço Cultural do CRMPR, na Casa do Médico. Sua relação com a Medicina vai além da sua formação acadêmica: a irmã, um tio e um primo são médicos. Saiba mais sobre o artista acessando o site www.zimmermann-finearts.com.br.

GALERIA

Conjunto em destaque (ao lado), fruto da passagem por "terras mitológicas", a reverência ao lar, à esperança e à psique (alma). Experiência de 1998 e objeto de exposição em 2000 no Brasil.

Fragmento do real

A linguagem do meu trabalho é consequência

de uma intimidade muito grande com determinados temas, que fazem parte de todo um vocabulário simbólico, empregado numa série de pinturas e desenhos com referências surrealistas que executei no final dos anos 60 e início dos 70, quando começava minha carreira como pintor.

Desde então, o embrulho ou pacote, as folhas de papel, os envelopes e – mais recentemente – as cortinas são temas frequentes, executados com uma precisão técnica, adquirida através de uma disciplina de trabalho praticada ao longo destes últimos 40 anos, sem a qual seria impossível criar uma pintura que correspondesse às minhas intenções.

Gosto muito da fase de armagem ou estruturação do trabalho em si, pois os temas e o próprio suporte que utilizo são muito próximos entre si. Existe um ludismo grande em pintar embrulhos com papel amassado sobre um suporte, que é o próprio papel. Apesar dos temas terem variado pouco nestes últimos anos, na feitura do trabalho quase sempre aparecem situações imprevisíveis. Nas diferentes tentativas para solucionar esses impasses e si-

tuações, acabo inesperadamente descobrindo novas soluções. Através de uma cumplicidade para com o próprio tempo ou momento acrescento um espírito de renovação ao trabalho. Às vezes, como um exercício, começo a armar uma pintura de maneira nova para intencionalmente dar chance ao imprevisito e inédito no meu trabalho.

O mais importante no trabalho que venho desenvolvendo, além da técnica que poderia ser associada a uma herança do hiper-realismo e consequência da minha formação acadêmica em Medicina – pela assepsia quase cirúrgica com que desenho certos detalhes do real, ou ainda, da organização do espaço trabalhado, resultando quase sempre em composições geométricas – é, sem dúvida, o que pretendo transmitir em termos de um ‘clima’ ou ‘atmosfera’. Tento lidar, ambigualmente, com o cotidiano e o irreal, com a precisão e o mistério.

Busco conferir com isto, ao meu trabalho, um valor de releitura da realidade vivida, cujos propósitos permanecem na intenção de se fazer um comentário mágico sobre o real.

Dr. Carlos Eduardo Zimmermann (PR).

Sob a atmosfera de mistério, um convite para enxergar a aura

O espaço da galeria emergiu no látrico como

aplauso às expressões artísticas em todas as suas formas, destacando-se aí as plásticas. Contemplar, interpretar, historiar, criticar, refletir... A escolha do exercício verbal é individual, compatível a particularidades ou engajamento cultural e social. Neste convite ao pensar, que também passa pelas incursões poéticas e musicais,

a modalidade das belas-artes tem sido importante instrumento para respaldar as temáticas das edições, procurando alargar o conhecimento e a visão crítica.

A Caravaggio, Picasso, Renoir e Rodin foram somados os "nossos" Poty, Nísio e seletos grupo de chargistas e cartunistas para enriquecer o conteúdo em sequência da revista. Quando o editor apresentou o tema da edição

26 – cultura do fragmento – o nome de Carlos Eduardo Zimmermann foi logo lembrado para ter suas obras a ilustrar e a enriquecer a publicação. As razões iam além de ser um artista local com renome internacional e de ter formação médica. Sim, ele é graduado pela UFPR, turma de 1976, e mantém suas credenciais junto ao Conselho de Medicina, apesar da opção pela "outra arte".

A vida e obra do artista paranaense, construídas harmonicamente na colheita de experiências em diversidade de culturas e técnicas, têm tudo a ver com a temática. Nascido em Antonina, Zimmermann mostrou desde cedo o seu talento nas artes plásticas, sendo discípulo de Guido Viaro. O aprendizado no curso de Medicina, como as aulas de anatomia com o Prof. Brasília Vicente de Castro ou estudo dos desenhos anatômicos de Leonardo na Vinci, influenciaram o seu trabalho artístico, sobretudo na concepção de assepsia e mestria no traço firme, "quase cirúrgico", explicitadas em suas obras tal qual uma extensão do que é o ambiente de sua casa-ateliê (também uma "galeria permanente" de obras).

Quando julgou necessário, como admite, o artista buscou em outras culturas explicações para desenhar o próprio futuro, como a experiência de viver por alguns meses num vilarejo da Grécia, no Mar Egeu, "um lugar mítico e iluminado onde a presença dos deuses, a grandiosidade dos templos e o mistério das ruínas povoam a cabeça de imagens e sensações, onde cada nova pintura é uma aventura diferente e carrega o potencial de uma nova descoberta", como lembra. Assim, sem se prender a técnicas ou estilos, pôde amadurecer a sua arte, transitando do surrealismo para o trabalho relacionado a símbolos para chegar ao realista ou hiper-realista.

É o artista que fala sobre este processo: "Ao longo dos anos, durante os quais meditei sobre as características do meu trabalho, percebi que a pintura realista é, primeiro e mais importante, um método de interpretação e documentação de nossas percepções. O artista vê o que ele está preparado para ver. Toda arte tem origem na mente humana, nas nossas reações ao mundo mais do que no mundo visível em si. Arte é a união de percepção

e pensamento. Percepção é quando os olhos estão vendo o invisível e os ouvidos estão ouvindo o inaudível, penetrando nas sutilezas da vida".

O crítico de arte e ensaísta Olívio Tavares de Araújo, que prefacia livro com as obras de Zimmermann, analisa que o universo fragmentariamente retratado pelo artista é insólito, intenso e mergulhado em sugestões, colocando objetos cotidianos sob uma densa redoma de irrealidade e mistério, num estímulo à curiosidade, à reflexão e ao exercício da mente. Ele opina: "A obra de Zimmermann tem a capacidade de lidar, ambigualmente, com o cotidiano e o irreal, com o objeto e sua aura, com precisão e o mistério, com o infinito e o detalhe, com o vivido e o sonhado, mantendo-se, ao mesmo tempo, em nível de alta dignidade e contenção. O que ele propõe é que se olhe de novo para certos objetos, tornados novos por sua própria visão. Confere, com isso, a seu trabalho, aquele valor de redescoberta e revelação preconizado e perseguido, igualmente, por um Paul Klee. Também em Zimmermann, a arte não fornece o visível. Ela faz visível".

A precisão de detalhes conferida pelo artista em suas obras soa como incentivo à releitura contínua de nossas vidas a que nos devemos propor. Estão por toda parte os tais fragmentos reais ou imaginários, os que educam ou caducam, os que embelezam ou empobrecem... o conhecimento e a alma. Zimmermann receita pelo conjunto de sua arte, que em fragmentos com vida própria habitam tantos locais, inclusive hospitais e consultórios médicos. Feita a autoanamnese, revela o que buscou em suas prospecções: conhecer melhor as necessidades espirituais das pessoas, o tempo e o espaço para que este processo floresça, o surgimento do artista como indivíduo com todo o seu universo físico e psíquico e a intenção de executar obras que valorizem de novo a imaginação, os sentimentos individuais, o inconsciente e o misterioso.

À luz da Medicina, vamos somar alguns ensinamentos das "jaculatórias": a observação é a visão treinada; a Ciência tem que iluminar o obscuro; a arte começa onde termina o poder científico e ambos se completam.

Hernani Vieira (PR).

Coisas que "irritam" na Medicina

De vez em quando, acompanhamos pacientes de diagnóstico difícil, que estão evoluindo mal. Aí, por ser um caso complexo, todo um grupo de profissionais trabalha, discute, se esforça e, finalmente, consegue definir um diagnóstico e um tratamento que funciona! Ficamos felizes. O paciente melhora, vai para casa com o medicamento adequado, já sem sintomas e com a forte recomendação de não interromper o tratamento. Em casa, porém, na semana seguinte, por alguma razão, o paciente decide parar de tomar o remédio!... Depois de alguns dias, recebemos o paciente de volta, numa situação bem pior e, muitas vezes, sem solução. Essa é uma das coisas que me desagradam na Medicina.

Talvez sirva de consolo saber que não acontece só comigo. A falta de adesão ao tratamento é um problema grave de saúde no mundo inteiro. As causas desse comportamento são muitas, mas minha vontade é de acreditar que o problema principal seja simplesmente a ignorância, a pior de todas as doenças.

Outra coisa que me incomoda é o paciente com doença grave se recusar a tomar uma medicação eficiente porque optou por "tratamentos naturais", como chás, cristais, aromas... Ou coisas mais esdrúxulas, como urinoterapia e algumas bruxarias, não tão naturais assim.

Uma vez, na faculdade, fui perguntar ao professor o que fazer com uma paciente jovem que estava com uma doença grave e que, em vez de tomar o remédio adequado, optara por fazer um desses "tratamentos naturais". O professor olhou pra mim, viu a minha angústia e deu uma resposta inesquecível: "De gente assim você não precisa ter pena!". Aliás, um dia desses encontrei essa paciente, depois de muitos anos, e, apesar da minha angústia, estava muito bem.

Outra situação desagradável são os pacientes que rejeitam uma cirurgia curadora, resolvem descontinuar



Voo, acrílica sobre tela, 1987

o tratamento de um câncer, ou de uma tuberculose, ou interrompem o tratamento de hemodiálise, sob o argumento de que "eu fui curado" ou "Jesus me curou"... Ora, realmente acredito que milagres acontecem. Acho que muitos médicos da minha idade já viram, pelo menos uma vez na profissão, curas inesperadas e sem explicação. No entanto, na imensa maioria das vezes, as "curas" que os pacientes afirmavam ter recebido não deram certo.

Na minha história, os desfechos variaram: alguns pacientes mudaram de médico; outros voltaram para a máquina de hemodiálise; outros morreram com infecção grave; e, ainda outros, sofreram prolongadamente com um câncer que poderia ter sido curado.

Por que as pessoas fazem isso?

Aqui entra a questão das crenças, da fé individual e vários outros fatores. Às vezes os pacientes acreditam que foram curados simplesmente porque algum "curandeiro" lhes disse isso. E era isso que eles queriam ouvir. Outras vezes, eles mesmos disseram para Deus que Ele tinha que curá-los, e até que Deus tinha um prazo!

"OUTRA COISA QUE ME INCOMODA É O PACIENTE COM DOENÇA GRAVE SE RECUSAR A TOMAR UMA MEDICAÇÃO EFICIENTE PORQUE OPTOU POR "TRATAMENTOS NATURAIS", COMO CHÁS, CRISTAIS, AROMAS... OU COISAS MAIS ESDRÚXULAS COMO URINOTERAPIA E ALGUMAS BRUXARIAS, NÃO TÃO NATURAIS ASSIM."

Essa conduta cria um problema sério: não podem mais se tratar! Se fizerem qualquer exame ou tratamento médico convencional, depois da "cura", imaginam que estariam duvidando de Deus e que assim podem "perder"

"FICO PENSANDO: CADA UM CRIA O SEU DEUS DE UM JEITO. MAS CERTAMENTE O DEUS DA CABEÇA DE ALGUMAS PESSOAS NÃO É UM DEUS MUITO LEGAL!"

a cura, por falta de fé! Ficam sem opção: não fazem a avaliação ou o tratamento, podem morrer por falta de socorro. Se fizerem o tratamento, correm o risco de perder a "cura"

porque duvidaram... Isso também já me aborreceu muito!

Fico pensando: cada um cria o seu Deus de um jeito. Mas certamente o Deus da cabeça de algumas pessoas não é um Deus muito legal! Por outro lado, temos que lembrar que não cabe ao médico julgar, discriminar, ridicularizar ou desmerecer a fé dos seus pacientes. Não se espera do médico o julgamento e sim a compaixão. E isso é difícil pra nós! Espera-se de mim que eu consiga entender o jeito de pensar do paciente para poder ajudá-lo melhor.

Outro dia uma paciente veio me dizer que aquele era o último dia na diálise e que não viria mais, pois "tinha sido curada". Era uma paciente com insuficiência renal crônica grave, que, todas às vezes, chegava para a diálise com um excesso de quatro a cinco quilos de líquido. Era claro que não ia dar certo! Ia ser atendida na emergência, no dia seguinte, em Edema Agudo de Pulmão!

Respondi: "Tudo bem! Vamos fazer assim: no dia da próxima diálise você vem aqui só para medir o peso e colher os últimos exames". Ela veio e eu não precisei dizer nada. Ela mesma chegou à conclusão de que seria melhor seguir com o tratamento. Nunca mais falei sobre isso com ela, mas acho que deveria ter insistido para que não perdesse a fé e a esperança.

Às vezes digo para esses pacientes e com algum sucesso: "Está tudo certo, eu também acredito em Deus e acredito em milagres. Mas se Deus é Deus, ele deve ser muito, mas muito inteligente, e além de inteligente é DEUS! Então, diga-me uma coisa, quando você pediu que Deus te curasse, você também disse: Deus, eu gostaria muito que o Senhor me curasse, mas o Senhor sabe o que é melhor!

Você falou pra Ele: "faça-se, a tua vontade e não a minha"?

Depois de insistir umas três vezes, ela respondeu: "É, não disse!"

Às vezes digo pro paciente, que pensa que fé é incompatível com tratamento médico:

– Tudo bem, Deus pode até fazer isso, mas lembre-se, Deus não faz o que você pode fazer.

E aí conto a história de Elizeu, um grande profeta, de mais ou menos 800 anos antes de Cristo. Era professor e diretor itinerante de umas seis escolas. Um dia ele foi com os alunos cortar madeira na beira do rio. Cada um levava o seu machado, mas quando estavam cortando as árvores, de repente, um dos moços gritou:

– Ai! professor, o machado caiu no rio!

Na realidade, ele estava desesperado porque machado naquele tempo era uma coisa muito cara, o dele era emprestado, e estudante, três mil anos atrás, já vivia em penúria financeira permanente!

– Onde foi que caiu? Perguntou Eliseu.

– Bem ali!

Todos os alunos se reuniram pra ver o que ia acontecer. Eliseu cortou um pedaço de galho, jogou na água e, imediatamente, o ferro do machado apareceu boiando na superfície... Surpreendente!

– Agora estique o braço e pegue o machado!... ordenou Eliseu.

Sempre fiquei pensando: por que, em vez de só boiar na água, o ferro não pulou direto para o cabo do machado, já com a cunha batida, prontinho pra ser usado? Por que Deus não fez um milagre completo? Porque esticar o braço e pegar o machado e montá-lo novamente era uma parte do milagre que o próprio moço podia fazer!

Tomar o remédio, fazer o tratamento ou submeter-se à cirurgia é a parte do milagre que o paciente pode e deve fazer! E a nós, médicos, cabe fazer o diagnóstico, prescrever o tratamento, explicar e orientar e ter paciência. Essa é a nossa parte do milagre!

Portanto, daqui pra a frente, tente se irritar menos com seus pacientes! Eles são assim mesmo!

Dr. Helnio J. Nogueira (PR).

Salve-se quem souber

O médico paulista **Álvaro Nagis Atallah** explica como funciona um novo e poderoso método na área de saúde, a Medicina Baseada em Evidências. Ela se baseia em evidências e seleciona e cria fontes confiáveis para serem consultadas por qualquer profissional da saúde.

Por ano, publicam-se no mundo cerca de 2 milhões de artigos sobre medicina. A estimativa é do Centro Cochrane, organização internacional que figura entre as principais fontes de consulta para aqueles que recorrem a um sistema conhecido como Medicina Baseada em Evidências para tomar decisões na área médica. O método empreende com regularidade revisões sérias do conhecimento produzido por centros médicos, universidades e indústria farmacêutica para apontar o que há de mais eficaz na atualidade. É, portanto, uma forma de separar o joio do trigo num setor que movimenta uma enormidade de dinheiro e no qual os especialistas são bombardeados constantemente com novos medicamentos, técnicas e equipamentos. Outras fontes existentes com a mesma finalidade são os sites *PubliMed*, *Medscape* e *DoctorsGuide*.

É exatamente por isso que a medicina baseada em evidências vem sendo um suporte essencial para a definição de tratamentos desde o *tête-à-tête* do consultório até a formatação de políticas públicas globais. "Como escolher o que é melhor para o paciente? A medicina baseada em evidências tira a ênfase da prática guiada pela intuição para se concentrar na pesquisa e na sua análise estatística, com extremo rigor científico", explica o clínico-geral e epidemiologista Álvaro Nagib Atallah, que desde 1982 dirige o Centro Cochrane do Brasil, um dos 15 que a entidade mantém espalhados pelo mundo.



Coração selvagem, acrílica sobre tela, 1990

Nesta entrevista à jornalista Mônica Tarantino e publicada na revista PLANETA, de fevereiro de 2010, o Dr. Atallah, criador do primeiro curso de pós-graduação da área, na Universidade Federal de São Paulo, garante que as recomendações da Medicina Baseada em Evidências são a única luz no final do túnel para guiar os médicos diante do assédio da indústria e da profusão de estudos.

"A MEDICINA BASEADA EM EVIDÊNCIAS TIRA A ÊNFASE DA PRÁTICA GUIADA PELA INTUIÇÃO PARA SE CONCENTRAR NA PESQUISA E NA SUA ANÁLISE ESTATÍSTICA, COM EXTREMO RIGOR CIENTÍFICO."

O que é a Medicina Baseada em Evidências?

Trata-se de um novo paradigma da Medicina. Consiste em decidir o tratamento segundo as melhores e mais consistentes evidências científicas. Não é o que o mé-

dico acredita, mas o que está demonstrado. Nós queremos saber o que é mais seguro, eficiente, efetivo e que pode trazer mais benefício para o tomador de decisão – o médico, o sistema de saúde, o paciente, o hospital.

Num congresso recente, mudamos o nome da especialidade para Saúde Baseada em Evidências. O objetivo é mostrar que o recurso pode dar suporte não só a médicos, mas a enfermeiros, psicólogos e demais profissionais ligados à área da saúde. E, claro, aos pacientes, que passam a ter acesso às evidências que obtemos.

"NOSSOS ESTUDOS VISAM REDUZIR INCERTEZAS. O QUE FUNCIONA PARA A MULHER BRANCA NEM SEMPRE É VERDADEIRO PARA A MULHER NEGRA E VICE-VERSA"

Num congresso recente, mudamos o nome da especialidade para Saúde Baseada em Evidências. O objetivo é mostrar que o recurso pode dar suporte não só a médicos, mas a enfermeiros, psicólogos e demais profissionais ligados à área da saúde. E, claro, aos pacientes, que passam a ter acesso às evidências que obtemos.

Num congresso recente, mudamos o nome da especialidade para Saúde Baseada em Evidências. O objetivo é mostrar que o recurso pode dar suporte não só a médicos, mas a enfermeiros, psicólogos e demais profissionais ligados à área da saúde. E, claro, aos pacientes, que passam a ter acesso às evidências que obtemos.

Como ela surgiu?

Surgiu a partir da percepção do epidemiologista inglês Archibald Cochrane, por volta de 1940, de que era importante fazer estudos comparativos para conhecer os resultados de diferentes tratamentos e o que eles poderiam fazer pelo doente além do que se esperava que a natureza fizesse sozinha. Ele chegou a essa conclusão observando os pacientes do campo de prisioneiros onde foi confinado, depois de ser preso lutando como voluntário na Guerra Civil Espanhola. Convivendo com o sofrimento, viu que várias pessoas com problemas graves sobreviviam mesmo sem tratamento. Isso significava que muitas vezes o tratamento não era necessariamente a melhor coisa a ser feita, pois ele não fazia nenhuma diferença.

Cochrane realizou o primeiro ensaio clínico sobre o tratamento da tuberculose, por exemplo. Em 1972, ele escreveu um livro afirmando que muitas das cirurgias executadas na Inglaterra contra a úlcera eram inúteis. Sua afirmação foi feita com base em um estudo comparativo entre pessoas operadas de úlcera e pacientes não operados. Isso mudou o tratamento padrão recomendado.

Por que só agora esse sistema começa a ter mais projeção?

Porque a área médica está sendo atropelada em seus custos por um acréscimo de mais de 20% ao ano, devido a lançamentos de remédios, equipamentos e novas técnicas. Já os países crescem 3% a 5%. Percebeu-se que haverá uma hecatombe financeira em pouco tempo se não houver capacidade de discriminar o que funciona do que não funciona.

Quais são as razões desse acréscimo?

Quando me formei, há 30 anos, a cada dez anos aparecia uma novidade no tratamento. Hoje, surgem dez por semana. E cada uma delas pode colocar em risco milhões de pacientes em qualquer sistema de saúde. Portanto, é uma questão de salve-se quem souber. Só quem tiver informação científica e souber fazer a avaliação tecnológica com competência vai ter sobrevida mais longa no sistema de economia da saúde.

Como os médicos devem se comportar diante de tantas novidades?

A indústria farmacêutica faz o seu papel. Desenvolve um produto, quer recuperar o investimento e ter lucro. É lícito. De outro lado, o limite está na capacidade de avaliação crítica de cada profissional da saúde. É aí que ele se defende de interesses que não são os do paciente. Se colocar um profissional despreparado para clinicar, ele pode cair em arapucas e levar o paciente junto. Um dos caminhos para enfrentar essa situação é formar novos profissionais com capacidade crítica suficiente para poder avaliar a informação na busca de evidências para a tomada de decisão. São profissionais conscientes de que um médico precisa estudar pelo resto da vida. É aí que nós entramos: um dos papéis da medicina baseada em evidências é selecionar e criar fontes confiáveis para serem consultadas por qualquer profissional da saúde.

Como são feitas as revisões do Centro Cochrane?

Por ano, são publicados cerca de 2 milhões de arti-

gos científicos. A princípio, nós selecionamos cerca de mil artigos mais adequados à pergunta que dá ensejo à pesquisa. Por exemplo, dar injeções de cortisol antes do parto prematuro reduz a mortalidade dos bebês? Os estudos serão avaliados para ver se preenchem os critérios científicos exigidos. A maioria é descartada por falta de metodologia adequada. As pessoas não foram treinadas para fazer estudos comparativos ou elas têm intenção de provar algo, o que também não serve, porque é imprescindível ter isenção. No final, publicamos as revisões com base em cinco ou seis estudos bem estruturados que permitem dar sólida base científica.

Nossos estudos visam reduzir incertezas. O que funciona para a mulher branca nem sempre vale para a mulher negra e vice-versa, assim como o que faz bem para os doentes de um país em desenvolvimento é diferente do que faz bem para um país desenvolvido, tendo em vista aspectos religiosos, culturais, econômicos e genéticos, entre outros. Depois de tudo isso, os estudos ainda são mapeados e sintetizados de modo reprodutivo. Se um produto deu certo com 10 mil pessoas, dará o mesmo resultado num universo de 10 milhões de casos? Eles são avaliados pelo viés da aplicabilidade para homens e mulheres e reproduzidos para o total da população que costuma ter a doença em foco. Enfim, quanto mais rigor em relação aos aspectos e fatores de confusão, melhor é a evidência e menor o grau de incerteza.

Vocês utilizam os estudos feitos pela indústria farmacêutica?

Sim, se tiverem o padrão metodológico requerido. Porém, se existirem só estudos da indústria sobre o tema, o texto da revisão informará que o dado pode ter conflito de interesses, já que todos os dados foram gerados pelo fabricante.

Pode dar exemplos de mitos que foram esclarecidos pelas revisões?

Podemos citar a albumina humana, usada no trata-

mento de queimaduras ou de doenças críticas com manipulação de pressão baixa. O Ministério da Saúde constatou, após alerta feito pelo Centro Cochrane do Brasil, que, dos 59 mil casos pesquisados, o grupo que foi tratado com albumina humana registrou 7 vezes mais óbitos do que os que fizeram uso apenas de soro fisiológico. Ela custa 200 vezes mais e não é melhor do que o soro fisiológico. As revisões mostraram também que os populares "balões de oxigênio", onde eram colocados os bebês prematuros, mais cegavam do que tratavam eficazmente esses bebês, e que a vitamina C não previne a gripe.

O sr. já detectou manipulação de dados em estudos sobre medicamentos?

Existe, e é difícil de pegar. Por isso, usamos uma metodologia estatística para identificar o que chamamos de viés de publicação. Algumas vezes, a análise detalhada da distribuição dos resultados permite enxergar a falta de alguns dados. Conseguimos detectar que não foram publicados. Em geral, isso acontece porque não eram interessantes ou positivos.

Como o Cochrane age nesses casos?

Nós temos o dever de solicitar essas informações à indústria. E elas, até para mostrarem seriedade e comprometimento com a população, as têm dado. E, se há riscos para os pacientes, as indústrias deveriam divulgar e tirar os produtos do mercado.

Como os pacientes podem ser beneficiados pelas descobertas da medicina baseada em evidências?

As populações de diferentes países se beneficiam na medida em que os órgãos públicos adotem procedimentos eficazes. Isso reduz mortalidade e danos. Sem contar a economia de milhões de reais.

"O PACIENTE DEVE TOMAR AS DECISÕES DO TRATAMENTO COM O MÉDICO. ESSA É MAIS UMA MUDANÇA DE PARADIGMA DA MEDICINA BASEADA EM EVIDÊNCIAS."

Há exemplos concretos disso?

Vários. Um exemplo de economia para o Brasil é o caso dos stents revestidos com as drogas paclitaxel e rapamicina, que custam cerca de R\$ 15 mil cada uma, e que não são melhores do que os stents sem revestimento de drogas. Estes são igualmente indicados para

"O GRANDE DESAFIO DA MEDICINA BASEADA EM EVIDÊNCIAS É LEVAR AQUILO PARA A PRÁTICA. É UM PROBLEMA NO MUNDO TODO. UMA INFORMAÇÃO OBTIDA NO CENTRO DE BOSTON LEVA SEIS A SETE ANOS PARA CHEGAR E SER IMPLANTADA NA PERIFERIA."

reduzir as taxas de mortalidade, infarto do miocárdio e revascularização cirúrgica. Os fabricantes do produto não gostaram nem um pouco da nossa constatação.

Pode citar mudanças mundiais?

Um caso ilustrativo é o sulfato de magnésio. Era usado desde 1904 em vários países nos casos de convulsão em mulheres grávidas com pressão alta. Noventa anos depois de ser substituído por outras drogas, nossas revisões mostraram que ele nunca deveria ter deixado de ser usado, pois era o melhor e o que tinha menos efeitos indesejáveis. Até agora ainda é o remédio mais eficaz nesses casos.

O sr. já indicou um medicamento ou procedimento e teve de suspendê-lo diante de novas evidências de que causa dano à saúde?

Já. E é preciso explicar tudo ao paciente, até ele compreender. O paciente deve tomar as decisões do tratamento com o médico. Essa é mais uma mudança de paradigma da medicina baseada em evidências. Também acho que a agência norte-americana que regulamenta remédios, o FDA, deveria ser mais rigorosa. Ele permite que o medicamento seja lançado para só depois ver a sua funcionalidade na prática. Na Europa, as coisas caminham de modo mais rigoroso.

A aprovação se baseia em estudos com milhares de

pessoas em diferentes países do mundo, de diferentes etnias, com realidades distintas dos pontos de vista cultural e econômico etc. Eles devem responder ao seguinte: essa droga funciona ou não, é segura? Lida-se aqui com o mundo real, o da efetividade. E, nesse sentido, os fundamentos dos Centros Cochrane para a realização e conclusão desses estudos são mais rigorosos do que as práticas adotadas pelo FDA.

Em que medida evidências como essas são colocadas em prática?

O grande desafio da medicina baseada em evidências é levar aquilo para a prática. É um problema no mundo todo. Uma informação obtida no centro de Boston leva seis a sete anos para chegar e ser implantada na periferia. O estudo do cálcio foi publicado pela primeira vez na África do Sul, em 1998. Em 2006, uma aluna de iniciação científica verificou a proporção de mulheres em pré-natal de hospital-escola que estavam recebendo cálcio. Ela levantou um índice de 11%. Então, coisas que funcionam, são baratas e sabidas demoram muito. E coisas que as vezes não funcionam, são caras e têm muito *lobby* por trás chegam rápido.

Por que o sr. entrou nessa cruzada?

Porque é bom para mim, para o meu filho, para os meus amigos e para o meu planeta.

Para saber mais: Centro Cochrane: www.centrocochrane.org

PALAVRAS DE MESTRE I

"O desejo de recompensa é um dos mais fortes incentivos para a conduta humana. O segredo da fidelidade humana está em fazer o desejo coincidir com a obrigação."

ALEXANDER HAMILTON (1757-1804),
político americano

Fragmentos de uma conversa

Olá!

Tenho em mim todo o poder.

E não interprete isso como petulância ou ameaça.

Sou ao mesmo tempo infinitamente pequena e infinitamente grande.

Sou primitiva e, ao mesmo tempo, futurista.

Sou uma célula-tronco, que deseja uma conversinha com você antes mesmo de ser retirada deste tubo que me congela até as mitocôndrias.

Meu potencial em fazer o bem ou o mal é inesgotável.

Se de você receber o estímulo certo, seja físico ou químico ou de ambos, originarei um tecido qualquer do corpo humano, regenerando-o e até mesmo criando aquele que desapareceu ou mesmo nunca existiu, construindo bem-estar, alegrias e triunfos à vida.

Se a estimulação for incorreta, me transformarei em uma massa destruidora, incontrolada, avassaladora e serei o estorvo, o sofrimento e a morte.

Farei o caminho que você traçar, porém preste muita atenção às direções que a esta estrada delinearão, considerando obstáculos que a mim poderão ser intransponíveis e a alguns desvios e transversais que possam vir a surgir e que me façam mudar a rota.

O tempo do percurso deve ser rigorosamente calculado e daí os riscos de acelerações e desacelerações que interferirão no destino esperado.

O clima e a umidade não devem sofrer grandes variações. Minhas delicadas estruturas são fragilíssimas e limitadas em suas condições de adaptação.

A energia que gastarei reposta deve ser na medida exata de minhas necessidades e não tolerarei excessos ou deficiências. Apagões, ou sobrecargas, nem pensar!

Como não tenho consciência, seu estado de ânimo não fará, a mim, nenhuma diferença. Suas angústias, preocupações e antevisão de derrota não me afetarão.

Suas confianças, alegrias e perspectivas de vitória também não me abalarão.

Retribuirei, portanto, com meu desempenho ou com o meu descaminho todas as nuances daquilo a que você me submeter.

Poderei trazer benefícios até então inimagináveis. Farei cegos enxergarem, paráliticos andarem, dementes se tornarem inteligentíssimos e os irascíveis extremamente conscientes e sensatos. No entanto, também poderei

tornar insensível aquele que antes de mim era afável e tranquilo, posso cegar os que tinham a melhor visão das coisas e paralisar o mais hábil atleta.

Tudo depende de você pesquisador, dos seus acertos ou dos seus desacertos.

Tenho todas as opções próprias aos da minha espécie, aqui na minha intimidade e qualificações genéticas, esperando pronta a responder, como bem claro já deixei, às suas ordens que me conduzirão a grandes conquistas ou imensas derrotas.

Conforme você ordene, assim será. Terás, prometo, a minha surda resignação.

Abdico da minha vontade, que na verdade nunca tive e, ao mesmo tempo, não abro mão em obedecer ao que inerente é a cada segmento que me constitui.

O resultado por você esperado, ou não, estará sempre em suas decisões.

Tudo depende de você.

Acha muita responsabilidade?

Concordo plenamente!

Vai desistir ou vamos, juntos, aceitar o desafio?

"SOU UMA CÉLULA-TRONCO, QUE DESEJA UMA CONVERSINHA COM VOCÊ ANTES MESMO DE SER RETIRADA DESTE TUBO QUE ME CONGELA ATÉ AS MITOCÔNDRIAS. MEU POTENCIAL EM FAZER O BEM OU O MAL É INESGOTÁVEL."

Dr. Luiz Ernesto Pujol (PR).

Filosofando ao redor de um pote de biscoitos

O Portal, acrílica sobre tela, 2003



Os cinco estavam ali, muito compenetrados, sentadinhos em volta de um pote de biscoito como se fossem os cavaleiros da Távola Redonda em volta de Excalibur. Eram três residentes do primeiro ano, recém-chegados ao serviço, e dois do segundo ano, já afei-

"VOCÊ ESTÁ ALI, INFUNDINDO CICLOFOSFAMIDA, CONTANDO OS LEUCÓCITOS, VENDO SE A PACIENTE ESTÁ BEBENDO BASTANTE ÁGUA PARA NÃO TER CISTITE HEMORRÁGICA, DANDO SULFA PARA PROFILAXIA DE P. JIROVECI, PRESCREVENDO O ANTI-HELMÍNTICO POR CAUSA DO CORTICOIDE EM DOSE ALTA E, ÀS VEZES, ESQUECE DE REFORÇAR A NECESSIDADE DE ANTICONCEPÇÃO."

tos às correrias do serviço impostas pelo excesso de pacientes. Eram quatro meninas e um rapaz – que não tinha muita vez para falar, graças à algazarra feminina sempre presente.

O lugar era apertado para os cinco... Minúsculo, meio sem ventilação, com um computador velho e cheio de livros espalhados por todo lugar, mas, com certeza, era o melhor lugar

para se estar naquele fim de manhã, graças ao pote de biscoito de chocolate.

– Adoro este tipo de biscoito! Disse Sueli, a residente mais velha, colocando dois deles, ao mesmo tempo, na boca. Afinal, eles estavam meio grudadinhos. Daria

muito serviço separá-los. E a fome era grande. (Croc, croc, croc...).

– Trabalhamos bastante hoje, não? Referiu-se uma das mais novas, a Aninha, refletindo: "Este ambulatório de lúpus tem muita gente. Dá para ver lúpus de todo o tipo. Eu não tinha ideia de que uma única doença pudesse ser tão variada. Tinha gente que estava tão bem que se eu encontrasse na rua, fazendo compras, nunca imaginaria que tem lúpus. Afinal, acho que a gente sai da escola com a ideia de que essa é uma doença muito grave, porque lê todas as manifestações que podem aparecer e acha que todos os pacientes têm todas. Tinha gente ali com dez anos de doença e manifestações só cutâneo-articulares. Bem controladinhos, tomando só antimaláricos..."

– Em compensação, disse Clarice – a outra residente do primeiro ano –, eu que estou atendendo os pacientes que vêm para a pulsoterapia, vi o outro lado da moeda. (Croc, croc, croc...). Atendi vários casos com manifestações renais e um com envolvimento de sistema nervoso central. Engraçado, em todos os casos, as pacientes eram mulheres bem juvenzinhas. Já notou como a nefrite lúpica gosta de aparecer nos jovens? (Croc, croc, croc...)

– É sim, disse Sueli, em tom professoral. É sempre assim. Pacientes com nefrites são as mais jovens e não é raro que esta seja a manifestação inicial da doença. Você vai ter que ter muito jeito com essas meninhas... (Croc, croc, croc...). Elas adoram baixar a dose do corticoide por conta, porque acham que o remédio incha e engorda e se você não ligar para elas antes da pulsoterapia, volta e meia elas perdem o dia de fazer a infusão...

"E cuide para ver se elas estão tomando anticon-

cepcional", acrescentou muito séria. "Você está ali, infundindo ciclofosfamida, contando os leucócitos, vendo se a paciente está bebendo bastante água para não ter cistite hemorrágica, dando sulfa para profilaxia de P. jiroveci, prescrevendo o anti-helmíntico por causa do corticoide em dose alta e, às vezes, esquece de reforçar a necessidade de anticoncepção."

– É mesmo! Reforça Clarice, sacudindo as migalhinhas de biscoito que caíram na roupa. Também, ninguém merece um azar desses! Imagine só, você ter seus 15 anos e ter que tomar esses remédios, coletar urina de 24 horas, tirar sangue toda hora em vez de namorar e ir pra balada. É preciso muita paciência e muita conversa mesmo.

– Como vocês comem! – reclamou Márcia, também do primeiro ano. Passem esses biscoitos prá cá antes que eles acabem!

E não querendo ficar atrás, contou um dos seus atendimentos, enquanto metia mão no pote: "Eu também vi um caso muito interessante. Era de uma mulher com 40 anos que veio da oftalmologia porque tinha uma vasculite no fundo de olho. E era lúpus! Imaginem só, ela tinha uma história de psicose em tratamento na psiquiatria já havia um ano e meio. Eu fiquei pensando... Acho que a psicose pode ser pelo lúpus, não? Afinal, este é um dos critérios do ACR!

– Claro que pode, sim! Disse Clarice de novo. "Você sabia que pacientes que têm vasculite de fundo de olho, têm mais manifestações de sistema nervoso central? Afinal, os dois estão ali, bem pertinhos!", acrescentou com um risinho maroto,

– O que ela estava tomando? Perguntou Ana. (Croc, croc, croc!).

– Bem, ela fez uso de corticoide em dose alta e melhorou bem. Só que as vasculites reapareceram quando o corticoide foi baixado e ela precisou usar um economizador de corticoide. No caso dela foi dado azatioprina. Ela está bem agora!

– Mas a psicose melhorou com o corticoide? Perguntou Clarice.

– Isso eu não sei. Ela está bem, agora, mas não deixou de tomar os medicamentos da psiquiatria, de modos que eu não consigo julgar o que é que foi que ajudou nessa situação.

– É, resmungou Clarice, é sempre assim... A gente não pode mesmo saber qual dos remédios fez a diferença porque a gente sempre atende aos dois lados: o dos antipsicóticos e o do lúpus. Se a psicose desaparecer mais tarde talvez a gente possa fazer um diagnóstico retrospectivo, mas, agora, não dá pra saber mesmo. Quais os autoanticorpos que ela tinha?

– Ah? Isso, também foi interessante, respondeu Márcia. Ela tinha um FAN citoplasmático padrão fino denso. Eu não tinha prestado muito atenção antes porque era um padrão que, no núcleo, não tem muito valor, mas no citoplasma é diferente! Eu olhei naquela tabela que tem lá no protocolo, sabe? E este padrão pode ser aquele anti-P ribossomal – relacionado com a psicose mesmo.

– E, você, João, perguntou Clarice para o pobre rapaz, que não tinha conseguido emitir nenhuma palavra até o momento, mas que já tinha comido bastante. O que você viu hoje?

– Um montão de gente com lúpus me perguntando sobre a vacina contra o vírus H1N1, respondeu o rapaz.

– Qual é a informação que a gente deve repassar? Perguntou Aninha.

– A vacina H1N1 que eles estão aplicando é uma vacina a vírus morto. Não existe perigo de o indivíduo que recebe desenvolver a doença. Assim sendo, todo indivíduo imunossuprimido deve se vacinar para se proteger. O que não se sabe é se ele conseguirá fazer anticorpos em níveis protetores. Lembrem que a con-

"O PACIENTE LÚPICO EM ALTA ATIVIDADE DA DOENÇA TEM OUTRO PROBLEMA QUE A GENTE TEM QUE LEVAR EM CONSIDERAÇÃO, SIM. QUALQUER OFERTA DE ANTÍGENOS VIRAIS SEJA POR INFECÇÃO OU POR VACINA –, MESMO QUE SEJA DE UM VÍRUS MORTINHO DE TUDO, TEM O RISCO DE AUMENTAR A ATIVIDADE DA DOENÇA POR OFERECER ANTÍGENOS A UM SISTEMA IMUNE HIPERREATOR."

traindicação para vacinas em imunossuprimidos é para vacinas com vírus atenuado, naquelas em que o bichinho ainda está vivo, só meio tontinho... Daí sim, pode

"PACIENTES COM LÚPUS DEVEM OU NÃO TOMAR A VACINA? SE A DOENÇA ESTIVER CONTROLADA OU EM BAIXA ATIVIDADE, DEVE SIM, INDEPENDENTE DO TIPO DE TRATAMENTO EM USO, ASSEGUROU JOÃO. AGORA, SE O PACIENTE TIVER UMA ATIVIDADE ALTA – PRINCIPALMENTE SE COM MANIFESTAÇÕES MAIS GRAVES É MELHOR ESPERAR."

dar problema. Mas com o vírus morto não é perigoso, não!

– Mesmo os pacientes fazendo pulsoterapia? Perguntou Clarice, com um ar de incredulidade.

– Bem, respondeu João calmamente. O paciente lúpico em alta atividade da doença tem outro problema que a gente tem que levar em consideração, sim.

Qualquer oferta de antígenos virais – seja por infecção ou por vacina –, mesmo que seja de um vírus mortinho de tudo, tem o risco de aumentar a atividade da doença por oferecer antígenos a um sistema

imune hiperreator.

– Espere aí... Não entendi, disse Aninha, parando de comer um biscoito pela metade... "Pacientes com lúpus devem ou não tomar a vacina?", indagou.

– Se a doença estiver controlada ou em baixa atividade, deve sim, independente do tipo de tratamento em uso, assegurou João. Agora, se o paciente tiver uma atividade alta – principalmente se com manifestações mais graves – é melhor esperar.

– Hum... Croc. Croc. E agora, o que vamos fazer?

– Almoçar, ora bolas, disse João. Estes biscoitos abriram o meu apetite.

– Isso mesmo! Disseram todos.

Penduraram os guarda-pós atrás da porta, fecharam o pote de biscoito que agora só tinha farelinhos e saíram pelo corredor conversando em voz alta, muito satisfeitos, como um bando de passarinhos!

Dr^a. Thelma L. Skare (PR).

RECAPITULANDO OS 10 PONTOS PRINCIPAIS

1- O lúpus não é necessariamente uma doença grave. Seu espectro é amplo e o tratamento deve ser feito de acordo com as manifestações apresentadas.

2- A nefrite lúpica é mais comum em pacientes jovens, podendo ser a forma de apresentação inicial da doença.

3- O uso da ciclofosfamida – utilizado no tratamento das formas de nefrite classe 3 e 4 – pode se associar à leucopenia, infecções oportunistas, cistite hemorrágica, infertilidade e teratogênese.

4- Pacientes em uso de ciclofosfamida devem fazer profilaxia para *P. Jiroveci* (antigo *Pneumocystis carinii*).

5- A vasculite retiniana está associada com aparecimento de manifestações de sistema nervoso central do LES.

6- Anticorpos anti P ribossomais dão FAN de padrão citoplasmático fino denso.

7- Anticorpos anti P ribossomais estão associados às manifestações de psicose do lúpus.

8- A vacina H1N1 (vírus morto) está indicada em todos os pacientes imunossuprimidos incluindo os com lúpus. Só deve ser evitada naqueles com doença muito ativa pelo risco de aumentar a atividade do LES por oferta de antígenos virais e não pelo risco de que o paciente com LES desenvolva a gripe.

9- Não é sabido se pacientes imunossuprimidos recebendo a vacina H1N1 conseguem fazer anticorpos em níveis protetores.

10 – Quando se é jovem, é perfeitamente possível comer um pote inteiro de biscoitos e não perder o apetite para o almoço.

Ausculda da voz

Um elemento esquecido da propedêutica física do tórax

O exame do tórax consiste em exame do precórdio e dos pulmões. Este último é composto da inspeção, palpação, percussão e ausculda. Ao contrário do que se pode imaginar, a ausculda dos pulmões não consiste apenas na ausculda do murmúrio vesicular e na procura dos ruídos adventícios pulmonares. Estes são os mais conhecidos e mais importantes, mas vale aqui lembrar da existência de outros elementos que fazem parte integrante deste tópico, como:

- Extra-ausculdação
- Ausculda pré-oral
- Sopros pulmonares
- Ausculda da tosse
- Ausculda da voz ou ressonância vocal

A extra-ausculdação, ou ausculdação a distância, se refere àquelas condições patológicas das vias aéreas, onde podemos perceber pela audição, sem o uso do estetoscópio, alguns sons característicos de algumas enfermidades. Como exemplo, temos a sibilância ou chio-de-peito, característico da asma brônquica, a cornagem ou traqueísmo nas obstruções da laringe ou traqueia, ocasionada por laringites, neoplasias de laringe e finalmente a tosse quintosa ou em salvas seguida de uma inspiração ruidosa chamada de guincho, como é característico da coqueluche.

Em relação à ausculda pré-oral, nós podemos auscultar sibilos, colocando-se o receptor do estetoscópio na frente da boca do paciente, respirando com a boca entreaberta, como no caso da asma brônquica.

A ocorrência de sopros pulmonares está diretamente proporcional ao nosso grau de suspeição e, também, da nossa capacidade em reconhecer as modificações do murmúrio vesicular. A explicação se deve ao fato que nos locais de condensações, cavernas, o murmúrio vesicular



Love Letter, neocolor e pastel encerrado, 1997

sofre uma modificação, propagando-se melhor em região de maior densidade (condensações, cavernas). O sopro brônquico ocorre nas condensações de pequenas dimensões. O sopro tubário é encontrado na projeção da condensação, que modifica a qualidade do murmúrio vesicular, tornando a respiração mais rude e prolongada que o normal. Podemos ter um sopro em decorrência de uma caverna (sopro cavernoso), na superfície de um derrame pleural (sopro pleurítico) e no pneumotórax um som tipo eco metálico (sopro anfórico).

Logicamente, a detecção e a identificação dos ruídos adventícios pulmonares (roncos, sibilos, estertores bolhosos ou grossos e crepitantes ou finos), além do atrito pleural, revestem de maior importância na prática médica e são também os mais propalados. Mas, por outro

"A DETECÇÃO E A IDENTIFICAÇÃO DOS RUÍDOS ADVENTÍCIOS PULMONARES, ALÉM DO ATRITO PLEURAL, REVESTEM DE MAIOR IMPORTÂNCIA NA PRÁTICA MÉDICA E SÃO TAMBÉM OS MAIS PROPALADOS. MAS, POR OUTRO LADO, A AUSCULTADA VOZ OU RESSONÂNCIA DA VOZ ESTÁ UM POUCO ESQUECIDA!"

lado, a auscultada voz ou ressonância da voz está um pouco esquecida!

Desta forma, achamos que seria útil reavivar os conhecimentos pertinentes a ausculta da voz. Para o

"A SIMPLES OBSERVAÇÃO DA TOSSE CONTRIBUI TAMBÉM NO EXAME DOS PULMÕES, SENDO QUE A AUSCULTA DOS PULMÕES DEVERÁ SER PRECEDIDA DE GOLPES DE TOSSE, POIS ESTA PODERÁ FACILITAR AO APARECER OU MODIFICAR ALGUNS RUÍDOS ADVENTÍCIOS."

exame desta, devemos pedir ao paciente pronunciar o vocábulo trinta e três e, com o auxílio do estetoscópio, devemos fazer a comparação entre os dois hemitóraces, ou seja, avaliando um após o outro. Em condições normais nós não conseguimos ouvir claramente todas as sílabas deste vocábulo, sendo este,

portanto, um fenômeno normal. Podemos encontrar anormalmente um aumento da ressonância vocal, ou seja, a broncofonia. Isto pode ocorrer nas condensações e ocorre a sua diminuição nos derrames pleurais e atelectasias; da mesma forma como se comporta o frêmito toracovocal. Ao solicitarmos para o paciente pronunciar o vocábulo trinta e três, com sua voz em tom normal, e assim conseguirmos ouvir claramente todas as sílabas deste vocábulo, isto é o que chamamos de pectorilóquia fônica. Este fenômeno ocorre nas condensações pulmonares (pneumonia) e em cavernas em que suas paredes estejam muito fibrosadas.

O mesmo acontece se pedirmos ao paciente que pronuncie o vocábulo trinta e três com voz baixa ou cochichada e, assim, conseguimos ouvir claramente todas as sílabas. Trata-se então da chamada pectorilóquia áfona, a qual ocorre também nas condensações pulmonares.

Outra situação marcante é a ausculta da voz no derrame pleural, no qual é encontrado, na porção superior deste, uma voz de caráter nasalada, áspera e estridente, semelhante ao balido de cabra (voz de polichinelo). É o que chamamos de egofonia.

Um eco metálico ou musical é o som que poderemos ouvir, através da ausculta da voz, por ocasião do pneu-

motórax. É um som que lembra aquele gerado em um vaso. Neste caso, chamamos o fenômeno de anforofonia. (ânfora = vaso).

A simples observação da tosse contribui também no exame dos pulmões, sendo que a ausculta dos pulmões deverá ser precedida de golpes de tosse, pois esta poderá facilitar ao aparecer ou modificar alguns ruídos adventícios. Em relação aos estertores bolhosos ou grossos, caso estes não desapareçam após golpes de tosse, é um sinal sugestivo de bronquiectasia (Ramos Jr.). Através da observação da qualidade da tosse, esta poderá sugerir certas doenças, como já havíamos nos referido à tosse quintosa (em salvas), seguida do guincho, muito sugestiva de coqueluche; o mesmo pode ser dito em relação à tosse bitonal das laringites virais.

Portanto, em relação a ausculta da voz ou ressonância vocal, associada aos outros sinais anteriormente descritos, fica a nossa sugestão de que estes deverão fazer parte integrante do exame dos pulmões, sinais que embora um pouco esquecidos, nunca deverão ser negligenciados.

Dr. Ângelo de Paula (PR).

DOIS MANDAMENTOS

PARA O MÉDICO EM GERAL –

Qual a palavra-chave para o respeito mútuo? Reciprocidade. O que não queres que te seja feito, não o faças aos outros. Deveria ser a regra de ouro de toda ação médica.

PARA O ACADÊMICO DE MEDICINA –

“Não me preocupa não ter um lugar, preocupa-me como posso preparar-me para um lugar. Não me preocupa não ser conhecido, procuro ser digno de ser conhecido”.

CONFÚCIO

Noite

Totalmente dependente do cuidado de estranhos para realizar as necessidades mais básicas, como ir para a cama, Tony Judt, autor de *Pós-Guerra*, se vê como o protagonista de *A Metamorfose*, de Kafka.

Eu sofro de uma doença motora neurológica. No meu caso, uma variação da esclerose lateral amiotrófica (ELA) ou doença de Lou Gehrig. As doenças motoras neurológicas não são incomuns: o mal de Parkinson, a esclerose múltipla e uma variedade de problemas menores cabem sob esse título.

O que é diferente na ELA – a menos comum dessa família de doenças neuromusculares – é, em primeiro lugar, que não há perda de sensação (uma bênção dúbia) e, em segundo, que não há dor.

Em comparação com quase todas as outras doenças graves ou mortais, ficamos à vontade para contemplar tranquilamente e com mínimo desconforto o avanço catastrófico de nossa própria deterioração.

Com efeito, a ELA constitui um aprisionamento progressivo sem liberdade condicional.

Em primeiro lugar, você perde o uso de um dedo ou dois; depois, de um membro; depois, quase inevitavelmente, dos quatro.

Os músculos do torso decaem a um quase torpor, um problema prático do ponto de vista digestivo, mas que também põe em risco a vida, já que a respiração torna-se primeiramente difícil e, depois, impossível sem ajuda externa, na forma de um aparelho com um tubo e uma bomba.

Nas variações mais extremas da doença, associadas a disfunções dos neurônios motores superiores (o resto do corpo é conduzido pelos chamados neurônios motores inferiores), torna-se impossível engolir, falar e até controlar o maxilar e a cabeça.

Eu (ainda) não sofro com esse aspecto da doença ou não poderia estar ditando este texto. No meu atual estágio



Embrulho Preto, pastel encerrado, 2005

de decadência, portanto, estou efetivamente quadriplégico. Com um esforço extraordinário, consigo mexer um pouco a mão direita e puxar meu braço esquerdo cerca de 15 centímetros sobre o peito.

Minhas pernas, embora fiquem rígidas quando me levanto para um enfermeiro me transferir de uma cadeira para outra, não suportam meu peso e só uma delas ainda tem movimentos autônomos.

INTOLERÁVEL

Assim, quando as pernas ou os braços são colocados em determinada posição, ali eles ficam até que alguém os movimente para mim. O mesmo vale para meu tórax, com a consequência de que a dor nas costas por causa da inércia e da pressão é uma irritação crônica.

Como não consigo usar os braços, não posso me coçar, ajustar meus óculos, retirar partículas de alimento dos dentes ou qualquer outra coisa que – como podemos confirmar em uma rápida reflexão – todos fazemos dezenas de vezes ao dia.

"VOCÊ PERDE O USO DE UM DEDO OU DOIS, DEPOIS DE UM MEMBRO; DEPOIS, QUASE INEVITAVELMENTE, DOS QUATRO."

Resumindo, sou total e completamente dependente da bondade de estranhos (e de qualquer outra pessoa).

Durante o dia posso pelo menos pedir para que me coem, ajeitem meus óculos, me deem de beber ou simplesmente reposicionem meus membros – já que a imobilidade

"E LÁ FICO EU: ENROLADO, MÍOPE E IMÓVEL COMO UMA MÚMIA MODERNA, SOZINHA EM MINHA PRISÃO CORPÓREA."

forçada durante horas sem fim é não apenas fisicamente desconfortável como psicologicamente próximo do intolerável.

Não é como se você perdesse a vontade de se esticar, dobrar, levantar, deitar, correr ou se exercitar.

Quando a vontade o assalta, não há nada – nada – que você possa fazer, exceto buscar algum substituto mínimo ou encontrar uma maneira de suprimir o pensamento e a memória muscular que o acompanha.

Mas então vem a noite. Deixo a hora de dormir para o último momento compatível com a necessidade de sono de meu enfermeiro.

Depois que me "preparo" para dormir, sou empurrado para o quarto na cadeira de rodas em que passei as últimas 18 horas. Com certa dificuldade (apesar de minha altura, peso e volume reduzidos, ainda sou um peso morto substancial até para um homem forte movimentar), sou manobrado até meu leito.

Sentam-me em um ângulo aproximado de 110 graus e me escoram com toalhas dobradas e travesseiros, especialmente minha perna esquerda, que é virada para fora como no balé para compensar sua tendência a girar para dentro.

Esse processo exige uma considerável concentração. Se eu permitir que um membro seja mal posicionado ou não insistir que meu abdômen seja cuidadosamente alinhado com as pernas e a cabeça, sofrerei as agonias dos condenados durante a noite.

Então sou coberto, minhas mãos são colocadas para fora do cobertor para me dar a ilusão de mobilidade, mas envoltas de todo modo porque – como o resto do meu corpo – hoje sofrem uma permanente sensação de frio.

UMA ÚLTIMA COÇADA

Oferecem-me uma última coçada em qualquer ponto de

uma dúzia de pontos suscetíveis, da cabeça aos pés; o aparelho de respiração Bi-Pap é ajustado ao meu nariz em um nível necessariamente desconfortável de firmeza para que não escorregue durante a noite; meus óculos são retirados...

E lá fico eu: enrolado, míope e imóvel como uma múmia moderna, sozinho em minha prisão corpórea, acompanhado pelo restante da noite apenas por meus pensamentos.

É claro que tenho acesso a ajuda, se precisar. Como não consigo mover um músculo, exceto a cabeça e o pescoço, meu equipamento de comunicação é uma babá eletrônica junto de minha cama, que fica permanentemente ligado para que um simples chamado meu traga ajuda.

Nas primeiras fases de minha doença, a tentação de chamar as pessoas era quase irresistível: cada músculo precisava de movimento, cada centímetro de pele coçava, minha bexiga encontrava modos misteriosos de se encher à noite e precisava de alívio, e em geral eu sentia uma necessidade desesperadora de ser tranquilizado pela luz, por companhia e os simples confortos do relacionamento humano.

Mas agora aprendi a dispensar isso na maioria das noites, encontrando consolo e alívio apenas em meus pensamentos.

Mas isso, embora eu mesmo esteja dizendo, não é tarefa fácil. Pergunte a si próprio quantas vezes você se mexe à noite. Não estou falando de mudar de lugar totalmente (como ir ao banheiro, mas isso também): simplesmente com que frequência você move uma mão, um pé ou coça diferentes partes do corpo antes de apagar; como, sem ter consciência, muda de posição ligeiramente para encontrar a mais confortável.

Imagine, por um momento, que você fosse obrigado a ficar deitado de costas absolutamente imóvel – que de modo algum é a melhor posição para dormir, mas a única que tolero – durante sete horas ininterruptas e obrigado a encontrar maneiras de tornar esse calvário tolerável não apenas durante a noite, mas pelo resto de sua vida. Minha solução é repassar minha vida, meus pensamentos, minhas fantasias, minhas memórias, meus enganos etc., até que encontre fatos, pessoas ou narrativas que eu possa usar para distrair minha mente do corpo em que está encapsulada.

Esses exercícios mentais têm de ser interessantes o bastante para prender minha atenção e me fazer superar

a coceira intolerável no ouvido ou nas costas; mas eles também têm de ser entediantes e previsíveis o bastante para servir como um prelúdio e um incentivo ao sono. Levei algum tempo para identificar esse processo como uma alternativa funcional para a insônia e o desconforto físico, e de modo algum ele é infalível.

Mas às vezes me surpreendo, quando reflito sobre a questão, como pareço transpor com facilidade, noite após noite, semana após semana, mês após mês, o que já foi uma quase insuportável provação noturna.

Acordo exatamente na posição, no estado de espírito e na situação de desespero suspenso em que fui para a cama – o que nessas circunstâncias pode ser considerado uma conquista e tanto.

HUMILHAÇÃO

Essa existência de barata é cumulativamente intolerável, embora seja perfeitamente administrável. "Barata", é claro, é uma alusão à *Metamorfose*, de Franz Kafka, em que o protagonista acorda certa manhã e descobre que foi transformado em um inseto.

O ponto principal da história são tanto as reações e a incompreensão da família dele quanto o relato de suas próprias sensações, e é difícil resistir à ideia de que nem o mais bem-intencionado e mais generoso amigo ou parente pode compreender a sensação de isolamento e aprisionamento que essa doença impõe a suas vítimas.

A impotência é humilhante até em uma crise passageira – imagine ou lembre uma ocasião em que você caiu ou por algum motivo precisou da ajuda física de estranhos.

Imagine a reação da mente ao saber que a impotência peculiarmente humilhante da ELA é uma condenação perpétua (falamos levemente de penas de morte nesse sentido, mas, na verdade, esta seria uma libertação).

A manhã traz certo alívio; mas o fato de que a perspectiva de ser transferido para uma cadeira de rodas pelo dia inteiro possa animar nosso espírito diz muito sobre a jornada solitária através da noite!

INCOMUNICABILIDADE

Ter algo para fazer, no meu caso algo puramente cerebral e verbal, é uma distração salutar – mesmo que só no

sentido quase literal de oferecer uma ocasião para comunicar-me com o mundo exterior e expressar em palavras, geralmente palavras iradas, as irritações e frustrações acumuladas da inércia física.

A melhor maneira de sobreviver à noite seria tratá-la como o dia. Se eu encontrasse pessoas que não tivessem nada melhor a fazer além de falar comigo a noite inteira sobre algo suficientemente divertido para nos manter despertos, eu as convidaria.

Mas, nessa doença, estamos sempre conscientes da necessária normalidade da vida dos outros: eles precisam de exercício, diversão e sono.

Então minhas noites lembram superficialmente as das outras pessoas. Eu me preparo para dormir; vou para a cama; levanto-me (ou melhor, sou levantado). Mas o tempo intermediário é, como a própria doença, incomunicável.

Suponho que eu deveria estar pelo menos um pouco satisfeito por ter encontrado em mim mesmo um mecanismo de sobrevivência que a maioria das pessoas normais só conhece por meio de relatos sobre desastres naturais ou celas "solitárias". E é verdade que essa doença tem suas dimensões positivas: graças a minha incapacidade de tomar notas ou prepará-las, minha memória – que já era bastante boa melhorou consideravelmente, com a ajuda de técnicas adaptadas do "palácio da memória" descrito de modo tão intrigante pelo historiador Jonathan Spence.

Mas as satisfações da compensação são notoriamente fugazes. Não há graça salvadora em ser confinado a um terno de ferro, frio e inclemente.

Os prazeres da agilidade mental são muito exagerados, inevitavelmente – como agora me parece –, por aqueles que não dependem exclusivamente deles.

O mesmo se pode dizer dos incentivos bem-intencionados para encontrarmos compensações não-físicas para a incapacidade. Isso é inútil. Uma perda é uma perda, e nada se ganha por chamá-la de um nome mais bonito. Minhas noites são intrigantes; mas eu poderia passar sem elas.

Tony Judt (GB).

(*) Este texto foi publicado no *New York Review of Books*, e reproduzido na *Folha de S. Paulo*. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves.

Tainha recheada, uma receita de família

A culinária, exercida como arte, não é tarefa das mais fáceis! Entretanto, se você sabe pôr amor no que faz, embora arte difícil, é das mais gratificantes.

Elaborar um prato encerra em seu ato um conjunto de fragmentos culturais que se agregaram no correr dos séculos e se transmitiram durante gerações, agregando sistematicamente experiências novas e inovações metodológicas em favor da gratificação do paladar.

Os pormenores seguidos com exigência, no decorrer da elaboração de um prato, se prendem inicialmente ao conhecimento seguro para julgar o frescor do alimento que se pretende preparar e se estendem à boa qua-

"ELABORAR UM PRATO ENCERRA EM SEU ATO UM CONJUNTO DE FRAGMENTOS CULTURAIS QUE SE AGREGARAM NO CORRER DOS SÉCULOS E SE TRANSMITIRAM DURANTE GERAÇÕES, AGREGANDO SISTEMATICAMENTE EXPERIÊNCIAS NOVAS E INOVAÇÕES METODOLÓGICAS EM FAVOR DA GRATIFICAÇÃO DO PALADAR."

lidade dos temperos e ingredientes utilizados e à inflexível exigência do cumprimento das regras de higiene que devem envolver as pessoas e o ambiente de elaboração.

A receita que apresentamos já possui muito de um toque pessoal de elaboração, mas provém das experiências que me foram transmitidas nos meados do século pas-

sado, por D. Maria Luíza Werneck Lopes e D. Iglantina Dutra de Assis, a Dona Guida, respectivamente minha mãe e minha sogra.

TAINHA (MUGIL BRASILIENSIS)

Faça você mesmo a escolha da tainha que vai elaborar, evitando o peixe congelado ou já estripado. Para tanto, a melhor época para recheiar uma tainha é nos meses de maio ou junho, quando temos a oportunidade de adquirir o pescado fresco. Observe a firmeza das escamas, a coloração das guelras (rubras e sangran-

tes), a projeção dos olhos (não podem estar afundados) e a tonicidade da musculatura (firmeza da carne e da cauda). Prefira a tainha ovada, pois as ovas vão fazer parte do recheio. Peça ao vendedor que apenas retire as escamas, sem esfolar o peixe. Para uma tainha de 2 kg precisamos de 1 kg de camarões de tamanho médio, comprado com casca.

O segundo passo já é tarefa sua (não delegue a outrem). Lave bem o peixe em água corrente e retire as escamas remanescentes que ficam junto às barbatanas e na cabeça. Enxugue com um pano apropriado, da cabeça em direção à cauda para não ser espetado pelos espinhos que estão nas barbatanas.

O terceiro passo é o mais delicado e consiste em abrir o peixe pelas costas. Faça uma incisão dorsal, partindo da cabeça, na linha mediana, contornando as barbatanas dorsais (duas). Aprofunde um pouco esse corte, à esquerda e à direita da barbatana, até um ponto em que pela simples tração a barbatana se destaque, trazendo consigo todos os espinhos. Pela palpação busque, no centro do corte, a projeção da espinha dorsal. Vá cortando a musculatura bem rente à espinha, de um lado e de outro, de maneira a expor toda a espinha, da cabeça à cauda, com um mínimo de perda de carne das duas postas que se formam. Estando a espinha vertebral totalmente livre, faça um corte à altura da cabeça e outro na zona da cauda. Esse corte exige força e a melhor maneira de fazê-lo é com uma pequena tesoura de podar, que já faz parte do instrumental culinário. Em seguida, agarre a espinha na região caudal e faça seu arrancamento até a região da cabeça.

Quarto passo. Antes de estripar, volte o peixe para o lado ventral e faça a retirada da barbatana ventral, como fez com as dorsais, levando o corte até a região da cloaca anal, que deve ser recortada circularmente até a liberação total da barbatana.

Quinto passo. Volte o peixe de novo com o dorso para cima e vá à cabeça para a total retirada das guelras, recortando circularmente a membrana que prende os elementos da cabeça ao tórax do peixe, preparando para a retirada desses órgãos, posteriormente, junto com a retirada dos órgãos abdominais, através da grande abertura dorsal.

Sexto passo. Volte à grande abertura dorsal e abra o saco peritonial com uma incisão longitudinal e retire a manta de gordura branca que se encontra nos dois lados. Esta gordura, se não retirada, torna o assado gorduroso e enjoativo.

Com a mão esquerda colocada na porção superior da abertura, tracionando para baixo todo o bloco de vísceras que será removido, faça o descolamento, com uma tesoura de bico, dos ligamentos que ainda prendem a massa visceral que se deseja remover. Notar que do lado direito se encontra o fígado e sob ele a vesícula biliar, que não deve ser cortada, sob pena da bile se derramar sobre a carne, emprestando-lhe um sabor amargo. Com uma tração delicada e cortando sempre qualquer ligamento que ainda esteja prendendo as vísceras, retire a massa em bloco até a cloaca anal que já foi recortada e que será retirada junto com a barbatana que se encontra junto a ela. Observe que o leito onde se encontrava a vesícula biliar, não estando manchado de verde, corresponde a mais um indício do frescor do pescado. Separe cuidadosamente as duas ovas das tripas, sem rompê-las. Lave-as e salgue com bastante sal. Guarde-as separadas na geladeira, até o momento do recheio.

Sétimo passo. Sob água corrente, lave o peixe e retire todos os resquícios de sangue coagulado ou remanescentes de guelras que não tenham sido removidas. Enxugue com um pano adequado. Você vai notar que o leito do pescado se reveste de uma superfície de pigmento negro que precisa ser inteiramente removido. O melhor macete para esta operação é esfregar vigorosamente com um chumaço de papel toalha e repetir a operação até que todo o pigmento tenha sido removido. Sua

permanência também determina mau gosto ao assado!

Oitavo passo. Agora a operação principal: com uma faca bem afiada ou um estilete, faça uma abertura em cada bainha que abriga as espinhas, o suficiente para que a espinha solte; retire uma a uma, sem parti-las, até que nenhuma tenha restado. Palpe toda a carne do pescado e vá retirando todas as espinhas menores até ter certeza que desossou todo o peixe. Somente assim poderá depois fatiá-lo, isento de qualquer espinho.

Volte a lavar e, em seguida, com um gancho de açougueiro, pendure a tainha por uns 10 minutos para escorrer toda a água.

Enquanto isto, limpe inteiramente todo o local de trabalho antes da operação de temperar.

Sobre uma tábua de cozinha disponha o peixe, salgando toda a carne parcimoniosamente (lembre-se que a carne molhada pega muito o sal). A experiência permite que se use a quantidade adequada. Esprema um limão sobre toda a carne salgada, amasse folhas de alfavaca e as distribua por toda a superfície da carne. Sal, limão e alfavaca são os únicos temperos que devem ser usados na carne do peixe.

Recheie, costure e ponha para assar em forma adequada em tamanho, sobre papel manteiga dobrado 4 vezes em uma largura de 15 cm x comprimento da tainha mais uma sobra de 10 cm na cabeça e na cauda. O papel manteiga forrado com rodela de batata crua ou com talos de erva-doce evita que o peixe grude na forma ou no papel.

Temperatura do forno inicial de 150 graus durante 40 minutos, o assado coberto com papel alumínio. Depois eleve a temperatura para 200 graus por cerca de

"OS PORMENORES SEGUIDOS COM EXIGÊNCIA, NO DECORRER DA ELABORAÇÃO DE UM PRATO, SE PRENDEN INICIALMENTE AO CONHECIMENTO SEGURO PARA JULGAR O FRESCOR DO ALIMENTO QUE SE PRETENDE PREPARAR E SE ESTENDEM À BOA QUALIDADE DOS TEMPEROS E INGREDIENTES UTILIZADOS E À INFLEXÍVEL EXIGÊNCIA DO CUMPRIMENTO DAS REGRAS DE HIGIENE QUE DEVEM ENVOLVER AS PESSOAS E O AMBIENTE DE ELABORAÇÃO."

1 hora; retire o papel alumínio e deixe dourar por mais alguns minutos.

Deixe arrefecer e use as sobras do papel manteiga para erguer o peixe da assadeira e o transferir para o prato no qual será servido. Fatie com uma faca elétrica.

O recheio de farofa de pão torrado: 1 kg. de camarão descascado e estripado, temperado com sal e pimenta, cozido rapidamente em molho bem apurado de tomates (o cozimento excessivo endurece o camarão). Deixe arrefecer para misturar o pão torrado, previamente pilado em pequenos fragmentos (não é farinha de rosca!). Agregue bastante manteiga ou margarina, ovos cozidos e azeitonas verdes e parte de uma das ovas, esfarelada.

As ovas devem ser cozidas por 15 a 20 minutos em

água, para adquirirem consistência e para que possam ser descascadas. Uma das ovas deverá ser colocada inteira no leito do peixe antes de receber o recheio.

A costura deve ser realizada com pontos em "U", em vai e vem, na abertura ventral e na dorsal. Uma forma prática de costurar é espetar os lados da abertura transversalmente com espetinhos metálicos distanciados 4 cm um do outro e correr o fio de costura em ziguezague, de cabeça à cauda, tantas vezes quanto suficiente para que a tainha fique bem fechada.

Sirva com o remanescente da farofa e arroz.

Não esqueça do vinho branco adequado ao peixe assado. Bom apetite!

Dr. Reginaldo Werneck Lopes (PR).

As aventuras de um Secretário Municipal de Saúde

Com poucos meses de pleno exercício e muito aprendizado na Secretaria Municipal de Saúde de Guarapuava (PR), recebi um convite para ir a Brasília. Tudo pago durante dois dias!

Desconfiei...

Liguei para Brasília e falei com um amigo guarapuavano e coordenador técnico do Conass (Conselho Nacional dos Secretários de Saúde), René Santos:

– Oi René. Desculpe cara, mas recebi um fax urgente de um convite para ir a Brasília. Enviaram em cima da hora e não sei o que fazer.

"POBRE É ASSIM: QUANDO VIAJA – SE VIAJA – VAI DE GOOGLE EM LAN HOUSE; RICO VAI DE 1ª CLASSE NA TAM."

– Ótimo! E daí?

– Daí que eu não sei direito o que é isso. Parece até sopa de letras: "... a OPAS está financiando um projeto que o MS solicitou para ser desenvolvido pela ACEP, que por sua vez pertence à UFC, convidando-me, na condição

de entrevistado, a participar de um Grupo Focal sobre o tema "Avaliação de Processos e Práticas de Gestão Governamental em Saúde – Módulo Municipal".

– Que ótimo, vai ser bom para você!

– Olhe René, eu tenho que responder logo se vou ou não. Isso é coisa séria mesmo? Isso de Grupo Focal me lembra vagamente sexo grupal...

Com a calma de sempre, ele me perguntou:

– Quem é o coordenador?

– Um tal de Alcides Miranda.

– Pode ir tranquilo. Conheço o Alcides Miranda. Já trabalhamos juntos (Com quem ele não trabalhou junto, pensei). Além disso, a Universidade Federal do Ceará é muito séria e a Organização Mundial de Saúde não iria gastar dinheiro à toa com projeto do Ministério da Saúde que não fosse sério.

– E por que eles não falam mais claramente?

Por que gestão é assim mesmo. Tem termos que são

mais usados. Você precisa ir se acostumando...

– Bom, então eu posso pactuar um aditivo para repasse fundo a fundo e ir tranquilo?

Risos e mais risos...

– Já estou vendo que você tem aprendido algumas coisas nestes últimos meses. Não precisa pactuar nada não. Está tudo pago. Pode vir tranquilo que eu te ligo.

Há exatos 16 anos que não viajo de avião. Há precisamente 16 anos que também não deixo a minha família para dormir fora, por motivos particulares, que não vêm ao caso neste momento.

Liguei para minha esposa.

– Vá Saulo. Eu já aprendi a aplicar o hormônio de crescimento no Ricardo desde que você se tornou secretário. Eu sabia que teria que viajar com frequência.

Com 50 anos de idade, eu ainda não conhecia Brasília... Fui.

A viagem de ida foi ótima, apesar da tempestade sobre Guarapuava e Curitiba, naquele 25 de abril de 2007. A Parati oficial do gabinete foi me levar até Curitiba. Queria ir de ônibus, mas toda equipe insistiu que fosse de carro. Era mais digno, diziam. Cheguei na hora certa para o *check-in*, mas suave para não perder o voo. Tudo pago. Já pensou se perco uma viagem de avião com tudo pago? Jamais. Enfim, o voo foi com turbulência até Brasília. Descobri que apesar de ser acrofóbico (pavor de alturas), não tenho medo de voar. Raciocinei que deveria ser por causa da velocidade... A decolagem é o momento mais eletrizante. Parece que estou num Porsche (esclareço que nunca dirigi um). A curva acentuada sobre a cidade e a subida lembram as viagens virtuais realizadas através do Google Earth.

Pobre é assim: quando viaja – se viaja – vai de Google em Lan House; rico vai de 1ª classe na TAM.

Como sempre fui uma pessoa com certa "tendência ao sobrepeso", pensei comigo: agora vem aquela "baita" refeição surpresa!

Ah se o Romão fosse vivo...

A TAM oferece um sanduíche pastoso de queijo com



Fita, pastel encerrado, 1974

frango, queimado dentro de um pacotinho, que lembra vagamente uma esterilização que fazemos em Posto de Saúde usando panela de pressão...

Bebida? Bem, entre o suco artificial e a coca (que tomo todos os dias em casa) pedi uma cerveja. Como tenho um problema auditivo, havia entendido Skol. Deram-me Sol, que nunca havia tomado antes. Afinal, na falta de opção e com tudo pago, tomei.

Não é ruim não. Dá para tomar tranquilo.

Já o sanduíche fez-me lembrar dos tempos de residência médica...

Depois soube que, quem veio pela GOL, recebeu uma barrinha de cereal. Que tragédia.

Que pobreza.

Que falta de imaginação.

Ou melhor, que economia!

ENFIM, BRASÍLIA

Aeroporto Internacional JK.

Imenso. Moderno. Plataformas de embarque: várias.

Aviões: só da TAM e da GOL. Todos pequeninos e com muitos passageiros a bordo. Também pudera: o espaço

"AVIÕES: SÓ DA TAM E DA GOL. TODOS PEQUENINOS E COM MUITOS PASSAGEIROS A BORDO. TAMBÉM PUDERA: O ESPAÇO ENTRE AS POLTRONAS "FICOU SOB MEDIDA". A BANDEJA APOIA-SE QUASE EM NOSSA BARRIGA E QUASE NÃO HÁ RECLINAÇÃO DA POLTRONA. ALIÁS, UMA SÁBIA MEDIDA PARA EVITAR QUE A BANDEJA IMPEÇA A NOSSA RESPIRAÇÃO ABDOMINAL."

entre as poltronas "ficou sob medida". A bandeja apoia-se quase em nossa barriga e quase não há reclinaco da poltrona. Aliás, uma sábia medida para evitar que a bandeja impeça a nossa respirao abdominal.

Esperei um pouco para a saída dos mais afobados e tratei de apanhar minha "bagagem".

"SE JORGE LUIZ BORGES FOSSE VIVO, PODERIA ATÉ ME ACONSELHAR A LER "INSTANTES", DE SUA AUTORIA. NÃO S O LI, COMO O TENHO GUARDADO DEBAIXO DO VIDRO DE MINHA MESA DE TRABALHO. TALVEZ ATÉ PARA ME LEMBRAR A "TENTAR SER NORMAL". S PARA A PRÓXIMA ENCARNAO, ACREDITO."

H uns quatro anos, ganchei de presente um porta-terno da "Primicia", que veio até com manual de instrues! Chiqurrimo! Guardei-o numa grande sacola plástica e pensei que nunca iria utiliz-lo. Confesso que fiquei orgulhoso de tê-lo guardado para um momento tão nobre.

Dentro dele, acomodei meu único terno preto, comprado logo após o convite para a Secretaria de Saúde.

Além do terno "filho único", coloquei duas camisas e três gravatas, além dos costumeiros trajes íntimos. Sapatos, só os dos ps. Chinelo nenhum. Mas ficou prático. Evitaria bagagem para ser despachada.

Além do porta-ternos, levei também uma maleta médica de mão, argentina, comprada havia mais de 25 anos. Nesta, acomodei meu celular, carteira, caneta, papéis, um computador de mão e a famosa máquina fotográfica digital (adoro fotos), além dos carregadores do celular e Palm.

Se Jorge Luiz Borges fosse vivo, poderia até me aconselhar a ler *Instantes*, de sua autoria. Não só o li, como o tenho guardado debaixo do vidro de minha mesa de trabalho. Talvez até para me lembrar a "tentar ser normal". Só para a próxima encarnao, acredito.

Enfim, porta-ternos num braço e maleta noutro, sa do avião.

Corredor para c e para lá e finalmente o saguão de desembarque. Uma multidão de pessoas, algumas dezenas com cartazes de eventos nas mãos. Fui lendo um a

um. Nada do meu...

Mau agouro, pensei...

Resolvi pegar um táxi até o hotel. Fiquei horrorizado com o preço: R\$ 50! Vou repetir: cinquenta paus! Um roubo!!! Pedi um recibo em nome da Prefeitura e fui fazer o *check-in* do hotel. Bom hotel. Eu não diria nem timo, nem maravilhoso. Bom.

Mal entrei no apartamento, toca o celular. Era o René (como ele havia calculado o meu tempo de chegada eu ainda não sei). Gentil como sempre, disse que me apanharia no hotel às 8h30 do dia seguinte para um passeio. Desmaiei na cama, não sem antes ter colocado o despertador do celular e a telefonista para me acordar (se um falhar, o outro funciona. Mania de PMD ou TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo)).

No dia seguinte, após banho, barba, terno e café da manhã, fiquei à espera do René, que chegou pontualmente.

Levou-me conhecer em primeiro lugar seu ambiente de trabalho, o Conass. Um edifício maravilhoso, com uma vista privilegiada. De l, seguimos para uma reunião tripartite no prédio do Ministério da Saúde, onde fui apresentado pessoalmente ao Ministro da Saúde, José Gomes Temporão que, como eu, também estava debutando naquele dia junto com toda sua equipe.

Pousei meu olhar solidário aos iniciantes...

A sala de reuniões estava apinhada de gente e de fotogrfos por todos os lados. O assunto em pauta não poderia ser outro: o Pacto pela Saúde. Meu amigo Nardi, de Maringá, lá estava para assinar por sua cidade. Logo irá chegar o meu dia, pensei, de estar sentado mais à frente e com direito à palavra por Guarapuava. Confesso não ter dificuldade para falar em público, mas confesso que senti certo desconforto abdominal só em pensar nisso. Tenho trabalhado quase todos os dias com o "Termo de Compromisso de Gestão Municipal", que está praticamente pronto. Eu gostei. O René achou que ficou bom (ele queria mais). Mas não costumo dar o passo maior que a minha perna. Deixara claro ao prefeito as minhas intenes e ele concordou com a minha postura. Acontece

que esse termo é um contrato, feito em meu nome com o Ministério da Saúde. É de minha responsabilidade, como gestor municipal, listar metas e indicadores que deverão ser alcançados. Por outro lado, ficam explícitas quais serão as obrigações municipais realmente assumidas. Terei um documento para mostrar ao Ministério Público, que vive todos os dias em meu gabinete, que a Secretaria Estadual de Saúde tem muitas responsabilidades e que não vem cumprindo a contento, empurrando tudo para o município. Todos os problemas são do município. Até a própria população pensa desta forma, infelizmente.

Como já estava próximo do início de meu evento no hotel, despedi-me do René através de uma mensagem enviada para seu celular, fiz um gesto discreto de agradecimento e saí da sala "à francesa".

O EVENTO

Felizmente, tratava-se de uma pesquisa realmente séria e confesso que adorei conhecer 32 gestores municipais de várias cidades do país, escolhidos conforme o porte da população e as ações realizadas. Fomos divididos em quatro grupos de oito gestores para a técnica chamada de grupo focal.

A discussão era provocada por uma psicóloga e os diálogos foram gravados após nosso consentimento por escrito de sigilo absoluto. Para mim foi mais uma terapia do que propriamente um trabalho. Apesar de ficarmos confinados nos períodos das entrevistas, nem senti o tempo passar. Fiquei pasmo com a realidade enfrentada pelos outros colegas gestores. Da mesma forma, fiquei bem mais calmo quando senti que minha ansiedade era compartilhada por todos. Adorei. Se pudesse, voltaria mais vezes a fazer o mesmo tipo de pesquisa.

Agora só bastava voltar para casa.

Só isso.

A VOLTA

Consegui convencer o hotel a fazer o *check-out* após as 16h: meu voo estava marcado para 20h.

Almocei, descansei um pouco, tomei um novo banho (Brasília é muito quente) e, como havia tempo, fui fazer



Armadora, pastel encerrado, 2000

um tour pela cidade antes de ir para o aeroporto. Lógico; com muitas fotos.

Combinei com um taxista passar em quatro lugares: Memorial JK, Catedral, Praça dos Três Poderes e Esplanada dos Ministérios.

No Palácio da Alvorada tive a oportunidade de presenciar, ao longe, a troca da guarda. Realmente muito bonito. Mas confesso que senti um arrepio na nuca: bem igual ao que sentia quando passava na frente do II Exército (eu morava na Joaquim Távora, perto da Rua Tutóia em São Paulo, sede do DOI-CODI)...

Mas, de todos os lugares, o que chamou mais minha atenção foi a Catedral. Realmente é de tirar o chapéu.

A tristeza foi ver a Rodoviária de Brasília: que é isso "companheiro"???

Tem até um camelódromo! Ainda bem que não vim de ônibus, pensei...

Fomos para o aeroporto.

Check-in feito em terminal eletrônico. Como eu adoro isso!

Passeio feito pelo Shopping do próprio aeroporto, alguns presentes comprados para a esposa e filho e lá vou

" FIQUEI PASMO COM A REALIDADE ENFRENTADA PELOS OUTROS COLEGAS GESTORES. DA MESMA FORMA, FIQUEI BEM MAIS CALMO QUANDO SENTI QUE MINHA ANSIEDADE ERA COMPARTILHADA POR TODOS."

eu para o embarque.

Fui.

Aquilo estava lotado de gente!

Encontrei uma poltrona próxima ao meu portão de embarque, o 11, e liguei para minha esposa.

– Querida, fique tranquila. Acredito em estarei embarcando em meia hora para Curitiba.

Acabei me distraíndo lendo umas revistas quando achei que alguma coisa estava errada.

Conferi meu voo, o portão de embarque, mas o voo não constava na tela do monitor!

Tentando aparentar calma, peguei minha bagagem e fui à

procura de informações.

De ponta a ponta do salão de embarque, nenhum funcionário de nenhuma companhia. Pode isso?

Aeroporto Internacional JK, Capital Federal do Brasil, pensei com meus botões.

De repente, avistei um pequeno funcionário por detrás das portas de vidro. Negro "azul-marinho" (sem discriminação), baixa estatura, suado, gravata torta e com nó frouxo. Corria de uma ponta a outra do terminal. Sempre protegido da multidão pelo vidro. E eu de olho nele. De repente, ele passou o cartão para abrir a porta e apanhar uma planilha e eu entrei junto. Junto comigo, entraram outros passageiros. Queríamos apenas saber notícias sobre o voo para Curitiba e outros para São Paulo. Ora ele dizia que o avião estava em Cuiabá, ora dizia estar em Porto Alegre. Não havia coerência geográfica para suas explicações. Saiu. Voltou com um colega bem maior. Este pediu silêncio para a multidão e falou rapidamente:

– Gente: vou falar somente uma vez. Houve um problema com o avião. Mas o pessoal já achou o defeito. Estão providenciando a troca da peça no hangar e em seguida o avião será testado para ver se tem condições para voar.

Dito isso, saiu rapidamente por trás das portas de vidro.

Senti vontade de voltar ao hotel e reabrir a conta.

Soou o microfone do aeroporto.

– Os vôos para Curitiba e São Paulo irão atrasar cerca de 3h. Favor aguardar para embarque no portão 3.

Nova movimentação daquela multidão. E eu junto. Liguei para minha esposa:

– Querida, parece que todos os voos estão atrasados, inclusive o meu. Acho melhor você dormir. Devo chegar um pouco tarde em casa.

De repente, surge novamente o pequeno funcionário e grita a plenos pulmões:

– A TAM pede desculpas pelo incômodo e convida a todos para um jantar "gratuito" no restaurante do aeroporto. Quem quiser jantar, siga-me.

Nem preciso dizer que se não fosse ligeiro, iria ser pisoteado.

Não sobrou viva alma no embarque.

Até o pessoal que estava tomando café com pão de queijo largou tudo e foi jantar.

Tudo pago, até injeção na testa vale.

No restaurante (Albatroz, se não me engano) houve superlotação. Lógico. Muitos passageiros, a maioria com bagagem, sentava numa cadeira e colocava a bagagem em outra. Faltou comida. Faltou garçom. Virou um *self service* geral. Era gente abrindo refrigerante, pegando gelo, furando a fila para se servir. Uma verdadeira "zona", com o perdão da palavra.

Após quase 2 horas, novo aviso através do alto-falante:

– Senhores passageiros, favor aguardar para embarque no portão 9.

Todo mundo saiu correndo para o portão 9. À esta altura do campeonato, ninguém mais queria sentar. Todos em pé e em prontidão para mudar de lugar a qualquer instante.

Um senhor bem grande e de terno, chegou perto de mim para conversar, apoiou-se no balcão de informações e distraidamente pegou no microfone.

Foi o que bastou. Todo mundo queria falar com ele. Até ele explicar que também era passageiro levou algum tempo.

"GENTE: VOU FALAR SOMENTE UMA VEZ. HOVE UM PROBLEMA COM O AVIÃO. MAS O PESSOAL JÁ ACHOU O DEFEITO. ESTÃO PROVIDENCIANDO A TROCA DA PEÇA NO HANGAR E EM SEGUIDA O AVIÃO SERÁ TESTADO PARA VER SE TEM CONDIÇÕES PARA VOAR. "

No meio daquela discussão, soou o som irritante do alto-falante novamente.

– Senhores passageiros. Atenção. Dirijam-se imediatamente para embarque no portão E.

E? Fiquei aterrorizado. Onde fica o portão E?

Alguém gritou:

– Fica lá embaixo.

Todo mundo desceu as escadas. Arrastado pela multidão, eu me perguntava: por que térreo? Não iríamos embarcar pelas plataformas?

Achamos o portão E.

Todo mundo de pé. Aflitos para entrar em "qualquer avião".

Foi nesse instante que parou um ônibus. Eu não acreditei.

As portas se abriram e todo mundo queria entrar no ônibus!

Eu consegui sentar com o meu porta-terno e maleta no colo! Abraçado com minha bagagem de mão até o queixo, tentei levantar para dar lugar a uma senhora. Não consegui. Tinha gente sentada até no lugar das bagagens. Nisso toca meu celular. Era minha esposa.

– Querido, eu estou vendo aqui pela televisão que está havendo problemas nos aeroportos. Você está bem?

– Estou (tentando parecer tranquilo).

Mas mulher é fogo. Conhece a gente até pelo tom de voz.

– Mas onde é que você está com tanto barulho?

– Num ônibus.

– Num ônibus! Você está louco, Saulo! Até a pouco estava na sala de embarque do aeroporto.

– Querida, pode parecer esquisito, mas estou dentro de um ônibus, para pegar o avião que irá me levar até Curitiba.

– Ainda não entendi.

– Olhe, a história é complicada. Depois eu explico. Vou ter que desligar porque senão eu não posso embarcar.

E lá fomos nós, pegar o avião de ônibus, subindo pela velha e boa escadinha...

Aeroporto Internacional JK...

Houve um tempo que voar era caro e tinha um certo glamour... Nunca mais...

O avião alçou voo lotado. Gemendo para ganhar altura.

Recusei o lanche e a cerveja Sol. Só queria chegar

logo em casa.

Aterrissamos em Curitiba próximo das 2h.

O motorista da Prefeitura me aguardava no saguão. Percebeu que eu não queria muita conversa.

Reclinei o banco da Parati o máximo possível, deitei o banco, estiquei as pernas e dormi.

Chegamos em Guarapuava às 5h45.

Com tudo pago...

Dr. Saulo Ricardo Lopes (PR).

SOMBRAS

*Chegou, postou-se limitada com fâcies de pedra,
expondo alexitímica paralisia.*

*Continuou, vítima inconsequente e pendente,
umbigo doloroso do mundo
com olhos viscerais ressentidos.*

*Amou ideias caducas,
órfã de um destino irremovível,
estuário de minguado repertório.*

*Terminou, portfolio de cruces
assumidas sem razões,
erguidas nas sombras das ilusões,
exercidas em vivência latente.*

*Maga de amores impossíveis,
derreteu sentissências avulsas,
fragmentos de larvas gélidas,
torrentes despidas e amorfas.*

*Partiu, à sua semelhança,
deixando rastros de nada.*

DR. EMANUEL SÁ (PR).

*Ah, quantas vezes os médicos dão assistência a este padrão de não viver.
Quantas vezes veem seus esforços se dissipar na ausência de possibilidades.*

Memes

Aproximadamente 40% dos paciente com dissecção de aorta têm diagnóstico equivocado no início do quadro. Um terço só é diagnosticado durante a necropsia.

A dissecção é de duas a três vezes mais frequente do que ruptura de aneurisma abdominal. Portanto, a considere sempre em hipertenso crônico, principalmente a partir da sexta década, que apresente dor torácica súbita, ou nas costas, ou no epigástrico (um terço dos casos).

Como fazer o diagnóstico depois da alta suspeição clínica? Menos de 50% têm mediastino alargado à radiografia de tórax; Tomografia Computadorizada (TC), Ecocardiograma Transesofágico (ETE) e Ressonância Magnética (RM) têm as melhores sensibilidades e especificidades, mas há detalhes a conhecer.

Detalhes: A TC tem sensibilidade de 94%, mas raramente detecta um "flap" de íntima ou a presença de regurgitação aórtica.

A ETE está se tornando a modalidade diagnóstica de escolha. Tem sensibilidade de 98% e permite avaliar a localização do "flap" de íntima, regurgitação aórtica e envolvimento coronariano. E pode ser feito rapidamente à beira de leito.

A RM tem a maior sensibilidade mas é considerada impraticável para pacientes agudos, pela duração do exame e localização dos aparelhos.

Um ensaio recente com miosina de cadeia pesada de músculo liso mostrou sensibilidade de 91% e especificidade de 98%. Promete. Que se repliquem os estudos.

Baqueteamento digital recente e doloroso? Procure

carcinoma do pulmão.

Sabia que pode haver baqueteamento digital recorrente? Ocorre em mulheres sadias durante a gravidez.

Você sabia que pode haver baqueteamento dos artelhos sem ocorrer nos dedos das mãos? Essa curiosidade pode ocorrer na coarctação da aorta.

Hepatomegalia com elevação da hemicúpula frênica ocorre em casos de abscesso ou tumor.

Cautela: vitamina B12 e ácido fólico podem causar hipocalcemia nas primeiras 48h de tratamento.

Hiperalgesia e alodínia são fortemente sugestivas de distrofia simpático-reflexa em pacientes com história recente de trauma ou cirurgia.

Suspeite de vasculite do SNC em pacientes com múltiplos e pequenos infartos corticais ou subcorticais, mesmo em ausência de sinais sistêmicos de vasculite.

O desenvolvimento abrupto de qualquer déficit neurológico em paciente febril com anormalidade ao exame cardíaco deve levantar a suspeita de endocardite infecciosa.

Insuficiência renal, aguda ou crônica, é a causa mais comum de hiperpotassemia. Outras condições que elevam o potássio: insuficiência adrenal, cetoacidose diabética, rabdomiólise e intoxicação aguda por digoxina.

Drogas que elevam o potássio: anti-inflamatórios não hormonais; inibidores da ECA e bloqueadores do receptor da angiotensina; betabloqueadores e diuréticos poupadores de potássio.

Jaculatórias

A Medicina do passado tinha pouca técnica e muito espírito. A de hoje, tem boa e crescente tecnologia e muita falta de espírito crítico.

Todos os lados:

Dos críticos: Analista é um sujeito que, partindo de premissas falsas, consegue chegar a conclusões perfeitamente equivocadas.

Dos adeptos: É importante reconhecer que nossos comportamentos são decorrência de nossos conflitos intrapsíquicos e de nossos pensamentos; a psicoterapia ao identificar as armadilhas e distorções do pensamento pode remodelá-lo, ajudando o paciente a ter uma vida mais válida e útil.

Uma prática: A propósito de psicoterapia breve feita com poliqueixosos na cidade de S. José do Rio Preto, com seis meses de duração: "Tivemos 70% de desaparecimento dos sintomas com abandono de medicação e do périplo médico, e 30% dos pacientes apresentaram melhora". O primeiro dado, para essa síndrome, parece estatística de eleições em ditaduras, ou no eufemismo comum, regimes fortes. O segundo dado contradiz o primeiro e é estarecedor no resultado; igual a qualquer placebo. E corrobora Disraeli (1804 – 1881): *there are three kinds of lies: lies, damned lies and statistics*. Pergunta de um crítico mordaz: seria a psicoterapia um regime forte?

Resumo: Adeptos, críticos e trabalhos precisam sempre ser mostrados. As razões e os resultados vão sendo tecidos ao longo do tempo. Tudo é fragmentado. Inteirezas demoram. Há que haver paciência, para viver no fio da navalha entre certezas e dúvidas. Ou melhor, na certeza da dúvida.



Papel/paisagem, pastel encerrado, 2002

MOÇA

Ria, ria
de chistes e tonterias.
E quanto mais velhas
as pessoas que passavam,
mais alto, delas ria.

Com que traço de si,
tornava o deboche evidente!
Afinal, de que tanto ria?

De si, que um dia,
na própria velhice,
irá lembrar-se de como ria?

Rirá de si um dia?

DR.^a SONIA DAVANSO (PR).

Iátricas

FORÇAS OCULTAS

Prezado Jaime,

Realmente o que mais marca o humano é a contradição. E não porque contenha em si multidões como dizia de si próprio Walt Whitman. Mas porque não consegue se organizar em face da realidade, mesmo que seja acanhada sua circunstância de vida. Sempre queremos mais do que podemos ou devemos. Temos dificuldade de compatibilizar desejo e realidade, marca fundamental do equilíbrio.

Sobre o que me pedes, sou mais favorável à ideia de que o homem de talento é meio a meio genética e biografia. Esta, entendida como a luta incessante entre seu projeto de vida e sua circunstância. Só que o talento puro, se aliado à ética, desenvolve uma forma muito pessoal e reveladora de sua ação na vida, não se deixa dominar por nada e pensa por conta própria. Aquilo que certo pensador chamou de "fundo insubornável". Insubornável ao dinheiro, à ideologia engessante, à vaidade, ao poder, à religião e, por que não, à própria ciência, que não dá conta de tudo.

O talento não apenas associa ideias, tem lampejos dissociativos, que organiza com rara habilidade, no silêncio. Já o gênio é mais dissociativo persegue o imprevisto obsessivamente, ruidosamente, também à sua maneira; seguindo menos os preceitos éticos e, pelo menos para mim, com componente genético maior. Tem mais propensão organizativa para uma coisa; tem determinada inteligência absurdamente desenvolvida, digamos música, no restante continuando dissociativo e atrapalhado. O talentoso tem rompantes de gênio, mas é mais organizado no geral, sistematiza sua experiência de vida com mais clareza e distinção para dirimir dúvidas e completar o vivido. Embora saiba que sua experiência de vida não é a totalização do saber. A totalização do saber com suas nuances e contrastes é o que se chama sabedoria

da vida. Nenhum de nós podendo viver essa totalização.

Ambos são possuídos de uma força oculta, o talento para organização e o gênio para o novo, embora possam, às vezes, se misturar na mesma pessoa.

De qualquer maneira, singulares ou duplos, talento e gênio são essenciais para a novidade que perdura. Mas não esqueçamos, meu prezado Jaime, apenas como contraponto, que o gênio e o talento de um Heidegger, com todo seu prestígio, foi emprestado a Adolf Hitler. Este pareceu tê-lo enfeitado. Tanto que Karl Jaspers, desesperado com tal informação, teve com o filósofo de *Ser e Tempo* discussões homéricas, e numa delas lhe perguntou como um homem tão inculto quanto Hitler poderia governar a Alemanha. Qual não foi sua estupefação diante da resposta: "Cultura é totalmente indiferente... veja as mãos maravilhosas que ele tem!"

Por isso, meu prezado, o talento e o gênio que fazem a vida progredir também podem conter o germe do irracionalismo, tornarem-se perigosos, ver seu fundo insubornável ser substituído por uma força estranha. A ambiguidade de apenas querer ser no tempo em detrimento dos outros.

Despeço-me de você com todo respeito e lhe enviando o que pensava Flaubert: "O gênio é Deus que o dá, mas talento nos diz respeito". Boa luta!

TRADUÇÃO DE CURITIBA

Prezado Caio,

Também não sou ligado em rótulos, reducionistas e, com frequência, equivocados. Leminski não é maldito, tens toda razão. É simplesmente poeta, e dos bons. Por isso, já publicamos poesia sua. Ainda não um especial. Fica a sugestão. Também concordo ser a mais completa tradução de Curitiba; do vício ao novo, do ócio ao gênio. Um abraço.

ESCRITURAS

Prezada Ana,

Já desfilamos em edição passada algumas razões da escritura médica e da necessidade que o fazemos bem. E de seu valor terapêutico. Agora, se queres uma razão poética, leia este poema de Leonard Cohen, canadense que acumula as rubricas de músico, compositor, escritor e poeta:

The Reason I Write

The reason I write
is to make something
as beautiful as you are
When I'm with you
I want to be the kind of hero
I want to be
when I was seven years old
a perfect man
who kills.

FELICIDADE

Prezada Marina,

Felicidade, a seguir o bom senso, é ingenuidade. As pessoas vivem perseguindo-a em vão, sem nunca encontrá-la. Não sabem que felicidade é parecida com liberdade, um estado de espírito, que derivam essencialmente de uma maneira de ser e viver consentânea com a de pensar. É essa coesão que nos dá serenidade para viver. Não a procure nas estrelas ou na lua, está dentro de você mesma. Simples assim. Difícil é organizar pensamento e vivência, dar-lhes unidade. Mas tem por aí uns abençoados que são serenos por natureza. Não os inveje, dê vida à coesão. Unidade aos seus fragmentos existenciais. No seu caso, arranje uma vida para viver, e não apenas para trabalhar. Por sinal, as suas 16h de trabalho são iguais a dos pianistas visitados pelo grande Arthur Rubinstein a um conservatório russo. Sabe o que lhes disse? *Get a life!* 🗨

A Culpa é do Fidel

É um simpático filme de Julie Gavras que pode ser visto como um manifesto do conflito de gerações, versão século 21.

Ela, filha de Costa-Gavras, cineasta e ex-comunista. O filme trata de uma casa parisiense em que os pais barbudos se encontram com outros barbudos para tratar da resistência às ditaduras latino-americanas (estamos nos anos 1970, claro).

Anna é a garota feliz que tem a vida transtornada pelos intrusos e evidentemente não entende nada do que está em jogo, exceto que tudo isso perturba sua infância. Seu único canal de entendimento é a empregada e, para ela, a culpa de tudo é de Fidel Castro.

Bela maneira de mostrar como do mundo só captamos e compreendemos fragmentos, conforme as



Espera, (da série Luz e Memória) óleo e acrílica sobre tela, 2006

vozes que nos cercam e a experiência que compõe a subjetividade.

Inácio Araújo (SP).

Diálogos (Im)Pertinentes

Os amigos estavam incomodados com o inglês que, apesar dos vinte e poucos, ainda não fizera sua iniciação sexual. Arrumaram uma boa e facilitaram a coisa. Depois do encontro, curiosos, abordaram-no:

– E aí George, que tal?

– O prazer foi fugaz, a posição ridícula, e o prego muito alto.

MORAL: Não custa admitir a transitoriedade do

prazer. Nada de bom perdura, como diziam os estoicos, grandes médicos da alma. Um deles, Heráclito, cunhou seu famoso aforismo: "Não se pode pisar duas vezes no mesmo rio, pois a água em que se pisou antes já fluiu adiante". Afinal, nem nós nem o rio permaneceremos os mesmos. A única certeza que há é a da mudança. Então, antes da reflexão sobre o que se passou, precisamos sentir o que está a se passar. No caso, a alegria e a satisfação do momento. ⓘ



Palavras de mulher

Ele entra. Ela o abraça. Ele sai. Ela o puxa. Ele invade. Ela permite. Ele recua. Ela entende. Ele invade. Ela se deixa invadir. Ele explora todos os lugares possíveis. Ela consente. Ele sente que aquela mulher é toda sua. E o todo não é algo fácil de se definir. Ela sente que aquele homem é todo seu. E o todo não é algo fácil

de se definir. Os dois juntos atingem um pedaço do todo. O amor é um ensaio para Deus. Uma fatia do bolo do Cosmos. Um flerte com o divino. Ela está entregue. Ela é sua. Ele é seu.

De: "3: Um Romance para Ler de uma Só Vez", de Patrícia Carvalho – Oliveira.

O que o médico deve saber sobre “Direito”

O editor sugeriu o título deste artigo, pedindo a minha colaboração. Ao sugeri-lo, por lógica e coerência, acabou por vincular o conteúdo. A colaboração seria corriqueira, não fossem duas especiais razões: a) como se destina a médicos, o texto deve evitar o linguajar técnico jurídico e; b) ao mesmo tempo em que não se pode ser muito técnico, não se pode simplificar demais o texto, pois mesmo não sendo o médico um jurista, não se pode desprestigiar a linha editorial do periódico que, sabidamente, é rigorosa. Estas foram as premissas em que se observará no desenvolvimento do tema.

Para saber o que o médico deve saber sobre o Direito, é necessário primeiro saber o que é o Direito. Rios de tinta já se gastaram para escrever uma definição. Adotemos o conceito que diz que o Direito é o conjunto de normas que regulam condutas intersubjetivas. Isto quer dizer que o Direito é, na essência, o sistema de controle da conduta das pessoas em sociedade. Como sabido, biologicamente, não existem duas pessoas idênticas. E, em não sendo idênticas as pessoas, divergem elas em seus gostos, interesses, formas de pensar e agir. Daí porque sempre que existirem duas ou mais pessoas vivendo em comunidade, surge a necessidade do Direito para possibilitar um convívio minimamente organizado entre elas. Existindo uma só pessoa, não há utilidade para o Direito, pois não se pode fazer negócio consigo mesmo ou ocorrer disputa física ou conflito de interesses. Assim, sempre que se convive em sociedade, praticando atos ou fatos, os mesmos, via de regra, terão consequências jurídicas.

A grande maioria desses atos e fatos praticados pelas pessoas no dia a dia do convívio social não gera reflexos jurídicos relevantes, pois tem correspondência com a ética, com o bom senso, com os costumes e com a



“Sem título”, pastel encardado, 1999

educação. Como exemplo, pense na compra de um pão na padaria. Pega-se o produto, paga-se e pronto. Mas o ato por trás foi genuinamente um contrato de compra e venda. Ao comprar o pão a pessoa não pensou na obrigação jurídica de pagar. Agiu, ainda que de forma automática, de acordo com os padrões de moral e costumes vigentes, pois na nossa sociedade há séculos se paga pelo que se consome, a menos que ofertado de forma gratuita. Bem, se toda vez que estão frente a frente duas pessoas, se estará, potencialmente, instaurando uma relação jurídica com suas consequências, já se pode imaginar a imensa gama de situações que poderão surgir. Logo, este artigo tem que ser seletivo, para dizer algo específico sobre alguns (mínimos) pontos de relevância e interesse à classe médica, mas que servirão, espera-se, como um despertar sobre a importância do assunto.

Entre o nascimento e a morte, uma pessoa estará envolvida em inúmeros em atos e fatos de importância jurídica. Aliás, mesmo antes de nascer a pessoa pode ser

"O DIREITO ESTABELECE AS PROIBIÇÕES OBSERVANDO AQUILO QUE A SOCIEDADE, EM CONJUNTO, PROCURA EVITAR, PARA GARANTIR O MÍNIMO DE CONDIÇÕES PARA UM CONVÍVIO HARMÔNICO."

sujeito de direitos (admita-se, por exemplo, testar parte do patrimônio para uma criança que ainda não nasceu). E para que a pessoa pratique ou seja beneficiária desses atos e fatos, deverá quem os pratica observar se o ato ou fato que se pretende praticar é proibido ou permitido pelo Direito.

"NO ÂMBITO PROFISSIONAL, MÉDICO TEM GRANDE LIBERDADE PARA OPTAR COMO IRÁ ORGANIZAR, JURIDICAMENTE, O EXERCÍCIO DE SUA PROFISSÃO. O DIREITO FACULTA QUE O MÉDICO PRESTE SERVIÇOS DIRETAMENTE NA PESSOA FÍSICA OU MEDIANTE A UTILIZAÇÃO DE UMA PESSOA JURÍDICA, COM UMA DIFERENÇA SIGNIFICATIVA NA FORMA DE TRIBUTAÇÃO DOS GANHOS DEPENDENDO DA OPÇÃO ESCOLHIDA."

Conforme a pessoa vai se desenvolvendo e se tornando capaz de praticar atos em sociedade (o que, juridicamente, ocorre com a maioria ou mediante a emancipação), começa a desabrochar um leque de possibilidades de condutas cuja prática, de acordo com o Direito, é obrigatória (por exemplo, pagar tributos, votar), permitida (comprar e vender um imóvel) ou proibida (roubar).

Então, como deve se portar o médico perante estas regras de conduta, para evitar violá-las e (esta é a regra de ouro para qualquer pessoa) para se conduzir de forma inteligente, optando por uma ou algumas condutas entre as várias permitidas?

Não é necessário se alongar muito para explicar a racionalidade existente por trás da proibição de certas condutas. O Direito estabelece as proibições observando aquilo que a sociedade, em conjunto, procura evitar, para garantir o mínimo de condições para um convívio harmônico. Quem viola a regra, praticando a conduta proibida, sofre uma punição igualmente estabelecida pelo Direito. De outro lado, a pessoa que não pratica nenhuma das condutas proibidas não se incomoda com os reflexos da sanção.

Já quando a conduta é prevista como obrigatória pelo Direito, não se pode agir contra o que diz a lei. Há uma submissão da conduta ao preestabelecido na

norma. Assim, não se pode ter um filho e dizer a ele que o mesmo terá este ou aquele direito. O direito de um filho é aquele previsto em lei e o seu nascimento gera, para pais e filho, *ipso-facto*, a observância destas regras. Nestes casos não é dado à pessoa criar outras regras ou afastar as existentes.

Entretanto (e felizmente), a grande maioria das condutas reguladas pelo Direito não é proibida nem obrigatória, mas sim permitida. Em virtude disto, é possível criar com grande liberdade regras e condições para regular um sem número de situações. E é aqui que deve prestar atenção o médico para a relevância e potencialidade do Direito em sua vida.

A grande maioria das condutas permitidas pelo Direito é exatamente as que regem eventos significativos da vida adulta, envolvendo aquelas relações jurídicas continuadas no tempo, que não se exaurem em um só ato, como a compra e venda do pão. Assim, o Direito permite que o indivíduo namore; case; exerça uma profissão (e, com ela, assuma a responsabilidade civil de seus atos em face de sua atuação); forme sociedade, civil ou comercial, com outras pessoas; adquira patrimônio (e, assim, tenha sua renda e patrimônio tributados), estabelecendo o Direito, inclusive, as consequências da morte (transferência de patrimônio para herdeiros e/ou legatários etc.).

E é no exercício dessa liberdade para a prática de determinadas condutas que o médico deve estar atento para implicações pessoais e profissionais do Direito na sua vida.

PALAVRAS DE MESTRE II

"Da briga do homem com os outros surge a retórica; da briga do homem consigo mesmo nasce a poesia."

WILLIAM BUTLER YEATS (1865 – 1939),
poeta irlandês.

No âmbito pessoal, tome-se o exemplo do casamento. Ao se casar, pode-se optar por um dentre os vários regimes estabelecidos na lei, que irão reger o que acontecerá com o patrimônio do casal. A lei também prevê que, caso as pessoas convivam como se casadas fossem mas não optem por formalizar o vínculo, aplica-se um determinado regime sobre as relações do casal (o regime da comunhão parcial).

Saibam, pois, que:

a) a convivência de fato (namoro) por período de tempo, com ostensividade social, gera direitos patrimoniais às partes idênticos ao regime da comunhão parcial (tudo o que se adquiriu na constância do relacionamento será partilhado em partes iguais). Ainda que esta situação de convivência sem casamento formal, em certo grau, possa ser regulada em contrato de convivência, o melhor conselho é: casem, optando por um regime de casamento que mais expresse a vontade de ambos, relativamente à questão patrimonial. Não se deve deixar para um juiz ou tribunal decidir aquilo que se pode decidir agora em conjunto, de maneira amigável;

b) Ao escolher um dos regimes de casamento é de boa prática levar em consideração a posição patrimonial já existente por cada um dos noivos, seja por conquista própria seja por herança já ocorrida ou em perspectiva de ocorrer. Natural, quanto a isto, também, a opinião dos pais sobre o regime de casamento dos filhos, mormente quando se fala em patrimônio familiar.

Além disto, como a morte é inevitável, preparar a sucessão sob o ponto de vista patrimonial é um ato de inte-

ligência e, via de regra, de discernimento da questão para a próxima geração. O médico precisa saber que o testamento é instrumento jurídico extraordinário, que tem sido relegado na grande maioria das vezes, diante do preconceito e vinculação de sua existência ao evento morte. Ninguém conhece melhor os filhos do que os pais. Conhecem as potencialidades, as virtudes, as habilidades, mas também conhecem os defeitos e os riscos de conduta de cada um. E os bens adquiridos em vida podem (e devem!) ser protegidos pela família e para a família. Análise desapassionada dos pais, sobre cada filho, poderá levar a construções jurídicas de proteção do patrimônio da família, considerando-se o evento morte (que é certo), sem ofender os direitos sucessórios de cada um. É comum no dia a dia da advocacia se observar patrimônio sendo destruído por falta de habilidade dos herdeiros. Mas o médico deve saber que isto pode ser evitado, com a conjugação do testamento, da interposição de uma pessoa jurídica que será a proprietária dos bens, e com a conjugação, inclusive, de regras de direito estrangeiro na questão.

No âmbito profissional, médico tem grande liberdade para optar como irá organizar, juridicamente, o exercício de sua profissão. O Direito faculta que o médico preste serviços diretamente na pessoa física ou mediante a utilização de uma pessoa jurídica, com uma diferença significativa na forma de tributação dos ganhos, dependendo da opção escolhida.

Criar uma pessoa jurídica (isto é, uma sociedade simples ou empresária), é relativamente fácil. Contudo, não se deve cometer o mais comum dos erros, ao constituir uma sociedade usando atos constitutivos (contrato social) pré-impressos ou cópias de cópias que estão ao acesso de todos. Deve-se meditar sobre tudo e sobre todos que estão envolvidos neste evento, pois o Direito autoriza que as partes incluam nos atos constitutivos de

"MESMO EXERCENDO UMA
PROFISSÃO PERMITIDA PELO
DIREITO, O MÉDICO PODE
GERAR UM DANO (PREJUÍZO)
A OUTRA PESSOA, AINDA QUE
SEM A INTENÇÃO E, POR ISSO,
SER RESPONSABILIZADO."

DO CADERNO VERDE II

Para que ninguém se perca na arrogância do pouco saber um alerta de R. L. Stevenson: "Existe tanto bem no pior de nós e tanto mal no melhor de nós que cabe a todos nós não falar sobre os demais".

uma pessoa jurídica infundáveis regras de gestão, administração, convivência societária, distribuição de lucros sucessão, dentre outros. Logo, não se deve deixar de exercer na plenitude esta liberdade que a lei dá caso se opte por exercer a atividade médica mediante a utilização de uma pessoa jurídica. Até mesmo porque sociedade é como um casamento. Na hipótese do amor/convivência dos sócios virar ódio (e isto é comum...), estar em uma sociedade que tenha um contrato social mal redigido é o mesmo que ter uma infecção sem antibiótico à mão.

Idêntica cautela no uso da liberdade concedida pelo Direito deve ser considerada pelo médico no caso dos bens que o mesmo adquire em virtude do exercício da sua profissão. O patrimônio deve ser adquirido na própria pessoa física ou em uma pessoa jurídica controlada pelo médico e seus familiares? Na velha tradição da Europa continental, tudo se resolve na pessoa física! Contudo, isto é uma concepção que se entende ultrapassada! Na grande maioria das vezes, uma empresa familiar que serve para aquisição dos bens é, de longe, a melhor solução, seja pela tributação diferenciada das rendas geradas pelos bens (por exemplo, aluguel de imóveis), seja pela previsibilidade e agilidade da gestão de seu patrimônio quando do evento morte do autor da herança. Neste tópico, também, há grande relevância a escolha do próprio tipo jurídico da sociedade a ser criada (se uma sociedade limitada, se uma sociedade anônima etc.). Some-se a isto que, no Brasil, o viés tributário de um negócio pode ser decisivo entre o seu sucesso e o seu fracasso, entre a rentabilidade máxima possível e a rentabilidade mínima de mera sobrevivência da operação. Mas o que se observa, neste ponto, é a desinformação generalizada dos vários regimes de tributação oferecidos pela lei por parte de profissionais alheios à área jurídica. E por este desconhecimento é comum se pagar mais, muito mais, do que o mínimo possível previsto em lei.

Por fim, o médico deve sempre saber que mesmo a prática de condutas permitidas pelo Direito pode acar-

retar consequências jurídicas relevantes. Tome-se por exemplo a responsabilidade pessoal do profissional da Medicina. Esta é intrínseca à atividade. Mesmo exercendo uma profissão permitida pelo Direito, o médico pode gerar um dano (prejuízo) a outra pessoa, ainda que sem a intenção e, por isso, ser responsabilizado.

Pelo pouco que se disse nas linhas anteriores, se observa a extensão do tema. Ousaria, contudo, fazer um paralelo com a Medicina e resumir para o médico um único conselho, sobre o que deve saber sobre Direito: consultar sempre um profissional da área, com habilitação específica. Não se recomenda fazer cirurgia oftalmológica com um cirurgião ortopédico e vice-versa. No Direito é a mesma coisa. Trata-se de uma ciência, com pressupostos e métodos científicos, e dizer que se domina tudo é dizer que na verdade não se domina nada, tão grande a especificidade dos mais variados campos do Direito. O profissional ético saberá seus limites de atuação e orientará sempre o cliente no sentido de buscar o colega com atuação específica na área em que se tem a necessidade. Do médico se espera o comportamento de consultar sempre o profissional do Direito e que o faça, tanto quanto possível, tal qual na Medicina, de forma preventiva.

Julio Assis Gehlen (PR).

Advogado

IÁTRICO RECOMENDA

O ELMO DE MAMBRINO, de Gilberto de Mello Kujawski, Editora: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999, Portugal.

MOTIVO: Melhor estudo sobre senso comum e bom senso, utilizando René Descartes, Dom Quixote, Edgard Allan Poe, Camões, provérbios. Ou seja, o Livro da Escola e o Livro do Mundo.

COLEÇÃO: Escritores dos Países de Língua Portuguesa.

O lado masculino

1. Aprenda a lidar com o assento da privada. Você já está uma mocinha. Se ele estiver para cima, ponha-o para baixo. Nós precisamos dele para cima, vocês precisam dele para baixo. Vocês nunca nos ouviram reclamar que ele estava para baixo, não é mesmo?

2. Domingo = esporte. É como a lua cheia ou a mudança das marés. Deixe desse jeito.

3. Fazer compras NÃO é uma forma de esporte. E, não, nós nunca vamos achar que é.

4. Choro é chantagem.

5. Peça aquilo que você quer. Fique sabendo: insinuações sutis não vão funcionar! Pistas fortes não vão funcionar! Dicas óbvias não vão funcionar! Apenas diga a coisa com todas as letras!

6. Sim e Não são respostas perfeitamente aceitáveis para quase todas as perguntas.

7. Só nos venha com um problema se você quiser ajuda para resolvê-lo. É o que nós fazemos. Para obter simpatia, procure suas amigas.

8. Uma dor de cabeça que dura 17 meses é um problema. Procure um médico.

9. Qualquer coisa que nós dissemos há seis meses é inadmissível como argumento. Na verdade, o prazo de validade de qualquer comentário nosso expira em sete dias.

10. Se você acha que está gorda, provavelmente está mesmo. Não nos pergunte.

11. Se alguma coisa que nós dissemos pode ser interpretada de duas maneiras, e uma delas deixa você triste ou zangada, nossa intenção era dizer a outra.

12. Ou você nos pede para fazer uma coisa ou nos diz como ela deve ser feita. Os dois ao mesmo tempo, não. Se você sabe a melhor maneira de fazer a coisa, está bem, vá lá e faz você.

13. Sempre que possível, por favor, diga o que você quer dizer durante os comerciais.

14. TODOS os homens reconhecem apenas 16 cores. Pêssego, por exemplo, é uma fruta, não uma cor. Abóbora é um legume. E não temos a menor ideia do que seja malva.

15. Se nós perguntamos "O que houve?" e vocês respondem "Nada", nós vamos agir como se nada tivesse acontecido. Nós sabemos que é mentira, mas é que a discussão não vale a pena.

16. Quando nós temos que ir a algum lugar, qualquer coisa que você vestir vai estar bem... de verdade!

17. Não nos pergunte o que nós estamos pensando, a menos que você esteja preparada para discutir assuntos como futebol ou mecânica de automóveis.

18. Você já tem bastante roupa.

19. Você tem sapatos demais.

Se o dileto leitor (a) quiser saber a versão feminina, compre e leia o ótimo livro *O Amor Companheiro*, de Francisco Daudt da Veiga, Ed. Sextante. E terá a agradável surpresa de encontrar um psicanalista legível, como Freud o era.

O desabafo de uma médica da “linha de frente” do sistema

Noutro dia, quando estava saindo do trabalho, passei por uma situação difícil. Sou médica em uma unidade de emergência da prefeitura. Estávamos com uma paciente que precisava de uma endoscopia. Não dispunho de tal exame na unidade, mas a paciente seria encaminhada a realizá-lo em outro hospital (dispúnhamos do agendamento para isso). Por várias vezes a família da paciente solicitou que eu fizesse um encaminhamento para que o exame fosse realizado no setor privado de saúde. Não posso fazer isso. Não posso tirar uma paciente do sistema público e encaminhá-la ao particular se tenho todo o atendimento disponível na rede SUS.

Não somos autorizados a tais encaminhamentos porque o serviço público se torna responsável por qualquer coisa que aconteça à paciente quando a mesma sai da unidade, ainda que não tenha relação com a doença de origem. No caso em questão, se a paciente fosse atropelada na rua, eu seria responsável legalmente por tê-la permitido sair da unidade.

Expliquei por várias vezes à família que poderiam levar a paciente a qualquer momento caso desejassem, mas por decisão própria, e que não encaminharia com o meu carimbo. Mas eles se recusaram a entender e iniciaram uma grande discussão, que acabou com a filha da pa-

ciente me agredindo fisicamente, além de me ameaçar dizendo que morava na favela, que gravou o meu rosto e que me esperaria na saída.

Seria menos triste se isso fosse uma situação isolada, mas não é. Escutamos recentemente sobre uma profes-

sora agredida por uma criança de doze anos, professora essa que ficou com tanto medo que negou ter sido vítima de qualquer abuso. Duas semanas antes, no mesmo local em que trabalho, o filho de uma paciente apontou uma arma para enfermeira de plantão.

Todos os dias, nos setores da saúde, educação e polícia, existem abusos morais e físicos por parte dos usuários. Nas últimas décadas no Brasil criou-se uma política de proteção ao usuário dos serviços públicos, com a filosofia de que sempre estão corretos até que se prove o contrário. São o curral eleitoral moderno. O voto de cabresto camuflado. Não recebem nenhum tipo de punição pelas autoridades, ainda que ameacem e agridam profissionais. O resultado é que se perdeu o controle e temos profissionais com medo de ir ao trabalho, sem citar os que de fato chegam a machucar-se ou, pior, perder suas vidas.

O que esperamos para que haja providências? A falência total dos serviços públicos? O abandono das escolas e dos serviços de saúde pelos profissionais?

Parafraseando Che Guevara. *"Hay que endurecer-se pero sin perder la ternura jamás!"*. Para que se entenda melhor, podemos inverter a frase, ou seja, não podemos perder a ternura, mas há momentos em que precisamos endurecer.

Por outro lado, entendendo a enorme disparidade entre nós, eu e a mulher que me agrediu, pude olhar para aquela pessoa com outros olhos. Enquanto eu penso nos meus sonhos para o futuro e nos meus estudos após a graduação, ela pensa na sobrevivência.

Não acho que a atitude em questão tenha sido fruto da discussão. Acho que foi consequência de uma situação social quase que desumana. É justo alguém ter que literalmente brigar com as próprias mãos por aquilo que considera direito à saúde? Estamos vivendo uma desigualdade social tão gritante que alguém intimida um profissional de saúde dizendo que vai chamar seus compa-

"É JUSTO ALGUÉM TER QUE LITERALMENTE BRIGAR COM AS PRÓPRIAS MÃOS POR AQUILO QUE CONSIDERA DIREITO À SAÚDE? ESTAMOS VIVENDO UMA DESIGUALDADE SOCIAL TÃO GRITANTE QUE ALGUÉM INTIMIDA UM PROFISSIONAL DE SAÚDE DIZENDO QUE VAI CHAMAR SEUS COMPANHEIROS DE FAVELA E ACHA ISSO BOM?"

nheiros de favela e acha isso bom? Correto? Resolutivo? Tal apelo deveria gerar vergonha em um cidadão comum e não orgulho. Ou apelar a um criminoso mais forte é razão de se orgulhar? Só se apela ao crime quando não se encontra socorro em outro lugar. Só se apela à força quando toda a nossa possibilidade de defesa está esgotada, quando não se tem o básico para um vida com dignidade, quando não se luta por sonhos ou ideias, mas sim por comida e um espaço para viver.

O que ela não conseguiu entender é que eu não sou a culpada da agressão da qual ela é vítima. E que comportamentos como o dela estão afastando os profissionais da saúde, educação e da própria polícia das pessoas que mais precisam deles. Para todos os colegas com os quais conversei sobre a situação, a melhor atitude seria simplesmente abandonar essa população, deixar que briguem sozinhos pelos próprios direitos... E essa postura médica gera em mim uma grande tristeza. Tristeza por reconhecer que não importa onde um cidadão more, ou qual seja a sua renda. Ele tem o mesmo direito à saúde que qualquer outro. E tristeza por saber

que isso de fato não acontece.

As queixas da população não são sem fundamento. Faltam profissionais, faltam equipamentos, faltam remédios, faltam vagas em hospitais. Ninguém nunca negou isso. Mas o que pode um médico fazer em relação a isso? O que é necessário é uma nova política governamental. Política essa que a população mais sofrida não sabe exigir. É claro que para o nosso Presidente é muito mais fácil colocar a culpa no médico. Isso faz com que ele não precise realizar mudanças. Para quem não sabe, o Presidente Lula declarou publicamente que considera o médico o culpado pela precariedade da saúde no Brasil. A atitude agressiva em relação a nós, profissionais, é talvez um grito de uma sociedade oprimida. Mas é um grito contra a pessoa errada, causando afastamento entre o cliente interessado em atendimento e o médico. Como pode isso gerar algo bom?

Como diria Josué de Castro: "Enquanto metade da humanidade não come, a outra metade não dorme, com medo da que não come".

Dra. Camila Castilho Machado Rosa (PR).

MÉDICOS DE CURITIBA HOMENAGEADOS COM A NOMINAÇÃO DE LOGRADOUROS PÚBLICOS (CONTINUAÇÃO)

Com o mesmo prazer que tivemos de publicar os nomes de colegas médicos que foram nominados com logradouros públicos de Curitiba no Iátrico nº 25, queremos aperfeiçoar um pouco mais nossa lista. Tivemos também a satisfação de receber inúmeras sugestões de colegas leitores com o nome de novos médicos que foram involuntariamente omitidos e a correção de nomes e logradouros. Aproveitamos a oportunidade para homenagear e parabenizar a todos os colegas e familiares que receberam a reconhecida e merecida láurea do poder público.

Dr. Ehrenfried O. Wittig (PR).

NOME (CORREÇÃO*)	CRM	SITUAÇÃO	PÁG.
RUA Antônio Gomes	66	Falecido	67
Rua Dr. Domício COSTA	286	Falecido	68
LARGO Dr. Haroldo Trevisan Beltrão	214	Falecido	68
Praça Dr. Jorge TROCHIMCZUK	1304	Falecido	67
NOVOS HOMENAGEADOS	CRM	SITUAÇÃO	
Largo Acir Mulinari	1180	Falecido	
Rua Paulo Mader Bittencourt	2052	Falecido	

* As palavras corrigidas estão em texto maiúsculo.

Pioneiros da Medicina do Paraná

1842

O Primeiro Médico de Curitiba

Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Mota

No ano de 1842, após a elevação de Curitiba à categoria de Cidade, era grande a necessidade de serviços profissionais de um médico devidamente habilitado.

O Dr. Joaquim Ignacio Silveira da Mota era filho do Desembargador de igual nome e de sua mulher Ana Luiza da Gama. Nascido em 1818 na Bahia, faleceu, em 1891, no Rio de Janeiro.

Formado em medicina na Alemanha, na Universidade de Giessem. Em seguida, veio para o Paraná então Comarca de São Paulo. Foi o primeiro médico formado que clinicou em Curitiba.

Filiado ao Partido Conservador foi eleito deputado à Assembléia Provincial de São Paulo, antes da emancipação; mais tarde foi deputado provincial e geral pelo Paraná.

Exerceu o cargo de Polícia de Curitiba, em 1851, quando ocorreram as graves e sangrentas disputas eleitorais de São José dos Pinhais, que muito contribuíram para a emancipação da província.

Exerceu o cargo de Vice-Presidente assumindo a administração da província. Foi Diretor da Instrução Pública em 1858.

Casou-se em Curitiba, em 1842, com D. Maria Teolinda da Conceição. Foi o tronco da respeitável família Silveira da Mota, do Paraná. São seus filhos o Desembargador Joaquim Ignacio da Silveira da Mota, primeiro Vice-Presidente do Estado, eleito pelo Congresso Constituinte de 1891, o Professor Coriolano Silveira da Mota e o Desembargador Euzébio Silveira da Mota, considerado, na época, um dos maiores filósofos do Brasil.





CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ

www.crmpr.org.br